



Castigo de amor

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland n° 11



Título original: **"PUNISHED WITH LOVE"**
Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1980
Tradução: DENISE MARANHÃO FARIA
Copyright para a língua portuguesa: 1981
EDITORA EDIBOLSO LTDA. — São Paulo
Uma empresa do GRUPO ABRIL
Composto na LINOART e impresso nas oficinas da
ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL

Meiga, tímida,
Latônia estava quase
desmaiando diante de lorde
Branscombe. Os olhos acinzentados
do homem brilhavam de ira quando ele
gritou, sem piedade: “Você é uma mentirosa,
uma mulher sem escrúpulos!” Latônia sabia que
ia ser castigada por culpa bem merecida. Por que
ela havia enganado o lorde, fingindo ser sua prima,
e viajado com ele para a Índia? Agora, em meio
à pompa e riqueza dos palácios indianos, a
farsa foi descoberta. O pior é que lorde
Branscombe escolheu um estranho
castigo para Latônia:
obrigou a moça a
se casar com ele!

NOTA DA AUTORA

Havia mais de seiscentos Estados na Índia, cujos territórios não eram governados diretamente pelos ingleses. Geralmente eram os territórios que não opunham resistência ao poder do rajá, que o tinham aceito pacificamente, sem lutas. Esses Estados variavam de tamanho e importância e tinham uma população total de setenta e sete milhões de habitantes.

Na aparência, eram Estados livres, mas, se os seus governantes desrespeitassem os desejos do rajá, receberiam um Residente ou Conselheiro Britânico.

Alguns dos Estados eram, na verdade, completamente independentes, mas outros, onde o príncipe regente governasse mal, oprimisse os fracos e tivesse hábitos desagradáveis, requeriam rígido controle.

O rajá fornecia governantas às mansões principescas, como parte do sistema de educação imperial para os jovens príncipes. Frequentemente essa educação era completada com muito sucesso.

Moldados por babás, tutores, conselheiros, pelo exemplo de oficiais visitantes e, muitas vezes, pelo estudo nas mais famosas universidades da Inglaterra, muitos dos príncipes indianos tornaram-se bastante britânicos, a ponto de alguém ter escrito: “Eles são aristocratas ingleses polidos com um verniz oriental”.

CAPÍTULO I

1883

Enquanto cavalgava pela estrada empoeirada, Latônia pensava na razão de sua prima ter lhe enviado uma mensagem tão urgente naquela manhã,

Não era comum Toni agir assim, e Latônia começou a imaginar o que poderia ter acontecido, desde a última vez em que estiveram juntas, há apenas dois dias.

Na verdade, era estranho que não tivessem se comunicado nas últimas vinte e quatro horas, porque, como Toni sempre dizia, eram mais unidas do que irmãs.

Latônia pensava em Toni como uma irmã gêmea, o que não era de surpreender: suas mães tinham sido amigas inseparáveis, antes delas nascerem.

Lady Branscombe e a Sra. Hythe eram primas irmãs, engravidaram no mesmo mês e se divertiram apostando qual delas seria mãe primeiro. A Sra. Hythe ganhou: Latônia nasceu três dias antes de sua prima.

Para que se tornassem ainda mais próximas, as duas senhoras decidiram dar o mesmo nome às filhas, pois estavam certas de que esperavam meninas.

— Naturalmente, Hubert quer um filho — disse lady Branscombe. — Qual é o inglês que não quer? Mas tenho certeza, Elizabeth, de que vou ter uma filha, e que você terá uma também.

— É incrível! Sempre sonho que meu bebê é uma garotinha! — respondia a Sra. Hythe. — Apesar de não termos nenhum título de nobreza e por isso não precisarmos de um herdeiro, Arthur quer um menino, para lhe ensinar a montar e atirar. Um filho que, mais tarde, entrara para o mesmo regimento do qual ele faz parte.

— Arthur terá que esperar!

Entretanto, elas não podiam imaginar que as duas garotas seriam filhas únicas.

Desde que nasceram, as meninas brincavam e passavam a maior parte do tempo juntas. Tinham a mesma governanta, o que era conveniente para os Hythe, que não possuíam muito dinheiro. Foi nos cavalos de lorde Branscombe que Latônia aprendeu a montar.

Felizmente, ela não sentia inveja da posição e da fortuna de Toni. Apesar de seus pais morarem numa casa agradável, porém, pequena, com alguns alqueires de terra, Latônia sabia que a atmosfera ali era bem diferente daquela na imensa mansão que pertencia ao pai de Toni.

Uma vez, disse à mãe:

— Tia Margaret e tio Hubert nunca riem como nós.

Mas Toni possuía a alegria e a vitalidade que faltavam aos pais. Não só era muito bonita, mas levada e impulsiva; quando cresceu, tornou-se muito namoradeira. Logo compreendeu que não eram sua posição social e a grande fortuna do pai que a tornavam atraente, mas sua divertida e magnética personalidade, que deixava os rapazes confusos e apaixonados, assim que a conheciam.

Lady Branscombe pensava em apresentar Latônia e Toni à rainha ao mesmo tempo e passar com elas uma temporada em Londres, o que certamente resultaria em encontrar-lhes maridos convenientes.

Infelizmente, lady Branscombe morreu em um acidente, quando caçava, dois anos antes de Toni completar dezoito anos, e lorde Branscombe arranhou que uma parente ocupasse o lugar de sua esposa. Por uma infeliz coincidência, Latônia também ficou órfã, poucos meses antes de viajar com a prima para Londres.

O capitão e a Sra. Hythe tinham ido à Índia, visitar o irmão mais novo de lorde Branscombe. Kenrick Combe tinha a reputação de ser um dos mais destacados e promissores jovens oficiais do Exército. Os comandantes se referiam a ele com respeito e seus companheiros sentiam por ele um certo temor.

Quando ocupou um cargo de importância na Índia, chamou o irmão, lorde Branscombe, para vir visitá-lo. Planejou para ele muitas festas e divertimentos e também prometeu mostrar-lhe partes da Índia nas quais estava particularmente interessado.

Infelizmente, no último momento, lorde Branscombe não pôde deixar a Inglaterra. Não apenas seus deveres na Casa dos Lordes o prendiam, mas na verdade ele não se sentia nada bem e os médicos estavam com dificuldade para diagnosticar seu problema. Decidiram, então, que ele não estava em condições de enfrentar uma viagem tão árdua e as longas festividades que o aguardavam. Assim, para não desapontar seu irmão, enviou o capitão Hythe e sua esposa para representá-lo.

— Seu pai gostará disso, pois sempre quis conhecer a Índia — disse a Sra. Hythe a Latônia. — E também é amigo de Kenrick Combe desde menino.

— Vocês certamente devem ir, mamãe, mas sentirei sua falta.

— Também ficarei com saudade, querida. Mas sei que você se divertirá com Toni. Veja lá, comportem-se. Toni sempre arranja confusão, você sabe.

A Sra. Hythe riu, ao fazer aquela observação.

Só quando sua mãe partiu, Latônia compreendeu quanta confusão Toni era capaz de armar nas vinte e quatro horas do dia. Ela ainda não fora apresentada à sociedade e, por isso, devia ficar confinada à sala de estudos, concentrada em suas lições e sem pensar em rapazes. Entretanto, sempre dava um jeito de fazer com que bilhetes lhe fossem entregues por criados que tinham sido subornados. Quando as duas saíam a cavalo pela propriedade quase sempre aparecia, como por milagre, um cavaleiro para acompanhá-las durante o passeio.

Aquilo tudo era muito excitante para Latônia, que, inocente, não via maldade em nada. Às vezes, perguntava à prima:

— Acha que está apaixonada, Toni?

— Não, claro que não! Patrick e Basil são garotos ainda. Mas gosto da maneira como me olham. Gosto de saber que estão loucos para me beijar e com medo de eu me zangar, se tentarem.

Latônia riu. Sabia que Toni dizia a verdade e que não estava realmente interessada em nenhum dos rapazes que se aproximavam dela. Ao mesmo tempo, pensava no que aconteceria no futuro, e pela primeira vez em suas vidas percebeu que ela e Toni eram muito diferentes. Latônia não desejava ter dúzias de homens correndo atrás dela. Em seus sonhos, sempre pensava em encontrar um homem a quem amaria e que também a amaria, assim como sua mãe havia se apaixonado por seu pai, no momento em que o viu.

— Eu quero um lar — disse para si mesma.

Repetiria aquilo um mês mais tarde, quando soube da morte trágica dos pais. Na última carta que recebera da mãe, esta contava sobre a viagem à Índia:

“Tudo é fascinante, e papai está aproveitando cada momento. Vai ter muito que contar a tio Hubert, quando voltarmos.

“Espero que você não se importe, querida, se decidirmos ficar mais um mês. Tenho certeza de que você está muito feliz com Toni e não vai demorar

muito para estarmos juntos novamente”.

Três semanas antes da carta chegar, o que geralmente levava dezessete dias, lorde Branscombe morreu do coração. Era uma doença que os médicos deviam ter diagnosticado mais cedo, mas só compreenderam o estado delicado em que ele se encontrava há longo tempo quando já era tarde demais. Na verdade, foi um milagre não ter morrido antes.

A notícia chegou por telegrama à Índia e Toni ficou sabendo que seu tio Kenrick, quinze anos mais moço do que seu pai, seria o quarto lorde Branscombe.

— Como ele é? — perguntou Latônia.

— Não o vejo há anos. Papai sempre se orgulhou muito dele, mas pelo que tenho ouvido, é um militar muito severo e seus subalternos têm pavor dele.

Falava como se aquilo não lhe importasse, mas Latônia já soubera, através dos criados, que o novo lorde seria o tutor da sobrinha.

Um mês mais tarde, quando voltavam da Índia, o capitão e a Sra. Hythe contraíram febre amarela. Um marinheiro foi o primeiro a cair doente, e o navio inteiro foi posto sob quarentena, ao chegar a Port Said.

Elizabeth Hythe escreveu à filha, contando como era frustrante ficar presa num navio com a bandeira amarela e não poder descer a terra.

Entretanto, não havia nada que pudessem fazer quanto a isso e, quando alguns membros da tripulação sucumbiram à terrível doença, só restava aos Hythe rezar para que continuassem imunes.

Ao saber que o pai haviam morrido, foi difícil para Latônia acreditar que nunca mais os veria. Ela os amava tanto e tinha sido tão feliz com eles, que sentiu como se uma parte de si mesma também tivesse partido. Por várias vezes, desejou ter ido com eles, pois, assim, agora não estariam separados. Mas, passado o desespero, compreendeu que a vida tinha que continuar. Seu pai não a perdoaria, se fosse covarde, recusando-se a enfrentar as dificuldades que surgiriam, agora que estava sozinha.

O que tornava tudo mais difícil era que Toni fora levada a Londres, por uma parenta, para ser finalmente apresentada à sociedade.

— Não adianta ficar aí no interior, querida criança — dissera a mulher.

— Você deve vir para Londres. Apesar de não poder ir a festas, por estar de luto, pode conhecer pessoas em minha casa. Depois de seis meses, irá ao

teatro e à ópera, e encontrará uma porção de coisas com que se ocupar.

Não incluía Latônia no convite. De qualquer maneira, ela não o aceitaria, depois que recebera a desoladora notícia da morte dos pais.

Passaram-se meses. Como Toni não voltava, Latônia compreendeu que a parenta com quem a prima agora vivia não queria assumir a responsabilidade por mais uma mocinha. A idéia dela ser apresentada à sociedade, ao mesmo tempo que Toni, foi convenientemente esquecida.

Não se importava. Era muito feliz ali no campo. Uma velha governanta, que tinha sido sua professora e de Toni, quando pequenas, morava agora na pequena casa.

A Srta. Waddesdon era uma mulher inteligente que estava envelhecendo e não desejava mais nada, além de uma vida calma. Por isso, deixava Latônia fazer tudo que quisesse.

Entretanto, sem a presença de Toni, os meses passavam monótonos. Até que, um dia, a prima voltou, inesperadamente.

Logo que chegou, mandou chamar Latônia. Ao se encontrarem novamente, tiveram a certeza de que nada mudara entre elas.

— Senti tanta saudade! — exclamou Toni. — Sugeri várias vezes à prima Alice para que você fosse a Londres, mas ela achava que eu, sozinha, já lhe causava muitos problemas.

Toni ria, enquanto falava, e Latônia fitou-a, com um ar inquisidor:

— Você está em dificuldades?

— Claro que sim! Alguma vez eu não estou? Querida, você tem que me ajudar! Não posso fazer nada sem você.

— O que é desta vez?

— Estou apaixonada!

— Oh, Toni, que maravilha! Quem é ele?

— O marquês de Seaton! Latônia engoliu em seco.

— Não acredito! Como você o conheceu? E o que o pai dele acha disso?

Não era de surpreender que Latônia estivesse espantada. O marquês de Seaton era o filho mais velho do duque de Hampton, a pessoa mais importante do condado, muito esnobe, e que considerava o povo do lugar seu inferior.

Apesar de não poder ignorar lorde Branscombe, discutiu com ele, certa vez, por causa das fronteiras de suas propriedades vizinhas. Depois daquilo, os dois cavalheiros nunca mais se falaram.

Ainda meninas, Latônia e Toni viam freqüentemente o marquês, quando caçava, e sempre desejaram conhecê-lo pessoalmente. Era bem mais velho do que elas, extremamente atraente e um excelente cavaleiro. Mas, como Latônia sempre pensava, era mais fácil o homem chegar à Lua do que ela conhecer o marquês de Seaton.

Contudo, parecia que Toni não somente conseguira conhecê-lo, mas também estava apaixonada por ele. Ouvia, extasiada, o que a prima tinha para lhe contar.

— Eu o vi na noite em que cheguei a Londres. Nós estávamos em uma festinha musical bastante aborrecida. Não me surpreendi quando ele desapareceu antes que fôssemos apresentados. Mas eu estava decidida a conhecê-lo pessoalmente, mais cedo ou mais tarde. Tentei descobrir, através da prima Alice, quem eram seus amigos e que casas freqüentava.

— E foi difícil? — perguntou Latônia.

— Não muito. Todos falam de todos, e logo soube que o marquês estava tendo um caso com uma mulher casada, muito bonita.

Ao dizer aquilo, notou que a prima pareceu chocada. Acrescentou, sorrindo:

— Todos os homens correm atrás de mulheres casadas, porque se sentem mais seguros com elas. Nunca falam com garotas, se for possível, pois morrem de medo de serem “agarrados”! Foi uma grande mudança tentar “agarrar” um homem, em vez dele correr atrás de mim.

— Posso entender isso — disse Latônia. — Você está adorável, muito mais bonita do que quando foi para Londres.

Dizia a verdade. A prima tornara-se mais sofisticada e, certamente, mais atraente do que antes. Talvez fosse porque estava mais segura de si. Além disso, o vestido que usava, de um costureiro muito caro e exclusivo, aumentava seu charme.

— Continue a falar do marquês — pediu.

— Levei mais de um mês para conseguir ser apresentada a ele. Então, resolvi que ele se apaixonaria por mim, só para fazê-lo pagar por todos os anos que aquele presunçoso duque nunca nos convidou para ir às terras de Hampton!

— De qualquer maneira, ele nunca me convidaria — disse Latônia.

— Você será convidada, no futuro, porque eu pretendo ser a marquesa de Seaton.

Latônia abriu a boca, com espanto:

— E o que o duque acha disso?

— Ele terá que esquecer a desavença que teve com papai por todos esses anos e também deixar de lado suas idéias de grandeza de casar o filho com uma princesa.

— Uma princesa?

— Você não supõe que ele acharia qualquer outra pessoa digna do filho do todo-poderoso duque de Hampton, não é? — respondeu Toni, rindo. — Oh, Latônia, Latônia! Tem sido tão divertido! Estava decidida a capturar Ivan e consegui, exceto que, ao fazê-lo se apaixonar por mim, eu também me apaixonei por ele.

— Você o ama, realmente?

— Eu o adoro! Não posso lhe explicar o quanto ele é atraente e maravilhoso! É como se todos os contos de fadas se tornassem realidade. Eu amo Ivan, ele me ama e tudo estará perfeito, quando o duque... concordar.

— Você acha que ele concordará? — perguntou a prima, em voz baixa.

— Ele concordará. Ou morrerá. Ivan e eu nos casaremos, de qualquer maneira.

— O que você quer dizer?

— O duque está muito doente. Acho que tem problemas no coração, como papai. É por isso que Ivan disse que devemos esperar um pouco, antes de contar ao pai que pretendemos nos casar.

— E se o duque recusar?

— Ivan receia que sua insistência em se case comigo possa matar o pai de desgosto.

— Então, vocês devem mesmo esperar — disse Latônia, com firmeza. — Eu disse a Ivan que estou preparada para fazer isso, por certo tempo, mas ele está tão impaciente como eu para nos casarmos e ficarmos juntos. Sendo assim, não esperaremos muito.

— Você acha realmente que o duque vai concordar?

— Ele terá que fazê-lo — respondeu Toni, e agora havia um tom rude em sua voz. — Nada e ninguém me faria desistir de Ivan, e sei que ele sente o mesmo a meu respeito. Além disso, é a justiça do amor!

— Então, pode ser até que você seja a duquesa de Hampton?

— Exatamente. E terei muito prazer, Latônia, em convidar todos os que foram desprezados por aquele presunçoso casal de esnobes todos esses anos.

— Toni, você não deve falar assim de seus futuros sogros!

— Por que não? Não estou me casando com eles! Vou casar com o querido Ivan, que é muito diferente deles. É dedicado e afetuoso. E me adora, Latônia.

— Não duvido! — Nunca vira a prima tão bonita e atraente antes.

— Seremos tão felizes! Vou lhe dizer uma coisa engraçada: Ivan achará minha fortuna muito útil.

Latônia ergueu as sobrancelhas, interrogativamente:

— Está dizendo que o duque não é tão rico como pensávamos?

— Isso mesmo. Ivan acha que seu pai deve ter administrado mal as coisas e também que gastou demais com suas idéias grandiosas e o desejo de parecer mais importante do que as outras pessoas. Contou-me que sempre há doze lacaios trabalhando nas Torres Hampton.

— Doze?

— E o duque viaja com seis batedores, em vez de quatro, como todo mundo.

Fez-se silêncio, por um momento. Então, Latônia perguntou:

— O duque já escolheu a princesa com quem deseja que o filho se case?

— Claro que sim! Ivan diz que ele — não tem só uma para escolher, mas várias. A maioria delas, de principados alemães e, naturalmente, de sangue real.

Latônia ficou calada. Pensava que, apesar de os Branscombe serem uma família antiga e respeitada e o novo lorde Branscombe ser o quarto barão, não se comparavam com o duque de Hampton, entre cujos ancestrais havia muitos membros de várias famílias reais européias. Toni olhou para ela e riu.

— Sei o que você está pensando, mas não precisa perder seu tempo se preocupando comigo. Ivan me ama e eu o amo, e nem o duque ou uma barricada de princesas de sangue azul vão nos impedir de casar!

— Oh, estou contente, querida! Não porque você será uma duquesa, mas porque será feliz, como papai e mamãe foram. Nada importava para eles, a não ser seu amor, e isso é o que eu sempre peço em minhas orações para nós duas encontrarmos, um dia.

— E eu já encontrei. Quando você conhecer Ivan, compreenderá por que ele é o único homem que fez meu coração bater mais rápido, e com quem eu sinto que quero passar o resto de minha vida.

Dirigindo-se agora ao castelo, Latônia pensava, com apreensão, se o

urgente chamado de Toni teria algo a ver com o marquês. E rezava para que nada tivesse saído errado.

Ainda não o conhecia, mas não havia dúvida, pelos bilhetes que chegavam todos os dias, assim como as flores e outros presentes, que estava tão apaixonado por Toni como esta por ele.

Arranjaram para se encontrar regularmente, em segredo, para que o duque não ficasse sabendo do interesse que tinham um pelo outro.

Como as propriedades Hampton e Branscombe eram vizinhas, havia muitos bosques perto das divisas, onde duas pessoas a cavalo podiam desaparecer por entre as árvores. Quando voltavam para casa, em direções opostas, ninguém faria a menor idéia de que haviam estado juntos.

— Seu cavaliário não acha estranho você cavalgar sozinha? — perguntou Latônia.

— Eu sempre fiz isso, como você sabe, exceto quando saio com você. Ele já está acostumado. Uma ou duas vezes, eu disse que ia me encontrar com você.

Latônia deu um gritinho assustada:

— Oh, cuidado para não dizer mentiras nas quais você pode ser apanhada. Ele pode saber que não tenho bons cavalos, no momento.

— Por que não me disse isso? Vou mandar-lhe dois, imediatamente.

— Não estava pedindo nada — falou Latônia, embaraçada.

— Bem, pois devia. Nós compartilhamos tudo, como sempre fizemos. Logo que possível, quero que você venha morar comigo.

— Estou ansiosa por isso, mas a Srta. Waddesdon foi tão boa em vir morar comigo, depois que você foi para Londres... Não posso mandá-la embora agora.

— Vou lhe dizer o que faremos. Assim que aquela aborrecida prima Alice achar que não precisa mais ficar aqui comigo, você e a Srta. Waddesdon podem vir para o castelo.

— Seria ótimo!

— E tudo será muito mais fácil. Com alguma sorte, vocês poderão vir na próxima semana, ou no começo da outra.

Latônia desejava muito aquilo, porque adorava estar com Toni. Agora, pensava que seria uma decepção, se o chamado urgente da prima significasse que seus planos tinham que ser mudados.

Ao ver o castelo surgir à sua frente, sentiu que seria divertido voltar à

grande mansão, que tanto a fascinava quando criança.

Havia muitos lugares onde brincar de esconde-esconde, e o quarto de brinquedos possuía todo tipo de jogos e bonecas que duas garotinhas pudessem desejar.

Quando chegou mais perto do castelo, Latônia deu-se conta, pela primeira vez, de que, no futuro, ele não pertenceria mais a Toni, mas ao tio. Sendo a casa da família Branscombe, Kenrick Combe viveria ali, quando voltasse da Índia. Como não o conhecia, achou que talvez não fosse mais bem-vinda como era agora. Desde que podia se lembrar, ela ou ficava no castelo por vários dias ou saía e entrava como se tivesse tanto direito de estar ali quanto Toni.

Agora, como se uma sombra encobrisse o sol, Latônia compreendeu que, depois que Toni se casasse e o novo lorde Branscombe viesse morar no castelo, ela seria uma estranha, que deveria tocar a campainha e esperar que alguém viesse lhe abrir a porta.

Decidida a aproveitar o privilégio de ser bem-vinda o maior tempo possível, desmontou na porta da frente, entregou o cavalo ao cavaleiro e subiu correndo a escada.

Havia somente um criado no saguão, ocupado, arrumando alguns papéis que haviam se espalhado com o vento.

— Bom dia, Henry! — disse Latônia, ao passar por ele, que se voltou, sorrindo.

— Bom dia, Srta. Latônia.

— Onde está a Srta. Toni?

— Lá em cima, no quarto. Ela mandou lhe dizer para subir, assim que chegasse.

Não fez menção de mostrar-lhe o caminho, pois não era necessário. Latônia já estava no meio da escada, quando ele acabou de falar.

Correu pelo longo corredor e dirigiu-se a um dos quartos principais que Toni ocupava desde que se tornara adulta. Antes, ela e Latônia, quando esta passava alguns dias com a prima, dormiam no segundo andar. Sem bater, abriu a porta e entrou.

Toni, que estava sentada junto à janela, olhando para o jardim, exclamou, alegremente:

— Você está aqui! Oh, Latônia, graças a Deus você chegou! Atravessou o quarto correndo e abraçou-a. Ficou junto dela, como fazia quando eram

crianças e procuravam encontrar consolo nos braços uma da outra.

— Eu vim, assim que recebi seu recado. O que aconteceu?

— Mal posso esperar para lhe contar — respondeu Toni.

Para surpresa de Latônia, sua voz soou rouca e, ao mesmo tempo, assustada.

— Você está perturbada... realmente perturbada. O que pode *ter acontecido? Não é... o marquês?

— Não, não, claro que não. Latônia suspirou de alívio.

— Eu estava com medo... muito preocupada que alguma coisa tivesse saído errada e o marquês chegasse à conclusão de que... afinal de contas, não podia se casar com você.

— Não, não é nada disso, e Ivan não sabe nada sobre o assunto.

— O que é, então?

Toni ficou em silêncio por um momento. Depois, disse, numa voz desesperada:

— É o tio Kenrick! Ele está de volta à Inglaterra e mandou me buscar.

Latônia afrouxou os braços ao redor de Toni e se afastou, para poder olhá-la.

— Eu não compreendo! Por que isso a aborreceria? Toni deu um pequeno suspiro.

— Vou lhe contar. Venha, vamos nos sentar perto da janela.

As duas jovens se dirigiram para o banco na janela. Na claridade, Latônia pôde ver que os olhos da prima estavam sombrios e estranhamente perturbados. Estendeu a mão para ela.

— O que é, querida? O que a está perturbando? Posso ver que é alguma coisa séria.

— É isto que estou com medo de que possa ser.

— Conte-me.

Toni suspirou novamente.

— Aconteceu há mais ou menos quatro meses.

— O que aconteceu?

— Um rapaz que conheci em Londres se apaixonou por mim e se tornou uma amolação.

— Quem era ele?

— Seu nome é Andrew Luddington. Ele estava de volta da Índia. Latônia lembrou-se de que a Índia tinha alguma relação com o tio de Toni,

mas não disse nada. A outra continuou:

- Ele era muito atraente e dançava bem. No início, achei-o interessante.
- O que você quer dizer é que flertou com ele.
- Claro! Eu flerto com todos, mas isso não significa que estivesse apaixonada por ele ou coisa parecida.

– Não... claro que não.

– Ele tornou-se cada vez mais insistente. Na verdade, como eu disse, tornou-se uma amolação. Onde quer que eu fosse, ele me seguia. Escrevia-me três ou quatro vezes por dia e, quando estávamos juntos, pedia-me para nos casarmos, de uma maneira tão violenta e descontrolada que, depois de certo tempo, comecei a achar embaraçosa.

Latônia não disse nada. Sabia que a prima causava aquele efeito num grande número de homens. Pareciam perder o controle de si mesmos. No passado, tinham acontecido alguns pequenos incidentes daquele tipo, e ficou bem claro que os encantos de Toni tornavam os homens descontrolados e, algumas vezes, enlouquecidos.

– Continue.

– Ele ficou cada vez pior. Até que, finalmente, eu lhe disse que não queria mais vê-lo.

– E o que ele fez?

– Tentou se matar!

– C... como?

– Ele usou um revólver, mas falhou. Talvez por estar tão agitado ou emocionado, que não apontou diretamente para o coração, como pretendia. Sobreviveu.

– E o que você fez?

– O que eu podia fazer? Senti muito, muito mesmo, mas não foi realmente culpa minha.

Ficaram em silêncio por um momento. Então, Latônia perguntou:

– Se isso aconteceu há vários meses, o que tem a ver com você agora?

– É que a mãe de Andrew queixou-se ao tio Kenrick.

– E ele está zangado?

– Acho que... muito zangado!

– Então, ele pediu para vê-la?

Como se não pudesse mais se conter, Toni explodiu:

– Ele disse que quer me levar para a Índia, que eu me comportei

vergonhosamente e que, é claro, a prima Alice não tem autoridade alguma sobre mim.

— Mas você precisa explicar-lhe... — comentou Latônia, rapidamente.

— Acha que ele me escutará? Não! Não está interessado nem mesmo em ouvir o meu lado da história. Apenas recebi suas ordens!

Pegou uma carta que estava sobre o banco e a entregou a Latônia. Antes que a prima pudesse ler, Toni implorou:

— Salve-me, Latônia! Você tem que me salvar! Não posso ir para a Índia, com o tio Kenrick, neste momento! Se o fizer, perderei Ivan.

Da maneira como disse aquilo, ficou bem claro para Latônia o que ela na verdade já suspeitava. O marquês, longe de realmente ter a intenção de se casar com Toni, ainda estava hesitante, pois, se o casamento fosse aborrecer seu pai, ele desistiria.

Toni não tinha dito nada que a fizesse pensar assim. Era apenas uma impressão, uma leve tensão que sentia na outra, por serem, ela e a prima, tão unidas como irmãs gêmeas. Agora, estava certa de que Toni falara a verdade: não podia deixar o marquês; não, naquele momento crucial de seu relacionamento. Vagarosamente, porque tentava pensar com clareza, Latônia alisou as folhas da carta que Toni amassara em seu desespero. Começou a ler:

“Minha querida sobrinha,

“Fiquei extremamente perturbado com a carta que recebi de lady Luddington sobre seu filho Andrew, e também por algumas conversas que ouvi, de amigos e conhecidos, com respeito ao seu comportamento em Londres.

“Parece-me que sua prima Alice não conseguiu cuidar de você tão competentemente como seu pai desejaria ou teria esperado.

“Por isso, pretendo, quando voltar à Índia, dentro de quatro dias, levá-la comigo, pois acho que será bom para nos conhecermos melhor.

“Infelizmente, é impossível para mim ir até o castelo, como pretendia. Então, peço-lhe que venha me encontrar aqui, em nossa casa na rua Curzon, o mais tardar na quinta-feira.

“Partiremos para Tilbury na manhã seguinte. Já reservei sua passagem e a minha no navio *O dessa*.

“Em seu nome, expressei meus profundos sentimentos a lady Luddington e disse-lhe que foi com grande alívio que soube que seu filho está

vivo e melhorando de saúde.

“Considero uma grande sorte que este fato tão desagradável, que reflete na honra de nossa família, não se tenha tornado público, nem saído nos jornais.

“Por favor, avise-me quando vai chegar à King's Cross Station e eu enviarei uma carruagem para encontrá-la.

Sinceramente, Branscombe.

“P.S. No caso de não lhe ter sido explicado, desde a morte de seu pai, sou seu único tutor”.

Latônia acabou de ler a carta e levantou os olhos.

— Oh, Toni, você tem que ir, querida. Como ele diz, é agora o seu tutor.

— Não irei! Eu me recuso! — gritou Toni, de uma maneira agressiva, que Latônia já conhecia há muito tempo.

— Você não tem alternativa. Afinal de contas, ele controla seu dinheiro. Pode, se quiser, tirar-lhe a mesada, se desobedecer!

— Odeio tio Kenrick! Sempre achei que papai, de certa maneira, tinha medo dele.

— Por quê?

— Tio Kenrick é muito esperto e sempre fez papai se sentir estúpido, o que ele não era. E como todos os elogiavam, obviamente papai achava injusto que seu irmão mais jovem tivesse tanta atenção.

Latônia podia compreender que lorde Branscombe ficasse aborrecido, quando tanta reverência era dedicada ao irmão e não a ele, que por direito a merecia.

— Quando estiver com ele, poderá convencê-lo — tentou consolar a prima. — Você sempre fez tudo à sua maneira com os homens, Toni, e não acho que seu tio seja diferente do resto.

— É claro que é diferente! Tio Kenrick não é um homem, é um parente, e parentes são sempre desagradáveis. Você sabe disso!

— Com exceção de nós duas — disse Latônia, sorrindo.

— Isso é diferente. Você não é parente, é uma parte de mim, assim como sou uma parte de você.

Fez uma pausa. Depois, continuou:

– Você tem sorte de não ter nenhum parente Branscombe. Apenas a querida e amável família de mamãe, que são todos como sua mãe.

Levantou-se e atravessou a sala.

– Não vou para a Índia! Não vou! Não vou! E nada me fará ir!

– Eu não disse nada, só que você deve obedecer a seu tio.

– Se eu for para a Índia, perderei Ivan. Sinto isso. Seu pai e sua mãe lhe dirão que eu não sirvo para ser sua mulher e, como ele sempre os ouviu, certamente entrará na igreja com alguma horrível princesa alemã, antes que possa compreender o que está acontecendo.

– Ele certamente não é tão fraco assim!

– Ele é, porque desde que era um bebê foi criado acreditando que a única coisa que importa é pompa e luxo e todas essas tolices. Ensinei-lhe que a vida pode ser muito mais divertida. Nós rimos e nos divertimos, simplesmente porque somos pessoas, e não fantoches que podem ser manipulados.

– E você acha que, se não estiver aqui, ele esquecerá o quanto a ama?

– Ele continuará a me amar — disse Toni —, mas achará que é seu dever fazer o que o pai quer; seu dever ser um duque e estragar a vida por causa disso.

Falou com tanta segurança, que Latônia quase pôde ver o terrível futuro de Ivan. Olhou então para o lindo e preocupado rosto da prima.

– E o que você pode fazer com respeito a isso?

– Sei exatamente o que posso fazer. Ou melhor, o que você pode fazer por mim — respondeu Toni.

Olhou para a prima, do outro lado da sala:

– Você irá para a Índia com tio Kenrick!

CAPÍTULO II

Latônia fitou Toni por um momento, antes de responder:

– É claro que está brincando.

– Não. Estou falando sério e você deve saber que é a única solução.

– Como... eu poderia saber? É... impossível!

– Se pensar no assunto — interrompeu Toni —, verá que é bem simples.

Tio Kenrick não me vê desde que eu tinha dez anos, há mais de oito anos.

— Mas ele ainda sabe como você é.

— Eu me pareço com você, assim como você se parece comigo.

Era verdade. As duas garotas eram claras, tinham olhos azuis e a mesma altura. Havia, entretanto, uma diferença: enquanto Toni tinha um rostinho maroto, Latônia era muito mais meiga e espiritual. Como não tinha a aparência sofisticada que Toni adquirira em Londres, parecia muito mais inocente. Havia alguma coisa intocável e muito jovem na expressão de seus olhos e na maciez de seus lábios, que, ao contrário dos de Toni, nunca haviam sido beijados.

— O que você está sugerindo é impossível. Vamos supor que seu tio descubra a verdade! Pense como ele ficaria furioso!

— Ele pode se zangar, mas, pelo menos, se você estiver na Índia, ou a meio caminho de lá, eu ficarei com Ivan e há grande probabilidade de o velho duque morrer dentro de alguns meses. Até mesmo, semanas.

Latônia não disse nada, mas sabia que era errado Toni desejar que alguém morresse, mesmo o duque de quem nunca tinham gostado.

— Se você for para a Índia, como seu tio deseja — disse, depois de um momento —, estou certa de que, logo que Ivan perceber que o pai está melhor, ele o deixará e irá atrás de você.

— E supondo que não faça isso? — perguntou Toni, em voz baixa.

— Ele a ama.

— Eu sei que ele me ama agora, mas você não faz idéia da pressão que fazem sobre ele para lembrá-lo de sua posição na vida, posição à qual o duque dá mais importância do que realmente tem.

— Você está pedindo, seriamente, para eu tomar seu lugar e ir para a Índia com seu tio?

— Não estou pedindo, Latônia. Estou lhe implorando de joelhos para fazer isso para mim. Minha felicidade depende de eu ficar aqui com Ivan e mantê-lo tão apaixonado por mim que, por mais que seu pai tente persuadi-lo a se casar com alguma princesa, ele recuse.

Latônia não pôde deixar de pensar que aquilo era exatamente o tipo de promessa que o duque poderia exigir do filho. Seria muito difícil para alguém, especialmente para o marquês, que era filho único, recusar fazer a vontade de um homem que estava morrendo. Entendia muito bem a apreensão de Toni, que, de um momento para outro, podia perder o homem

que amava. Ao mesmo tempo, tremia ao pensar em enganar alguém. Sabia que aquilo teria horrorizado seus pais.

— Eu quero ajudar, Toni. Sabe que amo você, querida, mais do que qualquer pessoa no mundo. Mas se me convencer a fazer algo tão perigoso como fingir ser você, tenho medo de não poder ajudá-la.

— Por quê? Nós somos tão chegadas uma à outra, que quase pensamos igual. Você sabe exatamente como eu me comportaria em quase todas as circunstâncias.

Depois, com uma piscadinha marota, disse:

— Na verdade, será muito bom para você. Terá que atrair rapazes e flertar muito, para interpretar bem o papel. E, como sempre foi mais bonita do que eu, tenho certeza de que não terá nenhuma dificuldade.

Latônia olhou para a prima, horrorizada.

— Como eu poderia fazer tal coisa? Além disso, imagino o que seu tio iria pensar! A única razão dele levá-la para a Índia é achar que tem se comportado mal.

— É o tipo de punição desagradável, bem ao estilo do tio Kenrick — disse Toni, cínica.

— Mas papai e mamãe adoraram a Índia. Será que... — Latônia parou e, de repente, exclamou:

— Oh, Toni! Eles provavelmente falaram sobre mim. E se o seu tio notar que não sou sua sobrinha, o que acontecerá?

— Por que ele notaria? Tanto quanto eu saiba, você nunca foi fotografada.

— Não, claro que não. É ainda uma novidade muito cara.

— Então, estará a salvo. Se sua mãe a descreveu, descreveu a mim também, exceto que você é a “boazinha” e eu, a “má”.

— Você não é má, querida — disse Latônia, com sinceridade. — Apenas, um pouco imprevisível no que faz e diz.

Toni riu.

— Acho que tio Kenrick ficará agradavelmente surpreso, quando a conhecer. Ou pensará que estou morrendo de medo dele.

Abraçou Latônia e disse:

— Oh, querida, eu sabia que você me salvaria. Agora, temos que fazer planos, rapidamente. Se você deve estar em Londres na quinta-feira, temos ainda muito o que fazer.

Latônia ainda parecia hesitar, e Toni explicou:

— Antes de mais nada, todos aqui em casa devem acreditar que eu estou indo para a Índia, como meu tio ordenou.

— Se tiver que fingir que partiu, onde você vai ficar?

— Não seja tola, querida. Eu vou ser você e você vai ser eu. Portanto, mudarei para sua casa, e a única pessoa que saberá da fraude será nossa velha Waddy! Você sabe que ela nunca me delatará.

Era verdade. Quando a Srta. Waddesdon fora governanta delas, Toni sempre tinha sido sua favorita, e não era apenas porque ela era empregada de lady Branscombe. Sempre escondia o mau comportamento de Toni de seus pais e, quando eles se zangavam com ela por alguma razão, a Srta. Waddesdon arranjava desculpas.

— Você realmente pretende ficar na minha casa?

— Claro! Já pensou em como será excitante me encontrar lá com Ivan?

— Na... casa?

— Naturalmente. Estou cansada de me esconder entre árvores e ficar molhada quando chove. Ele pode entrar pelo jardim e ninguém saberá que está lá, exceto Waddy, que, tenho certeza, vai querer ir cedo para a cama.

— E se o duque descobrir? Ele ficará chocado ao saber que você está só com um homem.

— Ninguém descobrirá — disse Toni, confiante. — E é mais seguro do que encontrá-lo no bosque. Outro dia, quase não conseguimos escapar, quando um dos lenhadores do duque passou por perto.

— Seja cuidadosa! Você sabe como as pessoas falam. O duque pode proibir o marquês de vê-la, de uma vez por todas.

— Ivan não obedeceria. E também isso o preocuparia. Como eu o amo, não quero vê-lo preocupado.

— Claro que não, querida — concordou Latônia. — Mamãe sempre disse que quando amamos alguém, queremos protegê-lo de qualquer coisa prejudicial ou desagradável.

— É, por isso que você vai me proteger de tio Kenrick — disse Toni, triunfante.

Latônia sabia que devia protestar mais e recusar o que Toni pedia, mas amava a prima e não queria que ela se arriscasse a perder o marquês. Tinha certeza de que Toni estava certa, ao dizer que fariam todo tipo de pressão sobre o rapaz, para ele se casar com alguém que o duque achasse mais

conveniente para ser esposa de seu único filho. E, certamente, não seria a filha de seu velho inimigo e vizinho, lorde Branscombe!

Devia pensar apenas na felicidade de Toni, pensou. Se pudesse fingir ser ela, até que se casasse com o marquês, então, por mais zangado que o tio pudesse ficar, seria muito tarde para alguém interferir e atrapalhar seu futuro.

Entretanto, estava assustada como nunca. Não apenas por ter que fazer um papel para o qual era muito mal qualificada, mas também por ir para a Índia e para um mundo do qual nada sabia.

Seus pais nunca tinham podido viajar, pois não havia dinheiro suficiente, assim como não havia dinheiro para receber os amigos tão freqüentemente como desejariam.

Quaisquer que fossem as outras razões deles terem ido para a Índia, seu pai considerava a viagem sua segunda lua-de-mel e as primeiras férias que tiravam, desde o casamento.

Como lorde Branscombe estava pagando todas as despesas, aquilo tinha sido um presente pelo qual não esperavam. Mas, pensou Latônia, com tristeza, se tivessem ficado em casa, estariam vivos, agora. Sentiu as lágrimas lhe encherem os olhos. Então, com resolução, forçou-se a pensar somente em Toni.

Sua prima estava só no mundo, assim como ela, e naquele momento nada seria melhor para Toni do que se casar com alguém a quem amava e ter um marido para olhar por ela.

Latônia sabia como ninguém que a agressividade e a rebeldia de Toni vinham da falta de amor e alegria em casa. Era impossível alguém não se sentir reprimido no castelo Branscombe. Quando Toni descobriu que os rapazes da vizinhança estavam atraídos por ela, achou tudo muito excitante, porque era algo novo.

— Não sei o que Toni faria sem você, querida — disse a mãe de Latônia. — Ela pode ser rica, pode ter uma casa muito suntuosa, mas quando saímos do castelo sempre sinto que deixamos para trás uma garotinha muito solitária.

As palavras de sua mãe faziam Latônia ter a imagem de Toni como uma pequena e frágil menina, de pé, no meio do imenso saguão de teto muito alto e cheio de retratos dos severos ancestrais Branscombe. Era como se uma menina de contos de fadas tivesse caído lá, por acaso, quando seu lugar era,

realmente, entre as flores do jardim, com o vento soprando por entre as árvores do parque.

Todo o instinto protetor de Latônia fazia agora com que só se preocupasse com a felicidade da prima. E se sua felicidade dependia de ter o marquês, então ela faria qualquer sacrifício para ajudar.

Entretanto, era um pouco difícil ordenar tudo em sua cabeça.

— Você viverá em minha casa, fingindo ser eu — disse, vagarosamente.

— Mas o que acontecerá, se alguém for me visitar?

— Waddy vai ter que ser esperta e dizer que estou de cama, com um resfriado — respondeu Toni. — Além disso, você sempre disse que não recebe muitas visitas.

— É verdade, desde que papai e mamãe faleceram.

— Só há um visitante que eu realmente desejo — disse Toni, com um sorriso que lhe iluminou o rosto. — Vai ser ótimo Ivan e eu poderemos nos sentar na pequena sala de visitas de sua mãe, sem que ninguém nos atrapalhe.

— Oh, Toni, Toni! Tenho certeza de que você não deve fazer isso.

— E tenho toda a intenção de fazer. Como já disse, será muito bom para você ver o mundo, mesmo com tio Kenrick. E lembre-se: você é adorável e todos pensarão que é uma grande herdeira. Isso, eu lhe garanto, é um ótimo cartão de visitas para muitos homens!

Latônia, entretanto, não estava prestando atenção ao fim da frase.

— Se eu devo parecer... atraente — disse, com hesitação —, preciso de algumas de suas roupas emprestadas.

— Você vai tomar emprestado quase tudo que tenho! Especialmente os lindos vestidos que comprei em Londres.

— Como posso fazer isso? E o que você vai vestir? Toni sorriu para ela.

— Meu enxoval! Já o planejei. Vai custar uma astronômica soma de dinheiro.

— Mas... e se seu tio a proibir de casar com o marquês? Ele pode fazer isso, pois é seu tutor.

— Então, será muito tarde! Eu já estarei casada. Quando ele vier correndo para a Inglaterra, posso até estar esperando um bebê.

— Toni! — exclamou Latônia, chocada.

— Não seja tão puritana, minha querida. A maioria das pessoas tem bebês, quando se casa, e Ivan certamente vai querer um herdeiro.

— Acho que você não devia falar... ou pensar nisso.

— Eu sou prática, ao passo que você sempre teve a cabeça nas nuvens. Você ainda acredita que bebês são encontrados embaixo das amoreiras. Já está na hora de acordar para a realidade.

Latônia corou e disse, rapidamente:

— Continue planejando como desempenharemos esse absurdo e assustador drama, para que ninguém suspeite de que trocamos de lugar.

— Precisamos apenas ser espertas. Direi a todos da casa que tenho que ir para a Índia, com tio Kenrick. Você me ajudará a escolher as roupas que devo levar comigo e eu lhe direi, na frente da minha camareira, que tenho muitos vestidos que não vou mais usar.

Latônia pareceu não entender.

— Não seja tola, Latônia. Eu preciso ter alguma coisa para vestir, enquanto estiver em sua casa, e quero que Ivan me ache atraente.

— Mas claro. É por isso que não deve me dar tantas roupas para levar comigo.

— Os criados do castelo e também tio Kenrick vão esperar que eu viaje com um imenso guarda-roupa de vestidos e acessórios, e tenho certeza de que as pessoas na Índia vão querer ver a sobrinha de tio Kenrick usando a última moda.

— Tudo parece se complicar a cada minuto — disse Latônia, tristemente.

— Deixe tudo por minha conta. O que tem a fazer é concordar com o que eu disser. Assim, ninguém suspeitará de que não somos quem pretendemos ser.

— E como faremos a troca?

— Estive pensando sobre isso e acho que o melhor seria eu viajar para Londres de carruagem. Isso significa que você pode vir comigo, ostensivamente, para me ver partir, e aquela cansativa Sra. Skeffington poderá ficar para trás.

A Sra. Skeffington era a acompanhante que a prima Alice enviara com Toni ao castelo Branscombe. Era uma mulher de meia-idade, viúva de um oficial do Exército que fora morto no Egito, e Latônia podia entender facilmente por que Toni a achava cansativa.

O único interesse da mulher na vida era falar das pessoas que considerava socialmente importantes e, como gostava do som da própria voz, nunca ouvia o que os outros falavam. Ficou extasiada com o luxo que

encontrou no castelo Branscombe e pretendia permanecer indefinidamente como acompanhante de Toni. Bajulava-a tão óbvia e efusivamente, que chegava a ser embaraçoso.

— Espere um minuto! — disse Toni, de repente. — Tenho uma idéia!

— O que é?

— Você sabe o quanto a Sra. Skeffington gosta daqui. Bem, não direi nada a ela ou a ninguém mais que irei para a Índia.

Latônia olhou para sua prima, espantada, e Toni continuou:

— Isso torna tudo mais seguro. Apenas direi que tio Kenrick deseja me ver e que estou indo para Londres por alguns dias, para encontrá-lo antes que parta. Pedirei à Sra. Skeffington que fique e tenho certeza de que concordará. Então, quando você chegar a Londres, enviará a ela uma carta minha, dizendo que fui para a Índia e que não preciso mais de seus serviços.

— Você acha que ela permitirá que viaje sozinha comigo?

— Ela me deixará fazer o que eu quiser e eu lhe direi que iremos juntas. Quando chegarmos a Londres, não iremos diretamente para a rua Curzon, onde o tio Kenrick está esperando, mas trocaremos de identidade em algum outro lugar.

— Onde?

— Vamos parar num hotel, por alguns minutos, e diremos ao co-cheiro que é lá que tio Kenrick está hospedado e que não precisamos mais dele.

Latônia pensou por um momento.

— Não vejo por que ele possa suspeitar, mas o que acontecerá com você?

— Eu voltarei numa carruagem — disse Toni. — Não terei medo de ir sozinha, pois sempre agi por minha conta para me encontrar com Ivan, sem tia Alice saber.

— Acho que tenho que repreendê-la por isso.

— Não perca seu tempo! Devemos pensar em como faremos para colocá-la numa carruagem alugada, com toda a sua bagagem, em direção à rua Curzon.

— Seu tio certamente vai achar muito estranho que eu chegue de tal maneira.

— Isso será bem fácil de explicar. Diga a ele que um dos cavalos perdeu uma ferradura, logo que chegou a Londres, e em vez de esperar por um ferreiro, você teve o bom senso de contratar uma carruagem de aluguel, para não deixá-lo esperando.

Latônia levantou as mãos, horrorizada.

— Mentiras! Mentiras! Oh, Toni, eu nunca serei capaz de parecer convincente como você! Seu tio suspeitará de mim, desde o momento em que me vir chegando.

— Ele não fará nada disso! Pare de se assustar, Latônia. Isso será uma aventura para você tanto quanto para mim. Se eu fosse vidente, faria uma profecia: em algum lugar da Índia, você vai encontrar um homem charmoso e fascinante por quem se apaixonará, assim como eu me apaixonei por Ivan.

— Isso é extremamente improvável — respondeu Latônia. — Ele pensaria que sou você e ficaria muito desapontado, quando descobrisse que sou só Cinderela-usando-o-vestido-de-outra-pessoa-para-ir-ao-baile.

Toni riu.

— Se ele a amar, isso não terá a mínima importância. Tenho certeza de que, apesar de Ivan estar encantado por eu ter tanto dinheiro, ele ainda me amaria, se eu não tivesse um centavo. Pelo menos assim espero.

Por um momento apenas, pareceu haver alguma insegurança e apreensão nas últimas palavras de Toni, o que fez Latônia abraçar a prima.

— Sei que o que diz é verdade, querida, e farei qualquer coisa, qualquer coisa que você me pedir, se for para fazê-la feliz.

— Eu sabia que você não me decepcionaria, Latônia. Lembre-se: ninguém sabe o que contém a carta de tio Kenrick, exceto nós duas.

Pegou a carta, enquanto falava, atravessou a sala e trancou-a na gaveta da escrivaninha.

— Agora — disse Toni — vou dizer à Sra. Skeffington e a todos que é uma amolação, mas terei que ir a Londres, para ver tio*Kenrick. Não sei por quanto tempo ele quer que eu fique e, por isso, levarei muitas roupas. Assim, mais tarde, não precisarei mandar buscar nada.

— Será que... estamos... agindo certo? — perguntou Latônia, preocupada.

— Qualquer coisa é certa, desde que eu possa ficar aqui, com Ivan.

Três dias mais tarde, Latônia e Toni viajavam para Londres numa enorme e confortável carruagem. Latônia sentia medo e angústia, a cada quilômetro que avançavam.

Já se sentia bastante estranha, usando um dos vestidos mais caros da prima, com um casaquinho de veludo abotoado na frente e, para o caso da noite ser muito fria, um pequeno abrigo de *vison* no pescoço. Toda a sua

roupa era de seda e tão diferente daquela que costumava usar, que começava a sentir que era uma criação da imaginação de alguém.

Quando viu a quantidade de malas e caixas de chapéus que Toni achava necessário levar, teve a impressão de que tudo não passava de um sonho, do qual seria desagradável acordar. Todas as noites, desde que concordara com os planos da prima, ficara acordada e preocupada, pensando se estava agindo certo. O que sua mãe ou seu pai diriam por ela ter aceito participar de tal fraude? Mas, ao mesmo tempo, eles também amavam Toni como se fosse sua própria filha, e certamente iriam querer vê-la feliz.

No entanto, depois de conhecer o marquês, Latônia ficou certa de que ele era a pessoa certa para ser marido de Toni. No passado, quando o via à distância, nos campos de caça, sempre o achava frio e rude como o pai.

Na véspera de partirem, Toni e ela cavalgaram juntas para um bosque na fronteira das duas propriedades e encontraram o marquês, que as esperava numa clareira. Quando olhou para Toni, sua expressão mostrou que não havia dúvidas: estava desesperadamente apaixonado. Ao cumprimentá-lo, Latônia sentiu sua mão firme e percebeu que era o aperto de mão de um homem forte e protetor.

— Toni contou-me como você está sendo bondosa para nós — disse ele, numa voz grave. — Não sei como lhe agradecer e mostrar nossa gratidão.

— Eu quero a felicidade de Toni.

— Eu também — respondeu o marquês. — Mas espero que você entenda como é impossível para mim contrariar meu pai, agora que está tão doente.

Eles se sentaram num tronco caído e conversaram por muito tempo. Quando voltavam para casa, Toni perguntou, ansiosa:

— Agora, diga-me: o que acha dele?

— Acho que é fascinante! Querida, é exatamente o homem com quem eu queria que você se casasse.

Toni deu um gritinho de alegria.

— Eu sabia que você diria isso, Latônia. Eu o amo e serei uma boa esposa. E mais: também vou ser uma duquesa muito boa. Não como a emproada da mãe dele.

— Você não devia falar assim.

— Eu não diria tal coisa a Ivan, pois sua mãe está morta, mas você sabe, tão bem como eu, o quanto ela foi desagradável com mamãe, depois que o duque e papai discutiram por causa das fronteiras. Quando a rainha veio às

Torres Hampton, a duquesa, deliberadamente, riscou o nome de mamãe da lista de pessoas que seriam apresentadas a Sua Majestade.

— Você precisa esquecer tudo isso — disse Latônia. — Só vai aborrecer o marquês, se continuar a lembrá-lo de coisas que aconteceram no passado. Pense no futuro.

— É exatamente o que pretendo fazer. Enquanto meu futuro for com ele. E será, pois eu o amo e ele me ama.

Foi aquilo que fez com que Latônia decidisse: por mais difícil que fosse, ia garantir que Toni se casasse com seu marquês.

Entretanto, quando chegaram a Londres e pararam no tranqüilo e caro hotel onde Toni reservara um quarto, Latônia sentiu os lábios secos e o coração descompassado.

Porém, havia pouco tempo para conversar, pois como Latônia esperava, o marquês ficara horrorizado com a idéia de Toni viajar sozinha de volta e combinou encontrá-la perto de Londres.

— Agora, tenho que tomar uma carruagem de aluguel, para ir ao encontro de Ivan. Ele tem uma carruagem fechada, e ninguém nos verá viajando juntos. Desde então, serei a Srta. Latônia Hythe, e você, a ilustre Latônia Combe, e não se esqueça disso!

— Você disse Latônia?

— Tio Kenrick sempre se referiu a mim pelo nome completo, em suas cartas para mamãe e papai. Tenho certeza de que acha Toni um apelido muito frívolo. Assim sendo, não será difícil para você responder, quando ele falar.

— Estou contente que tenha me contado. Oh, por favor, querida, pense em tudo o que devo me lembrar, antes de você partir.

— Não posso pensar em nada mais para dizer, exceto muito obrigada e eu amo você. Não esqueça que lhe telegrafarei, logo que nos casemos e você possa vir para casa.

— Sim... claro.

— Será um casamento muito discreto. Assim ninguém suspeitará de nossos planos.

— Isso é bom. Depois, posso escolher o momento certo para contar a verdade a seu tio.

Estremeceu, quando falou, pensando em como seria difícil e desagradável fazer aquilo. Depois, impulsivamente, disse:

— Oh, por favor, Toni, apresse-se e case! Se demorar muito, ficarei cada vez mais envolvida em mentiras e falsidades, e nem quero pensar como seu tio ficará furioso, quando descobrir que o enganei.

— É comigo que ele ficará zangado, e não estarei lá para ouvir.

— Mas eu estarei! — murmurou Latônia, apesar de saber que a prima não a ouvia.

Conversaram por mais alguns minutos no quarto do hotel. Depois, desceram.

De maneira autoritária, Toni ordenou aos porteiros que colocassem a bagagem na carruagem que levaria Latônia à Vila Branscombe, na rua Curzon.

Alguns dias antes, as roupas que Toni queria guardar tinham sido levadas para a casa de Latônia. Eram tão bonitas e caras, que não podia deixar de pensar em como seu guarda-roupa ficaria, cheio de criações tão elegantes e modernas, em vez dos vestidos simples e baratos que ela mesma fizera com a ajuda da mãe.

Sentira-se bem quando Toni disse, antes de partirem para Londres:

— Adoro sua casinha! Sempre gostei de vir aqui, quando criança, e sinto agora que é exatamente o lugar adequado para Ivan e eu nos encontrarmos e falarmos de nosso amor.

— Tudo que posso lhe pedir no futuro, querida, é que seja feliz, como papai e mamãe.

— Quando olhavam um para o outro, seus olhos brilhavam como estrelas e sempre havia um tom em suas vozes que era diferente da maneira como as outras pessoas falavam.

Toni olhou em torno da sala e continuou, calmamente:

— Posso sentir o amor que eles deixaram aqui e é este amor que quero ter em minha vida. Do contrário, prefiro ser uma solteirona!

Latônia riu.

— Isso você nunca será!

— Espero que não. Mas se não puder me casar com Ivan, sinto que nunca mais amarei ninguém da mesma maneira.

Latônia nunca a vira tão séria.

— Você vai se casar com ele e viverão felizes para sempre.

— Se for assim, será graças à nossa fada madrinha: você! Pense nisso, quando tio Kenrick for desagradável e ralhar com você pelos pecados que

não cometeu.

— Está me assustando!

— Não há-motivo para se assustar, pois você pode deixá-lo, assim que eu me casar. Então, nada do que ele disser ou fizer a magoará. Ele não é seu tutor. Não tem autoridade sobre você. Logo que eu lhe enviar um telegrama, dizendo que está tudo bem, só tem que empacotar suas coisas e voltar para casa.

Toni, que era mais prática, lembrou-se que Latônia precisaria de algum dinheiro, se fosse voltar sem a ajuda ou consentimento de seu tio. — Aqui estão trezentas libras, querida — disse ela, um dia antes de irem para Londres. — Guarde-as num lugar seguro. Certamente haverá ladrões a bordo do navio e também na Índia.

— Não posso aceitar tudo isso!

— Você vai precisar — insistiu Toni. — Lembre-se de que, por você ser tão rica, as pessoas vão esperar que dê gorjetas bem generosas.

— Eu não saberei... quanto dar... ou quando dar.

— Você descobrirá. O mais importante de tudo é ter dinheiro suficiente para fugir, se o tio Kendrick se tornar insuportável.

Isso é consolador, pensou Latônia, enquanto agradecia a Toni. Também pensou que seria bastante cuidadosa com o dinheiro e, na volta, devolveria à prima o que sobrasse.

— Não se preocupe com sua casa. Eu pagarei por tudo e Ivan me trará todos os tipos de delícias, como pêssegos e uvas — disse Toni, a caminho de Londres.

— Até parece que você está se acomodando à vida doméstica — brincou Latônia.

— É exatamente o que estou fazendo. Amo tanto Ivan, que seria perfeitamente feliz com ele numa casa tão pequena como a sua. Mas não vou dizer que, mais tarde, não gostaria de ser uma duquesa, coberta de diamantes, e me sentar entre as senhoras na abertura do Parlamento.

Latônia riu.

— Oh, Toni, você sempre diz algo inesperado. É divertido imaginá-la como duquesa, quando apenas quero que seja imensamente feliz com seu marquês.

— Sou ambiciosa: quero tudo! — disse Toni, e ambas riram.

Quando se despediram, Latônia ficou abraçada a Toni por um longo

momento, como se não suportasse a idéia de deixá-la. .

— Obrigada, querida, obrigada, obrigada! Ivan pediu-me ontem para agradecer em nome dele. Está tão grato como eu.

— Pense em mim... e reze por mim — disse Latônia. — Estou com tanto medo de desapontá-la!

Respirou fundo, antes de continuar:

— E se seu tio suspeitar de que não sou quem finjo ser, antes de chegarmos ao navio?

— Por que ele suspeitaria? Como você não parece a mesma nesse caro e bonito chapéu, é óbvio que agora se parece comigo.

Deu um beijo em Latônia.

— Pense que é uma história que poderemos contar para nossos netos, e tente se casar, enquanto estiver na Índia. Então, poderemos apostar corrida, tendo nossos bebês na mesma época, como nossas mães.

Isso soava tão ridículo, que Latônia teve que rir. Ainda sorria, ao acenar para Toni, quando a carruagem partiu em direção à rua Curzon.

Assim que os cavalos pararam na frente de uma casa bastante imponente, com degraus na porta da frente, soube que chegara o momento de se encontrar com o tio de Toni e enganá-lo, como nunca enganara ninguém em toda a sua vida.

Por dentro, a Vila Branscombe era bastante parecida com o castelo: tudo pesado e sóbrio. A maioria dos móveis era de mogno e os retratos dos ancestrais Branscombe tão ameaçadores como os que Latônia conhecera desde criança.

Um velho criado conduziu-a através do saguão de mármore e abriu a porta ao fundo.

— A Srta. Latônia, senhor — anunciou.

Com o coração batendo forte, dirigiu-se para o fundo da sala, onde, na frente da lareira, havia um homem de pé.

Imaginara que o novo lorde Branscombe se pareceria muito com o irmão mais velho, a quem sempre chamara de “tio Hubert”. Ao primeiro olhar, percebeu que estava enganada.

O homem que a esperava era mais alto e mais largo de ombros e tinha um rosto quadrado, no qual Latônia não via qualquer semelhança com o irmão, ou mesmo com Toni.

Quando se aproximou mais, notou que estava sendo observada por dois

olhos cinzentos penetrantes, dos quais seria impossível esconder alguma coisa. Latônia estava certa de que ele sabia que ela não era quem fingia ser.

Ao chegar ao lado de lorde Branscombe, ele disse, numa voz fria, autoritária e insolente:

— Você está atrasada! Eu a esperava há uma hora! Corou e respondeu, um pouco incoerentemente:

— Eu... eu sinto muito... tio... Kenrick... mas um dos cavalos da carruagem na qual viajava... perdeu uma ferradura... e eu fui obrigada a... mudar para uma carruagem de aluguel, para chegar até aqui.

— Isso não aconteceria, se o seu cocheiro estivesse fazendo seu trabalho!
— disse lorde Branscombe, secamente.

Latônia não encontrou resposta. Simplesmente, ficou esperando o que ele diria em seguida. Não tinham apertado as mãos e por isso ela não fizera uma reverência, como pretendia.

— De qualquer maneira, você está aqui e sugiro que se sente e ouça o que tenho para lhe dizer.

Latônia havia baixado os olhos e naquele momento olhou para ele e notou que a examinava minuciosamente, com uma expressão carrancuda. Percebeu a linha firme de sua boca e pensou que certamente haveria outras razões para a zanga, além do seu atraso.

Nervosa, sentou na beirada da cadeira, pousando as mãos enluvadas no colo.

— Acho que deixei bem claro em minha carta — começou lorde Branscombe — que a razão pela qual pretendo levá-la comigo para a Índia é porque não posso mais permitir que se comporte da maneira como vem fazendo, desde a morte de seu pai.

Fez uma pausa, antes de continuar:

— Não foi só o vergonhoso tratamento que você deu ao filho de lady Luddington que me fez tomar essa decisão, mas também muitas outras coisas que ouvi de seu comportamento durante a temporada em que estive sob a custódia de sua prima Alice.

Da maneira como falou, Latônia sentiu um impulso repentino de defender Toni das acusações que, ela sabia, vinham da inveja de outras mulheres. Desde os quinze anos, Toni atraía os rapazes e também, inevitavelmente, provocava o ciúme das moças de sua idade. Mas não eram só as garotas que se sentiam menos bonitas do que ela; também as senhoras

do condado a encaravam como uma ameaça à sua segurança, simplesmente porque os homens de todas as idades a consideravam irresistível.

Latônia disse:

— Não sei o que o senhor ouviu, mas se está preparado para me julgar acho justo que ouça a defesa, assim como a acusação.

Lorde Branscombe pareceu surpreso:

— Não desejo me envolver em discussões, de maneira nenhuma, mas tenho certeza de que não há fumaça sem fogo. Por isso, acho que estou agindo em seu benefício, levando-a para longe de Londres. Espero que, fazendo isso, possa ensiná-la a se comportar de maneira mais adequada e conveniente no futuro.

Falava como um velho professor repreendendo um aluno indisciplinado. Era difícil acreditar que, sendo quinze anos mais jovem do que o irmão, não teria agora mais do que trinta e quatro anos.

Não teria medo dele, pensou. Mas sabia que estava amedrontada.

— Você pode pensar — continuou lorde Branscombe — que, como estou levando-a para a Índia, vai participar da vida social nas casas governamentais e nos grupos de ingleses, porém essa não é minha intenção.

Parou um momento.

— Se pensa em ir a bailes, ficará desapontada. Se está pensando em conhecer rapazes que sejam receptivos a seus super explorados encantos, verá que está enganada.

Sua voz tornou-se mais ríspida, ao dizer:

— Tenho um trabalho a fazer. Ao me acompanhar, conhecerá uma parte do mundo bem diferente do que espera; talvez isso seja uma lição salutar para que, no futuro, se comporte com mais decoro.

Ao ouvi-lo, Latônia pensou em como Toni ficaria zangada com a maneira dele falar. Sem dúvida, ela lhe teria respondido desafiadoramente. Toni iria querer ir a bailes e, certamente, desejaria a companhia de rapazes, que provavelmente se apaixonariam por ela.

Entretanto, Latônia não queria nada disso, e se divertia em pensar que o castigo que lorde Branscombe planejava não seria tão severo como pretendia.

Por pensar que ele se surpreenderia, disse, calmamente:

— Adorarei conhecer a Índia, tio Kenrick, e não estou nem um pouco preocupada se não tiver nenhuma vida social.

Viu lorde Branscombe erguer as sobrancelhas e soube então que estava

certa. Ele não esperava que ela tomasse aquela atitude. Fez-se silêncio, enquanto o “tio” parecia procurar as palavras:

— Agora que deixei tudo bem claro, sugiro que vá para cima e descanse antes do jantar. Jantaremos logo, pois vamos partir cedo, pela manhã. Você certamente não se atrasará.

Falou ríspidamente, como se desse ordens a um de seus soldados. Latônia pôs-se de pé, dizendo:

— Tentarei não fazê-lo esperar. E obrigada por ter me explicado suas intenções.

Fez uma pequena reverência e deixou a sala, consciente de que os olhos cinzentos a seguiam, penetrantes.

Só quando chegou ao saguão, onde o mordomo a esperava para conduzi-la a seu quarto, notou que suas mãos tremiam.

CAPÍTULO III

Viajando para Tilbury, Latônia sentiu uma onda de excitação, ante a idéia de ir para o exterior. Fora impossível não ficar apreensiva na noite anterior, durante o jantar, quando ela e lorde Branscombe permaneceram em silêncio o tempo todo.

Por causa da expressão zangada dele e da maneira como a olhava, sabia que lhe desagradava e que ele tinha desprezo por ela.

Latônia nunca havia se encontrado naquela situação em sua vida e, apesar de saber que não era nada pessoal, não podia deixar de se sentir amedrontada e contrariada.

Havia algo bastante poderoso nele. Toni tinha razão, quando disse que seus subalternos o temiam.

Tentou fazer alguns comentários sem importância, enquanto pratos deliciosos eram servidos pelo mordomo e dois criados, mas lorde Branscombe deu respostas curtas e ela sabia que era porque desaprovava o seu, ou melhor, o comportamento de Toni.

Como alguém podia sentir aquilo com relação à sua prima? Pelo menos, tentaria mudar a opinião dele sobre a sobrinha.

Quando acabaram de jantar, lorde Branscombe disse, de repente:

– Sugiro que vá para a cama e descanse. Não sei se já viajou muito, mas achará a viagem bastante cansativa, especialmente se o mar estiver agitado.

– Não tenho idéia se sou uma boa marinheira ou não. Espero não causar transtornos.

Não se surpreendeu, quando ele fez um comentário grosseiro:

– Certamente, não será a primeira vez!

Imaginou o que Toni diria naquelas circunstâncias, mas quando chegaram ao saguão, Latônia simplesmente fez uma reverência e disse:

– Boa noite, tio Kenrick. Não me atrasarei amanhã cedo. E subiu a escada, sem olhar para trás.

O café da manhã foi servido em seu quarto. Ao descer, usando um vestido de viagem muito bonito, coberto por uma capa de pele, e um chapéu debruado de plumas, lorde Branscombe já a esperava. Notou que ele olhava para o relógio, mas como estava três minutos adiantada, não pôde repreendê-la. Partiram numa confortável carruagem, que certamente pertencera ao pai

de Toni, assim como os cavalos que a puxavam.

O chefe da estação os esperava para acompanhá-los a seus compartimentos reservados, e um carregador cuidou de sua bagagem. Assim, não havia nada a fazer, exceto entrar no trem, onde vários jornais e revistas já se encontravam em seus assentos.

Imaginava se era só agora que lorde Branscombe viajava com tanto luxo, ou se, antes de receber o título, era rico o suficiente para receber tal atenção. Era o tipo de pergunta que Latônia gostaria de lhe fazer, mas sabia que ele consideraria uma impertinência. Então, simplesmente pegou uma das revistas e começou a ler.

Lorde Branscombe enterrou-se imediatamente nos jornais, obviamente não querendo conversar. Latônia contentou-se em observar os campos passando e em imaginar como seria emocionante conhecer a Índia.

Pensava também que, a cada quilômetro que avançavam em direção a Tilbury, era menos provável que ele percebesse que ela não era quem parecia ser; assim, Toni estava a salvo com o marquês.

Latônia estava ansiosa para escrever uma carta, contando à prima como fora sua recepção e o que ela pensava de seu tio, mas era muito perigoso. Só a bordo do navio não haveria perigo de suas cartas serem interceptadas. Então, poderia escrever abertamente para Toni, endereçando o envelope para “Srta. Hythe”, naturalmente.

O navio com seu casco negro parecia maior do que esperava e era um dos últimos modelos construídos para a Linha P&O. As cabines eram bem mobiliadas e uma suíte havia sido reservada para lorde Branscombe. O pai de Latônia lhe ensinara as abreviações das melhores cabines, que evitavam o sol na rota para a Índia. Na Linha P&O essa abreviação era *Posb*, que indicava a primeira classe.

As duas cabines tinham essa abreviação e se situavam uma de cada lado da sala de estar. O comissário de bordo anunciou, com orgulho, que eram as melhores acomodações do navio, geralmente reservadas com meses de antecedência pelos viajantes mais distintos e importantes.

— Agradeço por ter me designado esta cabine em tão pouco tempo — respondeu lorde Branscombe.

— É um prazer, senhor. Se houver alguma coisa de que o senhor e a Srta. Combe necessitem, estou à disposição.

Havia uma camareira para desfazer as malas de Latônia. Enquanto

trabalhava, a moça tagarelou sem parar, dizendo que o navio estava cheio.

— A senhorita se divertirá. Há muitos rapazes a bordo, voltando a seus regimentos, e vão querer dançar a noite toda. Quando o tempo esquentar haverá jogos no convés. Tenho certeza de que a senhorita vai querer tomar parte.

— Parece maravilhoso! Como nunca viajei de navio antes, estou bastante excitada.

— Com esses lindos vestidos, a senhorita certamente será a rainha, todas as noites — disse a camareira, sorrindo.

Latônia achou que a frase soou engraçada, diferente do que esperava ouvir. Entretanto, logo veria que se enganara.

Como não havia razão para ficar na cabine, enquanto a camareira desfazia as malas, Latônia dirigiu-se à sala de estar e notou que agora havia livros nas mesas e pilhas de papéis na escrivaninha. Obviamente, lorde Branscombe pretendia passar a viagem estudando.

Quando ele entrou, havia trocado de roupa e usava agora uma jaqueta esportiva, que o fazia parecer elegante e mais moço. Olhou para ela, com a mesma expressão zangada de antes, e disse, seco:

— Sente-se, Latônia. Quero falar com você. Obedeceu, imaginando o que ele iria dizer.

Ele sentou-se à sua frente, cruzou as pernas e fitou-a, pensativo, antes de começar.

— Antes de iniciarmos a viagem, decidi tomar certas medidas para assegurar que você se comporte devidamente. Vendo os passageiros que viajam conosco e também o programa organizado, cheguei a uma conclusão a seu respeito.

Latônia não disse nada. Simplesmente, olhou para ele, seus olhos muito grandes no rosto pequeno.

— Dei ordens para você comer aqui na cabine — continuou lorde Branscombe. — Qualquer exercício que queira fazer será em minha companhia, de preferência cedo, pela manhã, ou à noite, quando o convés não está cheio.

Fez uma pausa, esperando que ela dissesse alguma coisa. Latônia apenas fitou-o, pensando em como Toni se zangaria, se fosse tratada assim, como uma prisioneira.

Como não disse nada, lorde Branscombe continuou, quase agressivo.

— Você pode compreender que eu me comporte desse jeito, considerando o que fiquei sabendo, ontem à noite.

— E o que soube, ontem à noite?

— Pensei que sua atitude para com o jovem Luddington já tivesse sido suficientemente má, mas quando me contaram no clube o que aconteceu há um mês atrás, não pensei que uma garota pudesse fazer algo tão ultrajante e ser tão tola.

Latônia sentiu ele cuspir aquelas palavras em seu rosto. Depois de um momento, perguntou:

— O que o senhor... ouviu? Não sei sobre o que está falando.

— Você não espera que eu acredite nisso — disse ele, brusco. — Deve saber que foi uma brincadeira, se é assim que chama, que poderia ter acabado em desastre.

Latônia não respondeu, e ele continuou.

— Mesmo alguém pouco inteligente deveria saber que as correntes do Tâmbisa são perigosas, e convidar rapazes tocados pela bebida a arriscar suas vidas, apostando corridas através do rio, poderia facilmente resultar em afogamento.

Latônia respirou fundo, mas como Toni nada lhe dissera sobre o episódio, continuou calada.

— Não sei quem foram suas cúmplices nessa loucura, mas posso imaginar que sejam tão tolas, frívolas e desmioladas como você. Tudo o que posso dizer é que você devia cair de joelhos, agradecendo a Deus que, por algum milagre, os jornais não tenham sabido dessa história, ou sua reputação estaria mais arruinada do que agora.

Se lorde Branscombe falava a verdade, não só a reputação de Toni seria afetada, mas certamente o duque ficaria horrorizado e mais certo ainda de que ela não era a esposa ideal para seu filho.

Latônia se perguntava como Toni tinha podido tomar parte em algo tão repreensível, mas sabia que a prima nunca consideraria errado aquele tipo de divertimento. Imaginou que devia ter acontecido depois de um baile ou jantar e que, se as garotas foram tão desobedientes a ponto de fugir, os rapazes certamente as ajudaram e convenceram a dar um mergulho no rio.

Seria romântico, numa noite estrelada. Como estavam em grupo, por que Toni pensaria que seria indiscreto ou coisa assim? Alguém deve ter sugerido que estava quente para um banho, e os outros acharam que uma

competição seria uma boa idéia.

Lorde Branscombe poderia repreender Toni por não saber das correntes do Tâmis, mas ela era uma garota do campo e nunca lhe teria ocorrido que o rio fosse mais perigoso do que o lago do Castelo Branscombe, onde tomavam banho, quando crianças. Ambas nadavam feito peixes, e Toni nunca imaginaria que homens crescidos poderiam perder a vida, dando umas poucas braçadas no Tâmis.

Latônia pensava em como explicaria aquilo a lorde Branscombe, mas se lembrou de que, já que Toni não estava lá, não havia necessidade de defendê-la. Ele pensaria que ela estava apenas tentando se desculpar. Entretanto, como parecia muito zangado, disse, humildemente, o coração batendo forte:

— Só posso dizer que sinto muito. Não pensei que fosse errado. Como o senhor disse, parecia divertido.

— Divertido! E pensar que um homem quase morreu afogado! Disseram-me que foi com grande dificuldade que os amigos conseguiram trazê-lo para a margem.

— Acho que talvez tenham exagerado um pouco... no que lhe contaram.
— disse Latônia, com hesitação.

— É só o que posso esperar. Porém, sinto que não posso deixá-la longe de minhas vistas e pretendo me assegurar de que este tipo de “divertimento”, como você o chama, não aconteça novamente.

— Só posso lhe prometer que farei o possível para não deixá-lo zangado.

— Zangado não é a palavra certa! Estou horrorizado! Completamente estarecido com o mal que você causou, não só ao jovem Luddington, que conheci e com quem simpatizei, mas também a vários outros homens, que foram tolos a ponto de lhe oferecer o coração e, aparentemente, suas vidas, para você brincar.

Fez-se silêncio. Depois de um momento, Latônia ensaiou um argumento:

— Acho que... nunca lhe ocorreu... que não é inteiramente minha culpa.

Enquanto falava, pensava em como os garotos que conhecera, quando jovem, ficaram loucamente apaixonados por Toni, desde o primeiro instante em que a viram, sem que ela precisasse fazer nada para atraí-los.

— O que você quer dizer com: não é sua culpa?

— Apenas o que disse. Acho que muitos dos rapazes não levavam realmente a sério suas declarações de amor.

— Você acha que não é sério, quando um homem tenta se matar?

Latônia hesitou. Se fosse sensata, não diria nada, como Toni havia

lhe pedido; simplesmente se lembraria de que ele estava ralhando, não com ela, pessoalmente, mas com a outra. Mesmo assim, não pôde resistir.

— Certamente, um homem que se comporta de maneira tão exagerada deve ser desequilibrado emocionalmente.

Falou com calma, escolhendo as palavras com cuidado, o que enfureceu lorde Branscombe.

— Como ousa tirar sua responsabilidade? Claro que é sua culpa, se ele foi levado a tais extremos. Você deve tê-lo encorajado! Deve tê-lo levado a acreditar que estava interessada nele. Então, depois de se divertir às custas do rapaz, você o pôs de lado tão cruelmente, que ele perdeu o controle.

— Acho que o senhor está tentando adivinhar o que aconteceu. Tudo que posso dizer é que Andrew Luddington tornou-se inconveniente a ponto de ser impossível tolerá-lo por mais tempo.

Sentiu que devia defender Toni. Não era justo seu tio julgá-la, depois de saber do acontecido através de lady Luddington, que obviamente era suspeita para falar.

— Só lhe digo, mocinha, que é ainda mais sem coração do que imaginei e estou envergonhado, terrivelmente envergonhado, de ser minha sobrinha.

Dizendo isso, saiu da cabine, batendo a porta atrás.

Latônia ficou algum tempo esperando que o tumulto dentro dela se acalmasse e o medo que sentia, apertando-lhe a garganta, desaparecesse.

Tinha sido estupidez discutir com ele. Fez apenas com que gostasse menos ainda de Toni. Mas ele era injusto! Sabia que era injusto, e aquilo era uma coisa que seu pai sempre detestara.

Desejava, desesperadamente, que o pai estivesse lá; então, ele lhe diria o que pensava de lorde Branscombe. Ele sempre a acusara de tirar conclusões rápidas demais sobre as pessoas, não levando em conta o ponto de vista delas.

— Sempre há circunstâncias atenuantes para tudo o que as pessoas fazem — tinha dito o capitão Hythe.

Entretanto, achava difícil acreditar que houvesse alguma circunstância atenuante para explicar a atitude de lorde Branscombe com relação à sobrinha, ao não lhe dar chance alguma de se defender. Ele é cruel, pensou.

Ficaria muito feliz, quando se visse livre daquela situação e pudesse voltar para casa. Mas, como não poderia voltar agora, devia tentar ignorar as

acusações dele e aproveitar a viagem e também a Índia, quando chegasse lá.

Mas seria muito difícil ignorar seu suposto tutor, que estaria a seu lado a cada minuto do dia, na pequena cabine.

Como ele podia ser tão ridículo, pensando que podia manter alguém como Toni confinada e proibindo-a de se misturar com os outros passageiros?

Toni teria ficado louca, diante daquela situação; de uma maneira ou de outra, escaparia. Subornaria a camareira, sairia pelas vigias, faria qualquer coisa para evitar que o tio a mantivesse prisioneira.

Mas Latônia não era corajosa o suficiente para enfrentar lorde Branscombe. O pequeno esforço que fizera, para mostrar o ponto de vista de Toni, servira apenas para deixá-lo mais zangado do que já estava. De agora em diante, seria mais prudente calar-se e aceitar tudo que ele dissesse.

O navio estava em águas calmas, pois ainda não alcançara o canal. Latônia levantou-se, foi até a mesa e ficou olhando para os livros. Eram todos sobre a Índia, muitos deles escritos no que ela pensava ser urdu, um dos dialetos do país. De repente, teve uma idéia.

Uma hora mais tarde, lorde Branscombe voltou à cabine parecendo tão zangado como antes. Não falou com ela, e Latônia disse:

— Tenho uma pergunta para lhe fazer, tio Kenrick.

— O que é?

— Se devo ficar aqui durante a viagem, seria possível eu aprender... urdu?

Era a primeira vez que ela realmente o surpreendia.

— Aprender urdu? Por que você desejaria isso?

— Tenho muito interesse por línguas. E, se vou para a Índia, é uma pena não poder entender o que os hindus falam.

— Muitos falam inglês. E muito poucos britânicos se preocupam em falar com os nativos, que não os compreendem.

— Nunca tive qualquer dificuldade em aprender as línguas européias — insistiu Latônia. — Tenho certeza de que há algum professor a bordo. Gostaria de falar urdu e vejo que o senhor tem alguns livros nesta língua, que podem me ser úteis.

— Como você sabe que é urdu?

— Penso que deva ser — respondeu, depois de um momento de hesitação.

Não podia contar a ele que, quando seu pai estava indo para a Índia, lhe

dissera:

— Vou ter que desenferrujar meu urdu. Estou muito esquecido, depois de todos esses anos.

— O senhor falava em urdu, quando esteve lá?

— Eu era muito jovem, quando parti com o regimento. Na verdade, foi minha primeira missão como subalterno. Como estava cheio de ambição para progredir, estudei urdu, antes de deixar a Inglaterra, e também durante a viagem.

Ele riu:

— Descobri que isso era desnecessário. Nenhum dos outros subalternos falava uma palavra de urdu, nem tinha intenção de aprender.

— E alguma vez foi-lhe útil?

— Na verdade, foi — respondera o pai. — Descobri que podia falar com os indus, o que me deu uma visão melhor de sua maneira de viver. Acho que os homens que serviram na minha Companhia confiavam em mim e me respeitavam, porque, quando tinham problemas, podiam me contar em sua própria língua o que estava errado.

— Eles adoravam seu pai — interrompera a Sra. Hythe.

O marido sorria para ela, que acrescentara: — Se o seu regimento tivesse ficado na Índia, em vez de voltar para casa, onde tudo era muito mais caro, sei que nunca teria saído de lá.

— É verdade. Mas não me arrependo. Tenho sido muito feliz aqui. Depois, o clima de lá não teria feito bem a Latônia. Parece que as crianças não se desenvolvem normalmente no calor.

— É isso mesmo — dissera a mãe, numa voz suave. — Não posso pensar em todos aqueles pequenos túmulos nos cemitérios ingleses. A mortalidade entre as crianças é assustadora.

— Mas temos nossa Latônia — e o capitão Hythe abraçara a filha. Agora, Latônia sentia que o pai gostaria que ela aprendesse urdu.

Apesar do ceticismo de lorde Branscombe, insistiu:

— Por favor, o senhor pode arranjar alguém para me ensinar? Prometo estudar bastante.

Ele olhou para ela, desconfiado de que tivesse um motivo secreto para querer aprender uma língua ido. Mas como não havia razão para não aprender acabou concordando.

— Vou falar com o comissário de bordo e ver o que ele sugere. Senão,

acho que eu mesmo terei que lhe ensinar.

— Então, o senhor também se preocupou em aprender a língua deles? Não respondeu, e ela teve a impressão de que era algo que não queria

discutir. Ocorreu-lhe, pela primeira vez, que devia estar em alguma missão especial, pois estava indo para regiões da Índia onde não havia divertimento e, talvez, nem ingleses. Latônia olhou para os papéis sobre a escrivaninha e pensou que, provavelmente, a chave para o que ela queria saber estava ali. Arriscou:

— O senhor não está se juntando ao seu Regimento. Agora que se tornou lorde Branscombe, vai deixar o Exército?

A expressão dele mostrou que não queria responder, mas, ao mesmo tempo, não podia se recusar a fazê-lo.

— Ainda não decidi. Na verdade, o vice-rei me requisitou para fazer algumas investigações que exigem que eu viaje para partes um tanto desconhecidas do país.

— Parece emocionante — disse Latônia. — Estou ansiosa para chegar. Viu a incredulidade surgir novamente nos olhos dele. Devia achar que

estava tentando apenas ser agradável, mas que, na verdade, não gostaria de fazer qualquer coisa que não envolvesse divertimentos, danças e festas, que eram seus únicos interesses em Londres.

— Por favor, fale-me de suas investigações — pediu. Embaraçado, lorde Branscombe foi até a escrivaninha, olhou para os papéis e disse:

— Eu me comprometi a investigar o comportamento e as inclinações políticas de certos pequenos Estados que, no momento, não têm um representante britânico, um residente. Suponho que você sabe o que isso significa.

— Sim, naturalmente. Residentes são designados para guiar e aconselhar os príncipes ou rajás e, também, para prevenir quaisquer costumes proibidos, como *suttee*, de acontecer.

Enquanto falava, notou que lorde Branscombe estava surpreso, por ela saber sobre o *suttee*, o terrível hábito de queimar as esposas, junto com os maridos, quando estes morriam.

— Acho que é um bom resumo dos deveres de um residente britânico — disse ele. — Como você pode imaginar, os príncipes fazem tudo para não tê-los por perto.

— Então, quando o senhor fizer suas investigações, não será muito bem-

vindo.

— É verdade. Entretanto, não estou particularmente interessado em que as pessoas gostem de mim. Devo cumprir meu dever, gostem ou não!

Latônia pensou que aquela era a mesma atitude que estava tomando para com Toni.

-- Quando o senhor tiver tempo, pode me mostrar no mapa por onde viajará? Se fosse possível, eu gostaria de ler, com um pouco de antecedência, sobre os diversos lugares que visitaremos. Assim, não perderei nada, quando estivermos lá.

Notou que ele evitava responder, e continuou:

— E, por favor, o senhor perguntaria sobre as aulas de urdu, logo que possível? Vai ser difícil aprender tanto em tão pouco tempo, mas, pelo menos, posso começar. Quando chegar, serei capaz de falar com os criados.

— Não sei se seria aconselhável — disse lorde Branscombe, secamente.

— Então, naturalmente, o senhor terá que me dizer, tio Kenrick, com quem posso falar e com quem devo me manter calada.

Novamente, achou que ele suspeitava de alguma coisa, por ela estar sendo tão amável.

Finalmente, ele tirou um pequeno livro dentre os papéis e o colocou na mesa. Era um dicionário de urdu.

— Puxe uma cadeira para perto da mesa e veremos se você tem bom ouvido para aprender uma língua difícil e que requer muita concentração. Se eu achar que não há esperança, eu lhe direi e você deve aceitar minha decisão.

— Naturalmente. Compreendo e lhe sou muito grata. Entretanto, não quero atrapalhar, pois vejo que trouxe muito trabalho. Não seria melhor encontrar um professor?

— Pode ser feito mais tarde, não sei. Primeiro, temos que ver se você é capaz de aprender.

— Sim, claro. Será muito humilhante para o senhor, se eu provar ser tão pouco inteligente como acredita que eu seja.

Achou que tinha sido bastante corajosa, falando daquela maneira com Branscombe. Porém, não podia deixar de se sentir magoada por ele ser tão injusto e cruel para com Toni. Ninguém sabia melhor do que Latônia que, apesar da prima ser frívola e, às vezes, fazer coisas tolas, era bastante inteligente. Bem mais do que a maioria das garotas de sua idade.

Na verdade, não era tão esperta quanto Latônia, pela simples razão de ter dificuldade de se dedicar a um assunto ou de se concentrar em qualquer coisa.

Latônia sempre tivera tempo para ler, pois não havia tantas diversões em sua casa como no castelo. Fora criada sem bons cavalos para montar; sem muitos acres de terra para brincar; sem um lago onde nadar; sem um imenso castelo, cheio de tesouros de todos os tipos.

Latônia tivera que se contentar com seus próprios recursos e aprendera a usar a imaginação, aplicando-a em tudo que lia nos livros. Seu pai e sua mãe eram pessoas muito inteligentes e educaram-na bem. Nenhum deles se interessava por mexericos ou pelas conversas com as quais a maioria das pessoas preenchia suas vidas; eles conversavam com ela sobre quase todos os assuntos, desde o desenvolvimento da civilização, até problemas atuais.

Algumas vezes, Toni se impacientava porque Latônia passava muito tempo na biblioteca do castelo, procurando algum livro especial. Sempre dizia:

— Oh, vamos, Latônia, os cavalos estão esperando. Por que desperdiçar este sol?

— Estou tentando encontrar um livro sobre a conquista romana de que papai e mamãe falavam, ontem à noite.

Outras vezes, era a construção do Taj Mahal, os Jardins Suspensos da Babilônia ou o Farol de Alexandria.

Para Latônia, parecia muito real, quando seus pais falavam do assunto e, querendo saber mais, ela aprendia por si mesma, de uma maneira que nenhum professor teria conseguido ensinar-lhe.

Quando lorde Branscombe se sentou à sua frente, com má vontade, ela percebeu que estava convencido de que seu interesse pela Índia era apenas superficial; ou, talvez, não passava de um truque para se insinuar para ele e assim aplacar sua ira.

Porque sua imaginação foi estimulada pelas primeiras palavras daquele dialeto estranho e porque ela queria realmente aprender, passou-se muito tempo, até ele fechar o livro e dizer:

— Acho que basta por hoje. Você realmente tem uma aptidão natural para línguas, que eu não esperava.

— É tão interessante! Agora, posso ver como muitas palavras hindi surgiram a partir das línguas européias.

Não reparou que lorde Branscombe pareceu surpreso, quando continuou:

— Sempre achei que a língua romani, dos ciganos, vinha do hindi e agora tenho certeza disso.

— Está me dizendo que fala romani? Latônia sorriu.

— Não muito bem. Como sabe, os ciganos são muito desconfiados para deixar alguém conhecer sua língua. Mas eles acampavam no parque todos os anos, e eu os conheço desde criança. Apreendi o suficiente para poder cumprimentá-los e perguntar sobre sua saúde.

— Você me surpreende. Estou ainda mais surpreso por meu irmão ter deixado você falar com os ciganos e, pior ainda, misturar-se com essa gente.

Latônia piscou levemente.

— Não acredito que ele soubesse de minha amizade com eles. Sentiu que dissera algo errado, pois imediatamente lorde Branscombe franziu o cenho e disse, ríspido:

— Parece que passou a vida metida em confusão. Posso lhe assegurar que, se um dia tiver filhos, eu os criarei com bastante severidade.

Latônia imaginou se devia responder que tinha sido exatamente assim que o irmão dele tentara criar Toni. Não só por querer que ela fosse uma boa menina, mas porque seus pais tinham medo por ela. Sempre quiseram mantê-la sob suas vistas, para prevenir que se machucasse ou ouvisse qualquer coisa que não devesse.

Como a Srta. Waddesdon era mais indulgente, Latônia e Toni puderam fazer milhares de coisas que o velho lorde Branscombe e a esposa teriam imediatamente proibido.

O rosto de Latônia devia ter mostrado o que estava pensando, pois, depois de um momento, o tio disse:

— Posso sentir que não concorda comigo, o que não é de surpreender.

— Acho que, como a maioria das pessoas, se as crianças são categoricamente proibidas de fazer alguma coisa, mais interessadas ficam em fazer. O fruto proibido é sempre fascinante.

— E qual é a alternativa?

— É simples! Se dizemos racionalmente a uma criança que alguma coisa é errada ou perigosa, e a convencemos que é por esta razão que é proibida, então, há muito mais probabilidade de sermos obedecidos, do que quando damos ordens severas, que elas não compreendem e com as quais ficam

ressentidas.

— Foi isso que lhe aconteceu?

Latônia quase respondeu que seus pais eram tão liberais, que ela sempre sentiu que poderia escolher o que fazer ou não fazer. Então, lembrou-se de que, naquele momento era Toni.

— Sim, foi exatamente isso que aconteceu. Desde pequena, me diziam “não, não”, em vez de “sim, sim”.

— O que está dizendo é que, desde que se tornou adulta, e sempre que teve oportunidade, você, deliberadamente, fez coisas que sabia serem erradas...

— Não, deliberadamente. Mas acho que, como qualquer pessoa, eu queria ser livre para abrir minhas asas e provar que era alguém, não apenas uma marionete, que podia ser manejada.

— Não posso acreditar que tal afirmação tenha algum fundamento.

— O senhor sabe como papai era — respondeu Latônia. — Ele nunca deu um passo errado. Queria que sua vida fosse ordenada nas linhas rígidas do tempo do pai e do avô dele. Certamente, o senhor sentiu isso, quando era menino.

— Suponho que seja verdade — disse lorde Branscombe, que parecia pensar no assunto pela primeira vez.

Então, de repente, ele falou secamente:

— Você é astuciosa, mas não pense que pode me cegar com argumentos ou me fazer mudar de idéia sobre o que vou fazer com você ou como pretendo que se comporte.

— Não estou discutindo. Estou apenas lhe mostrando um ângulo diferente daquele que usou para julgar o assunto.

— Não estou preocupado com ângulos. No que lhe diz respeito, quero que se mantenha no caminho certo.

Latônia sorriu.

— Desde que esse caminho me leve à Índia e a aprender o urdu, estou perfeitamente de acordo.

Pela maneira como se afastou, bruscamente, da mesa, para sentar à sua escrivaninha, sentiu que ele ficou um tanto desconcertado com sua resposta.

— Agora, Latônia, pretendo me concentrar em meu trabalho, que não posso negligenciar.

— Então, não o atrapalharei. Obrigada por tudo que me ensinou até

agora. Farei o possível para não esquecer e espero aprender muitas palavras mais, antes de minha segunda aula.

Ao dirigir-se à sua cabine, sentiu satisfação em pensar que estava surpreendendo lorde Branscombe, ao aceitar seu castigo com tal tranquilidade. Odiava-o por estar determinado a ser tão cruel com Toni.

Latônia sorriu, imaginando como Toni se divertiria, se soubesse o que estava acontecendo. Naquela noite mesmo, começaria a escrever uma longa carta para a prima e a colocaria no correio no primeiro porto.

Pelo menos, o que estava acontecendo era excitante. Certamente, bastante diferente do tipo de vida que ela vinha levando, desde que seus pais faleceram e Toni fora para Londres. Apesar de lorde Branscombe não saber, tudo, mesmo ser confinada à sua cabine, era uma aventura para Latônia.

Ia estudar bastante o urdu, nem que fosse só para aborrecê-lo. Ele estava tão convencido de que Toni era pouco inteligente, que seria uma grande vitória, se pudesse fazê-lo engolir suas palavras!

Então, ocorreu-lhe que talvez a razão dele ser tão desagradável e irritado para com a sobrinha fosse por ele ter raiva de mulheres. Aquela era uma idéia nova, e Latônia pensou se ele não teria um motivo pessoal para ter ficado tão perturbado com a loucura de Andrew Luddington. Quem sabe, ele próprio tinha sido rejeitado por alguma jovem atraente, e isso o tornara desconfiado e cínico para com todas as mulheres?

Com sua aparência simpática e sua carreira brilhante, devia ter havido muitas mulheres em sua vida, de uma maneira ou de outra.

Latônia não se lembrava de seus pais ou alguém do castelo ter falado dos amores de Kenrick Combe. Sempre falavam de seus feitos no regimento e das honras que recebera.

Talvez, pensou Latônia, ele nunca tivesse amado ninguém, Mas estava certa de que as mulheres o amaram.

Qual seria seu segredo? Devia haver algum.

Aquilo era algo mais para ocupar sua imaginação. No momento em que se convenceu de que havia um mistério na vida de lorde Branscombe, ele não lhe pareceu mais tão assustador como antes.

CAPÍTULO IV

Latônia virava-se na cama há algum tempo, e chegou à conclusão de que era impossível dormir, enquanto passavam pelo canal de Suez, para entrar no mar Vermelho.

O tempo tornara-se insuportavelmente quente e o dia todo ela ficava desejando estar no convés, onde uma brisa suave soprava. Mas lorde Branscombe estabelecera uma rotina para seus dias, e nem mesmo um tufão poderia demovê-lo de cumpri-la.

Às sete horas da manhã, antes do café, caminhavam no convés superior, onde era menos provável encontrarem passageiros. As pessoas que viam, ou não eram atraentes, ou não se interessavam por eles. Mas o tempo todo, Latônia sentia que lorde Branscombe, em sua missão de carcereiro, observava-a, esperando que ela fizesse alguma coisa errada, apesar de não ter idéia do que poderia ser.

Depois do café, ele geralmente passava duas horas ensinando-lhe urdu. Era extremamente meticuloso e ao mesmo tempo impessoal, de uma maneira que ela achava difícil descrever. Sabia que devia haver alguém a bordo capaz de ensinar uma aluna principiante, mas lorde Branscombe disse que seria seu professor e estava decidido a não delegar sua autoridade a ninguém.

O que Latônia achava desconcertante era o fato de saber que ele achava a tarefa desagradável e aborrecida, ainda mais com alguém de quem desgostava tanto. Como nunca em sua vida havia estado com alguém que tivesse aversão por ela, achava difícil, dia após dia, não desistir e lhe pedir para ser um pouco mais bondoso e humano. Entretanto, sabia que ele recusaria qualquer pedido que lhe fizesse, e pensaria que conseguira seu objetivo, caso ela admitisse qualquer fraqueza.

Ele a estava punindo, era óbvio, e para uma punição ser eficiente, o punido tem que se humilhar e se arrepender. Coisa que Latônia não tinha a menor intenção de fazer. Ela sabia que, se Toni estivesse lá, àquela hora ela e o tio estariam como cão e gato, e a prima se comportaria mal, simplesmente para provocá-lo.

Latônia estava determinada a ser conciliadora, mas não humilde. Concordou com tudo que lorde Branscombe sugeriu, com calma dignidade. Uma ou duas vezes, pensou ter visto uma expressão de surpresa nos olhos

dele, mas não tinha certeza. Na verdade, era um enigma saber o que sentia com relação a ela ou a qualquer outra pessoa.

Depois das aulas, geralmente levantava-se da mesa e se sentava à sua escrivaninha para trabalhar em seus papéis, sobre os quais Latônia já estava bastante curiosa. Entretanto, sabia que ele consideraria uma impertinência, se perguntasse alguma coisa.

Quando ficava sozinha na cabine, sentia tentação de olhar os papéis e descobrir por si mesma, mas achava vergonhoso espioná-lo, apesar de imaginar que, nas mesmas circunstâncias, ele a espionaria. Estava querendo apanhá-la fazendo alguma coisa errada, e a observava como se fosse um animal selvagem, que poderia tentar fugir a qualquer momento.

À noite, passava o tempo lendo. Felizmente, era algo de que gostava. Assim, geralmente ficava completamente absorvida no livro. Ficar acomodada no sofá da cabine, lendo um dos muitos volumes sobre a Índia que descobrira na biblioteca do navio, não era de maneira alguma um castigo. A camareira trouxera um catálogo do que havia na biblioteca e Latônia tomou a iniciativa de escolher meia dúzia de livros, antes que lorde Branscombe soubesse.

— De onde veio isso? — ele perguntou, uma manhã.

Tinham voltado do passeio matinal e encontraram uma pilha de livros na mesa da cabine.

— São da biblioteca. Pedi à camareira para pegá-los para mim.

— Devia ter me consultado antes. Poderia aconselhá-la sobre qual valeria a pena ler.

— Não podia saber que seu gosto é igual ao meu — disse Latônia, sorrindo levemente.

Ele olhou para ela, como se achasse que estava sendo rude. Então, começou a virar os livros e viu-se forçado a admitir que não havia nada de errado com eles.

— Verei o que mais está disponível, mas acredito que levará algum tempo para ler estes.

— Eu leio muito rápido.

— Está realmente interessada pela Índia?

— Pensei que já soubesse disso, depois de nossas aulas de urdu.

Ele não podia dizer nada, pois estava surpreso com o fato de ela captar rapidamente um conhecimento superficial da língua e ter uma pronúncia tão

boa como a dele.

Tinha tentado desencorajá-la de sentir satisfação consigo mesma, dizendo-lhe que havia muitos dialetos diferentes na Índia. Entretanto, ela lembrava de seu pai falar que urdu era o mais comum. Enquanto lorde Branscombe estava ocupado em sua escrivaninha, Latônia se esforçava para melhorar seu vocabulário, com a ajuda do dicionário.

O calor no mar Vermelho fazia com que se sentisse tão cansada, que era impossível se concentrar num livro ou em qualquer outra coisa. Saiu da cama e foi até a vigia aberta. Olhou para fora e viu que havia apenas um leve brilho dourado no horizonte, anunciando a aurora. As estrelas ainda brilhavam no céu, mas vinha surgindo rapidamente o novo dia.

Dentro de poucos minutos, as estrelas começariam a desaparecer, ofuscadas pelos raios de sol.

Era tão encantador, tão lindo. Teve um repentino desejo de ver mais.

Sem pensar, vestiu-se rapidamente, abriu a porta da cabine e correu pelo corredor, em direção à porta que levava ao convés. Um minuto depois, estava na amurada, observando a luz crescer e se expandir no horizonte, e sentindo a brisa fresca na pele.

Era aquilo que vinha desejando, há muito tempo. Ficou fascinada, quando o sol, ofuscando seus olhos, tornou o mar uma glória brilhante.

O sol ficou mais alto e ela se dirigiu à popa, ansiosa para se afastar da porta do convés, com medo de que alguém a visse. Chegou ao fim da amurada; dali, podia ver o convés inferior, onde alguns passageiros da terceira classe ficavam sentados a maior parte do dia. Suas cabines eram pequenas e abafadas e, como o navio estava cheio, extremamente apertadas.

Ainda era muito cedo para alguém estar lá, exceto os homens que haviam dormido no convés.

Latônia ficou olhando para o rastro deixado pelo navio, formando ondas brancas e verdes. Em pouco tempo, o sol estaria tão quente que ela precisaria pôr um chapéu ou ir para baixo de um toldo.

De repente, percebeu que duas outras pessoas haviam se juntado a ela na amurada: um homem muito idoso e uma mulher de meia-idade, usando uniforme de enfermeira. Ficaram olhando para o mar, como Latônia, quando, de repente, a enfermeira disse:

— Será que a senhorita poderia olhá-lo, por um momento? Estou me sentindo mal, não por causa do mar, mas por alguma coisa que comi ontem à

noite.

— Sim, claro.

A mulher tinha uma aparência esverdeada como se, de fato, estivesse intoxicada.

A enfermeira afastou-se, rapidamente. Latônia aproximou-se do senhor idoso, que se segurava na amurada, com suas mãos enrugadas.

— Bonito — disse ele, como se falasse mais consigo mesmo. — Muito bonito.

— Sim, é. O sol faz nos sentirmos felizes. Falou mansamente, mas ele virou a cabeça, assustado:

— Onde... está... minha enfermeira? Onde... ela foi?

— Ela voltará num minuto — Latônia tentou acalmá-lo.

— Eu a quero agora — disse ele, mal-humorado. — Ela me deixou... sozinho.

— Já vai voltar.

Ele estava agitado como uma criança quando perde algo familiar. Tirou as mãos da amurada e virou-se com insegurança. Latônia pensou que ia cair e, rapidamente, tomou sua mão e passou o braço pelos ombros dele.

— Sua enfermeira voltará num minuto. Olhe como o mar está bonito. O tom de sua voz, ou, talvez, seu toque suave lhe deram segurança,

pois ele apertou os dedos dela, enquanto o levava de volta à amurada. Latônia manteve o braço em seus ombros, com medo de que ele ainda . quisesse sair à procura da enfermeira. Era muito velho e fraco.

— Veja o brilho do sol nas ondas — falou, mansinho. De repente, ouviu a voz áspera de lorde Branscombe:

— O que pensa que está fazendo aqui?

Virando-se, sem largar o velho, viu que o tio estava bem atrás dela. Não havia dúvida quanto à cólera e desconfiança em seu rosto.

— Então, não posso mais nem dormir tranquilo? Quem é esse homem?

Não podia ver o rosto, pois o velho olhava para as ondas. Tudo que lorde Branscombe via era que Latônia tinha o braço nos ombros do desconhecido e estava de mãos dadas com ele. Se não a tivesse apanhado de surpresa, deixando-a tão nervosa por causa da ira em sua voz, até que se divertiria com o incidente. Mas, agora, só conseguia olhar para ele, achando difícil acreditar que alguém fosse tão desconfiado de um simples ato de caridade. Nesse meio tempo, a enfermeira voltou.

— Muito obrigada, senhorita, por cuidar dele. Espero que não a tenha incomodado.

— Você está de volta — disse o homem, com sua voz trêmula. — Por que foi embora? Pensei que tinha perdido você.

— Isso não aconteceria — disse a enfermeira, alegremente. — Vamos: ponha seu braço no meu e vamos dar uma volta. Sabe que o doutor disse que precisa se movimentar.

Quando ele deu o braço à enfermeira, Latônia soltou-o. Os dois se afastaram, e Latônia virou-se para olhar para lorde Branscombe, que ainda estava parado atrás dela. Não havia necessidade de dizer nada. Depois de um longo silêncio, ele falou:

— Acho que devo me desculpar.

— Penso que... seria... justo.

Lorde Branscombe debruçou-se na amurada.

— Você não pode esperar que eu não seja desconfiado, considerando o que soube de seu passado.

— Acho que, numa corte, boatos não são aceitos como evidências. Havia um leve sorriso nos lábios dele, quando respondeu:

— Há uma coisa chamada prova circunstancial.

— Que também não é um fato — disse Latônia, rapidamente.

— Acha que consideraria adequado e conveniente, ou devo dizer justo, se eu ouvir suas explicações?

Latônia olhou para o mar, antes de responder.

— Estamos indo para uma parte do mundo onde nunca estive antes, e deixamos a Inglaterra para trás. Certamente, pode fazer o mesmo com meu passado.

— É o que quer fazer? Pensei que preferisse fazer alguma declaração impressionante.

Ela tinha o pressentimento de que ele estava se esforçando para ser mais desagradável do que era.

— Acabei de ver o nascimento de um novo dia — disse Latônia. — Talvez, seres humanos tenham também auroras em suas vidas. Se a natureza pode nascer de novo, por que não nós?

— Essa é uma idéia que nunca me ocorreu antes, pela simples razão de não ser clinicamente possível.

— Então, talvez eu possa ser uma exceção. Quero pensar que o passado

não é mais importante. É o futuro que importa.

Queria falar com suavidade, mas sua voz soou séria, quase como um apelo. Ele a encarou, e seu olhar penetrante a fez corar.

— Você me surpreende, Latônia. Na verdade, venho sendo continuamente surpreendido por você, desde que nos conhecemos.

— Por quê?

— Porque não é o que eu esperava.

Não pôde evitar um tremor de medo: será que ele tinha percebido ou adivinhado que ela não era quem fingia ser?

Lorde Branscombe disse, num tom de voz diferente:

— Por que quebrou as regras e veio ao convés tão cedo?

— Não podia dormir, por causa do calor. E também queria ver a aurora. O momento antes do sol nascer sobre o mar é tão maravilhoso, tão excitante! Nunca me esquecerei desse espetáculo!

— Você verá muitas auroras maravilhosas na Índia. Especialmente, perto do Himalaia.

Latônia juntou as mãos, numa expressão de alegria.

— É para lá que estamos indo?

— Provavelmente.

— Sempre desejei ver o Himalaia.

— Por quê?

— Na minha imaginação, sempre foram não só as montanhas mais bonitas do mundo, mas talvez um símbolo do esforço do homem, além de si mesmo, na direção de Deus.

Não se deu conta de que lorde Branscombe a olhava, incrédulo, e continuou:

— Penso que é isto que as montanhas significam para o povo da Índia e, talvez, para todos aqueles que, há séculos, tentam ultrapassar a fronteira entre esta vida e a outra.

Latônia falava como se estivesse sozinha. Encontrava alguma dificuldade para escolher as palavras certas para expressar seus sentimentos mais profundos.

Fez-se um longo silêncio. Pela primeira vez, sentiu que ele sabia o que ela estava tentando dizer: talvez, mais do que ela mesma.

Mas o tio quebrou o encanto, mudando de assunto, bruscamente:

— Ainda está um pouco cedo para nossa caminhada, mas já que estamos

aqui, acho que devemos ir ao convés superior, para nosso exercício.

Quando o *Odessa* aportou em Bombaim, no décimo sétimo dia de viagem, Latônia achou que era a coisa mais excitante que já lhe acontecera. Seu entusiasmo e excitação forçaram lorde Branscombe a ir ao convés muito mais cedo do que pretendia. Ficou olhando o nevoeiro sobre o porto, com uma expressão aborrecida. Mas Latônia sabia que não estava tão desinteressado como pretendia.

Esperara que pudessem ver a cidade, quando descessem à terra, mas um grupo de oficiais do Exército esperava por lorde Branscombe. Numa carruagem dirigida por soldados uniformizados, partiram imediatamente para a estação de trem.

Latônia apenas teve tempo de ver o bloco maciço de prédios oficiais paralelos ao mar e separados das praias somente por uma faixa de grama. Tudo era bastante diferente do que esperara. Entretanto, quando lorde Branscombe lhe mostrou as secretarias, a universidade, a biblioteca, as cortes judiciais e o correio, tinham uma aparência tão familiar, que não podiam ser outra coisa, a não ser criação dos britânicos.

Ao chegarem à estação, Latônia não disse nada, mas achou-a o mais grandioso de todos os prédios, com seu estilo muçulmano, com cúpulas, relógios e vitrais coloridos. A confusão nas plataformas era exatamente o que ela esperava: um turbilhão de hindus em turbantes, roupas amarelas e *dhotis* enrolados por entre as pernas.

Enquanto as enormes máquinas soltavam vapor e assobiavam e vendedores ambulantes ofereciam suas mercadorias, mendigos com rostos mutilados ou membros quebrados faziam ouvir seus lamentos. Entretanto, havia pouco tempo para Latônia observar a colorida confusão.

Os oficiais que encontraram lorde Branscombe no navio seguiram-nos em outra carruagem e esperavam para conduzi-los ao trem. Como uma concessão a Sua Excelência, receberam um carro-leito, com sala de estar e compartimentos para os criados, ligado ao trem principal, que estava lotado.

Lorde Branscombe apresentou Latônia rapidamente aos oficiais. Agora, quando se juntou a eles na sala de estar, notou que dois rapazes olhavam-na, com um brilho de admiração nos olhos.

— Espero que goste da Índia, Srta. Combe — disse um deles. — Encontrará muita alegria em Simla, se é para lá que seu tio a está levando.

— Não tenho certeza para onde vamos. O oficial pareceu surpreso.

— Bem, espero que seja uma das estações da Colina, mas, certamente, também encontrará uma recepção calorosa em Nova Délhi.

Na primeira conversa com lorde Branscombe, ele lhe dissera que ela não poderia participar dos divertimentos e festas da Índia, mas nunca havia mencionado para onde iam. De repente, ocorreu-lhe que poderia ser um segredo.

Ainda faltava algum tempo para o trem partir, quando o tio disse, inesperadamente:

— Latônia, acho que seria uma boa idéia se verificasse se tudo o que precisa para a viagem foi colocado em sua cabine. O resto da bagagem irá no vagão das malas.

Percebeu que aquilo era só um pretexto para que saísse da sala. Levantou-se e estendeu a mão para o jovem oficial com quem conversava.

— Adeus.

Ele segurou sua mão um pouco mais do que era necessário.

— Adeus. Espero que nos encontremos novamente, Srta. Combe.

— Eu também.

Sorriu para ele, como sorriria para qualquer pessoa que lhe falasse educadamente. Entretanto, sentiu que lorde Branscombe a observava. Enquanto se dirigia para seu compartimento, ao lado da sala de estar, pensou que ia ser insuportável, se, cada vez que falasse com um homem, o tio suspeitasse de seu comportamento.

— O que será que Toni tinha feito — perguntou-se, pela milésima vez — para que ele a tratasse daquela maneira?

Naturalmente, havia a tentativa de suicídio de Andrew Luddington, mas, apesar de ser uma coisa terrível, Latônia achava que ele devia ser uma pessoa fraca e tola, e um homem que comandava tropas certamente saberia disso.

Talvez, lorde Branscombe acreditasse somente no que queria acreditar.

Quando chegou a seus aposentos encontrou, como esperava, a bagagem que queria. Assim, não havia motivo para se preocupar. Levantou a cortina da janela e olhou para a agitada multidão na plataforma, deslumbrando-se com o rico colorido. Achava muito bonitas as mulheres, em seus sáris, e as crianças, com seus imensos olhos negros nos rostinhos cor de azeitona.

Depois de observar tudo por algum tempo, decidiu voltar para a sala de estar, mesmo que lorde Branscombe não a quisesse lá. Toni certamente teria

ficado ressentida por ter sido mandada embora, como algo indesejável. Já que estava determinada a mostrar sua independência, Latônia voltou. Abriu a porta da sala e ouviu o oficial, superior dos que receberam lorde Branscombe, dizer:

— Pelo amor de Deus, Branscombe, tome todas as precauções. Como bem sabe, esses pequenos Estados independentes fazem qualquer coisa para evitar que seu comportamento chegue ao conhecimento do vice-rei. Se acharem que você é uma ameaça, sem dúvida tentarão eliminá-lo, de qualquer maneira.

Latônia ficou ouvindo e achou que o que diziam não era verdade, e sim fruto de sua imaginação. Parecia mais uma história de aventuras, tirada de um livro para garotos. Mas, sem dúvida, o oficial dissera as palavras que ela acabara de ouvir. Havia um tom de sinceridade e também de advertência em sua voz. Então, lorde Branscombe riu.

— Posso cuidar de mim mesmo, Stevens, como já deve saber. Nesta missão, estou em posição de autoridade, em vez de investigador secreto.

— Mesmo assim, peço-lhe para ter cuidado. O último relatório que recebemos de...

Baixou a voz, quase sussurrando, e Latônia não pôde ouvir mais.

Ficou surpresa com o que acabara de saber. Voltou ao seu compartimento. Certamente, pensou, lorde Branscombe não estaria colocando-a, sua sobrinha, em perigo...

Entretanto, não havia como compreender mal o que o oficial chamado Stevens dissera. Sentiu que ele falava com conhecimento de causa, enquanto lorde Branscombe, recém-chegado da Inglaterra, era completamente ignorante. Será que o tio daria ouvidos ao outro?

O trem começou a andar. Como sabia que agora lorde Branscombe estaria sozinho, dirigiu-se rapidamente para a sala de estar.

Encontrou-o em pé, perto da janela, olhando para a multidão nas plataformas, que observava o trem partir, como se fosse um monstro pré-histórico. Latônia pôs-se a seu lado e disse:

— Nunca imaginei que pudesse haver tanta gente numa plataforma de uma só vez.

Lorde Branscombe sorriu.

— Os trens na Índia são um divertimento e também provocam terror nos nativos. Mas é uma novidade que eles acham fascinante demais para perder.

— Posso entender. Como estamos falando de um mundo novo, o senhor poderia me dizer para onde estamos indo?

Lorde Branscombe lançou-lhe um olhar severo, antes de responder:

— É importante saber?

— É, para mim. E, como já lhe pedi, gostaria de ter um mapa, para seguir nossa viagem. Assim, quando acabar, posso traçar novamente nosso trajeto em minha imaginação.

— Não tenho um mapa disponível agora, mas posso arranjar um, mais tarde.

Achou que estava mentindo e evitava responder à sua pergunta. Sentou-se, olhando para ele.

— Está no Serviço Secreto?

— Por que pergunta isso?

— Talvez ache que sou perspicaz, mas é melhor ser franca e contar que ouvi o que acabou de conversar com aquele oficial.

Lorde Branscombe mostrou-se zangado e ela explicou:

— Eu não pretendia espionar. Abri a porta e ouvi o homem chamado Stevens pedir-lhe para ser cuidadoso.

— Stevens devia ser mais discreto — respondeu lorde Branscombe, secamente.

— Eu preferia saber a verdade — insistiu Latônia. — Se vamos correr perigo, então eu, assim como o senhor, terei que estar alerta, e é melhor nos prevenirmos.

Lorde Branscombe franziu as sobrancelhas.

— Se houvesse algum perigo, não a levaria comigo. Há muitas pessoas, amigos meus, que ficariam felizes em recebê-la. Mas, como bem sabe, tenho minhas razões para mantê-la sob minhas vistas e longe do tipo de sociedade no qual você, inevitavelmente, arranjaria problemas.

— Sempre acreditei que se é inocente até que seja provada a culpa — disse Latônia.

— Tenho uma boa resposta para isso, mas acho que concordamos em falar somente do futuro.

— Não desejo ser colocada sob a custódia de uma acompanhante ou submetida às tentações das quais tem tanto medo.

Sabia que estava sendo atrevida, mas continuou antes que ele pudesse falar:

– Preferia estar em sua companhia e visitar os lugares que diz serem diferentes daqueles que a maioria dos turistas visita na Índia. Porém, também gostaria de saber do que estou participando e se sua vida corre perigo. Quatro olhos são mais atentos do que dois.

– Você não deveria prestar atenção ao que não é para ouvir. E, certamente, não precisa se preocupar com o perigo do que estou fazendo. Garanto-lhe que estarei a salvo, e você também. Se houver algum indício de perigo, prometo que iremos imediatamente para a mais próxima residência britânica.

Latônia suspirou.

– O senhor, deliberadamente, não quer entender o que estou lhe pedindo. Parece realmente uma história de aventuras, o que se espera acontecer na Índia, mas se isso faz parte da trama e do sigilo que eu sei serem necessários para governar este grande país, então, quero fazer o que puder para ajudar.

Falou com sinceridade, e lorde Branscombe ficou impressionado. Por um momento apenas, pensou que ele seria franco e confiaria nela. Mas dois camareiros entraram no carro, para lhe dizer que o almoço seria

trazido a bordo na próxima estação, e não tiveram mais oportunidade de continuar o assunto.

As diversas paradas, a atenção dos camareiros e o fato de lorde Branscombe estar determinado a não ter uma conversa franca com ela, fizeram com que Latônia falasse apenas de coisas triviais, durante o resto do dia.

Quando foi se deitar, estava bastante intrigada com a idéia da viagem que fazia ser de grande importância.

Sabia que o vice-rei e a rede de oficiais sob seu comando dirigiam um país onde trezentos milhões de pessoas eram controladas por um punhado de ingleses. Enquanto o trem corria nos trilhos, Latônia tentava se lembrar do que ouvira sobre as dificuldades da Índia. Seu pai falava freqüentemente do país, do tempo em que estivera lá, com seu regimento. Também tinha conseguido algumas informações nos livros que encontrara na biblioteca do navio. Achava que a ameaça dos russos e sua infiltração no Afeganistão tinham alguma coisa a ver com lorde Branscombe, porém não possuía fundamentos reais para pensar assim.

Havia tanta coisa que queria lhe perguntar, tanta coisa que ele poderia

contar. Mas, por não gostar dela, não tinha confiança. Seria inútil perguntar-lhe qualquer coisa.

Entretanto, tinha boa memória e lera, em algum lugar, que os russos estavam avançando na direção leste-sul, capturando uma a uma as tribos da Ásia, e se preparando para cercar a Índia. Parecia ainda uma hipótese longínqua, mas, em outro livro, lera que os russos estavam construindo uma estrada de ferro ligando a Sibéria ao Extremo Oriente, e também havia rumores de uma outra no Turquestão, que poderia ser início de um plano para anexar o Tibete.

Se pelo menos lorde Branscombe falasse com ela... Estava resolvida a exigir uma resposta.

Na manhã seguinte, após o café, perguntou:

– Pode me explicar o que está acontecendo entre as tribos muçulmanas na fronteira entre o Afeganistão e a Índia?

Não havia dúvida de que ele ficou tenso.

– Com quem andou falando? Latônia sorriu.

– Como bem sabe, não tive oportunidade de falar com ninguém, exceto com o senhor. Mas, pelo menos, foi-me permitido ler.

– Estou certo de que posso lhe arranjar alguns livros sobre o assunto, se é o que lhe interessa.

– Preferia que conversasse comigo e me explicasse.

– E o que quer saber?

– O quanto são perigosas as tribos no norte e se os russos estão, deliberadamente, usando pequenos príncipes independentes para alcançar seus objetivos.

Percebeu que, se tivesse jogado uma bomba aos pés de lorde Branscombe, ele não teria ficado tão admirado. Entretanto, logo depois ele se mostrou relaxado e, fora um brilho perigoso em seu olhar, não havia expressão alguma em seu rosto.

– Não posso imaginar que livros vem lendo, tão cheios de bobagens – disse ele. – Pessoalmente, acho que a ameaça do russos teve sua importância aumentada por escritores como Kipling, que querem vender seus livros.

Latônia não respondeu e ele perguntou:

– Você acredita em mim?

Ela sacudiu a cabeça, lentamente.

– Poderia acreditar, se não tivesse ouvido o que o coronel Stevens lhe

disse, ontem à noite.

Lorde Branscombe soltou uma exclamação de impaciência.

— Muito bem: admito que pode haver alguma verdade em sua suposição, mas não é o motivo de minha viagem. Preciso simplesmente fazer contatos com príncipes, para descobrir se precisam da assistência britânica para governar seus Estados, e também assegurar-lhes que sua lealdade será recompensada.

Apesar de ser pequena a informação, ele não gostou de dá-la. Latônia não pôde evitar um leve tom de triunfo na voz, quando respondeu:

— Muito obrigada por me contar. Tudo é mais interessante, quando sabemos por que estamos fazendo alguma coisa. Seria ainda mais emocionante, se eu soubesse onde.

Pensou que lorde Branscombe ia se enfurecer, mas ele disse, divertido:

— Todas as mulheres são feito mosquitos! Irritantes e insistentes! Muito bem, vou lhe dizer para onde estamos indo, apesar de saber que de nada lhe adiantará essa informação, pois esses lugares são pouco mencionados em seus livros.

— Não importa. A melhor informação não está nos livros, mas com o senhor.

Foi com satisfação que ela notou uma leve piscadela nos olhos dele.

— Muito bem, Latônia: você ganhou. Agora, diga-me exatamente o que quer saber.

A cidade aonde chegaram, depois de viajar desconfortáveis quilômetros por estradas mal traçadas e planícies poeirentas, parecia ser de outro século. As paredes e muros, construídos em arenito, tinham uma aparência esbranquiçada, como se o sol escaldante lhes tivesse roubado a cor. O mercado, entretanto, era como um arco-íris. Mas as pessoas pareciam pobres e muitas estavam em farrapos.

Durante a melhor parte da viagem, Latônia cavalgara, o que foi para ela uma alegria inesperada.

— Suponho que você esteja acostumada a cavalgar longas distâncias — lorde Branscombe perguntou, antes de chegarem à estação onde deixariam o trem.

— Sim, se considera um dia de caçada uma longa distância.

Ele provavelmente devia saber que Toni era boa amazona. Como não fez comentário algum, Latônia pensou que, talvez por não gostar de Toni e de

tudo o que representava, não esperava que pudesse apreciar os esportes dos quais também gostava. Sentia-se feliz por saber montar tão bem como Toni, com a vantagem de estar acostumada a diversos tipos de cavalos, não só os puros-sangues bem treinados da prima.

Os animais que esperavam por ela e lorde Branscombe eram pequenos e vigorosos. Quando montou, Latônia percebeu que teria que se mostrar autoritária para poder controlá-lo. Divertiu-se, ao ver que a montaria do tio também estava dando problemas.

Finalmente, os cavalos se acalmaram, e Latônia pôde observar a paisagem e as pessoas pelas quais passavam. Tudo era fascinação e alegria, coisas pelas quais não esperava. Pensava agora em milhares de perguntas que queria fazer sobre as castas sociais, mas não era o momento adequado.

Com eles, vinha uma longa caravana, incluindo um elefante com a bagagem, e um exército de criados surgidos não se sabe de onde. Latônia achava que alguns tinham vindo no trem. Havia só dois soldados, e não se surpreendeu por lorde Branscombe também estar usando seu uniforme dos Lanceiros de Bengala. Compreendera que aquela era uma visita semi-oficial, mas ele ainda tinha autoridade sobre o rajá, e seu uniforme era o símbolo da autoridade.

Quando o usara, ao chegar a Bombaim, Latônia achou que o uniforme o fez parecer mais distinto e atraente. Agora, montado em seu cavalo, parecia impressionante; em outras circunstâncias, teria sido emocionante estar a sós com um homem tão atraente, num mundo só deles.

— Sou apenas a sobrinha, de quem ele não gosta — disse a si mesma. — E, quando souber que o enganei, certamente me odiará. Entretanto, se não tivesse vindo para a Índia, me arrependeria pelo resto de minha vida.

Ainda pensava no assunto, quando os guias os conduziram por ruas estreitas e, à sua frente, surgiu o palácio. Não era muito imponente, e mais tarde descobriria que possuía meia dúzia de pátios, um ou dois jardins, e talvez cem salas. Nos pátios externos, ficavam os guarda-costas pessoais do rajá, que faziam reverência pressionando as palmas das mãos juntas, à maneira oriental, quando lorde Branscombe passava.

Latônia e o tio desmontaram e foram conduzidos por um oficial para um grande salão, que dava para o jardim. Estava muito quente e a multidão de pessoas sentadas, pernas cruzadas, rio chão nu, tornavam o ar ainda mais quente.

Alguns degraus levavam a uma plataforma e sobre ela havia um trono, onde ficava o rajá, em suas roupas de Estado, usando cordões de pérolas em volta do pescoço e uma espada com o cabo incrustado de diamantes. Era magro, mas tinha uma figura imponente, exceto que, para um homem jovem, parecia um pouco cansado e suas pupilas eram muito dilatadas. Olhando-o com interesse, Latônia teve certeza de estar diante de um viciado em ópio.

Ele cumprimentou cerimoniosamente lorde Branscombe, que depois foi conduzido para uma cadeira a seu lado. Enquanto isso, Latônia acomodou-se em outra pequena cadeira.

— Estamos profundamente honrados com sua presença, senhor — disse o rajá, num inglês surpreendentemente bom.

Latônia soube mais tarde que ele freqüentara uma universidade na Inglaterra.

— Estou encantado em conhecer Sua Alteza — respondeu lorde Branscombe.

A moça ouviu atentamente, notando a cordialidade de sua voz e o modo como cumprimentava o jovem príncipe, mostrando obviamente que queria ser amável.

Achou que algumas das perguntas de lorde Branscombe eram muito incisivas e que alguns dos hindus, especialmente os de classes mais altas, que estavam próximos do rajá, ficaram tensos. Teve a nítida impressão de que estavam escondendo alguma coisa, e se perguntou se lorde Branscombe também notara.

Quando a recepção acabou e comeram o sorvete e as carnes meio adocicadas que lhes ofereceram, foram levados à casa de hóspedes.

Era bem pequena e nem um pouco imponente. Admirada, notou como estava gasta e malcuidada. A pintura das paredes descascada, os móveis descorados e a toalha da mesa, na qual comeriam mais tarde, puída em alguns lugares.

Como se notasse seu espanto, lorde Branscombe explicou, logo que ficaram sozinhos:

— Este é um Estado pobre. Entretanto, você verá que, na Índia, apesar de pintarem os prédios quando estão prontos e cada vez que o rajá se casa, o resto do tempo deixam-nos como estão.

— Que extraordinário! Pessoalmente, preferiria ter menos diamantes no cabo de minha espada e mais tinta nas paredes.

— Você nunca fará Sua Alteza concordar com isso. Seus diamantes fazem parte de seu prestígio e, na verdade, não pertencem a ele; são simplesmente, passados de rajá para rajá e guardados a sete chaves, exceto em ocasiões especiais como hoje.

— Tudo é fascinante. Agora, por favor, fale-me de Sua Alteza. Quando acabou de falar, compreendeu que cometera um erro. Lorde

Branscombe respondeu, num tom de voz um pouco mais alto:

— Realmente, minha cara sobrinha, somos privilegiados por estarmos hospedados nos domínios de um soberano tão inteligente e fascinante.

Enquanto falava, dirigiu-se à varanda para olhar o jardim que se estendia atrás da casa. Não havia sinal de ninguém, lá fora, mas Latônia, que o seguira, percebeu que o que acabaram de dizer tinha sido ouvido e, naquele momento, a informação estaria sendo levada ao rajá.

CAPÍTULO V

Nas quarenta e oito horas seguintes, Latônia não teve chance de ficar a sós com lorde Branscombe. Ele estava se desmanchando em amabilidades para com o rajá, e o jovem soberano correspondia a essa cordialidade. A moça notou que as pupilas do príncipe ainda estavam dilatadas. Imaginava se o tio notara aquilo.

O vício do ópio era muito difundido na Índia, e Latônia sabia que as mulheres inglesas receavam que as babás dessem pequenas quantidades da droga aos bebês, para mantê-los quietos. Entretanto, os ingleses permitiam a venda do ópio, pois era bastante rendoso, devido aos impostos.

Ficou imaginando se aquilo não podia ser reprimido de alguma forma pelos governantes. Gostaria de falar sobre o assunto com lorde Branscombe, sem que ele desconfiasse do motivo de suas perguntas. Como seria agradável, se pudessem viajar como pessoas comuns! Assim, ela aprenderia muito sobre a Índia, que a cada dia achava mais fascinante!

Na tarde do segundo dia, assistiram a uma exibição de cavaleiros e danças folclóricas. No final da apresentação, lorde Branscombe e o rajá se afastaram, para inspecionar a banda de músicos. Mas o motivo de seu afastamento era que queriam conversar sem serem ouvidos. Latônia notou que os membros mais velhos da corte estavam apreensivos. Todos olhavam para a direção onde os dois homens conversavam e pareciam ter esquecido dela. Só quando o rajá e lorde Branscombe voltaram, eles suspiraram, aliviados.

Na manhã seguinte, ao se despedirem, o tio fez um eloqüente discurso, agradecendo a hospitalidade. O anfitrião mostrou-se contente, mas Latônia achou que poderia ser uma expressão de prazer por eles estarem partindo.

Mais uma vez, lorde Branscombe e ela cavalgaram, enquanto os criados e a bagagem seguiam, vagarosamente, mais atrás. Partiram bem cedo. Assim, ainda estava relativamente fresco. Quando ele sugeriu que exercitassem os cavalos, puseram-se imediatamente a correr.

Depois de galoparem durante algum tempo, ela perguntou:

— Por favor, diga-me o que achou do rajá. Pretende recomendar um residente britânico para a província dele?

— Já que está tão interessada, que tal me contar, primeiro, quais foram

suas impressões?

Latônia olhou rapidamente para ele. Achou que a estava testando, talvez tentando provar, para sua própria satisfação, como era tola e frívola.

Escolheu as palavras com cuidado:

— Assim que chegamos, notei que o rajá tomava ópio. Acho também que ele parece um tanto pervertido, para um homem tão jovem.

Esperou lorde Branscombe fazer algum comentário, mas ele apenas perguntou:

— Que mais?

— Posso estar errada, mas achei que os homens a seu serviço, especialmente os mais velhos, estavam tensos e alerta. Quando o senhor e o rajá conversavam, ontem à tarde, eles se mostraram positivamente apreensivos sobre o que falavam.

Parou e viu o olhar de surpresa de lorde Branscombe.

— Você é bastante observadora, Latônia.

— Estou certa? Eles escondiam alguma coisa?

Ela suspeitava que armas russas estavam sendo fornecidas ao rajá, como acontecia com as tribos das fronteiras, mas achava que estavam muito ao sul, para aquilo ser possível.

— Não pretendo discutir tais coisas com você, mas talvez deva abrir uma exceção.

— Por favor. Diga-me o que está errado.

— Nada de sensacional, e acontece com muita frequência nesses principados.

— O que é?

— Como o rajá teve uma educação européia, tem idéias novas e progressistas, enquanto que seus parentes estão decididos a que tudo permaneça igual aos últimos mil anos.

— É por isso que lhe dão ópio?

— Exatamente. Ópio e mulheres deixam pouco tempo disponível para um jovem se concentrar em mudanças políticas.

— Então, decidiu que deve ser designado um residente britânico? — aventurou-se Latônia.

Ele sorriu:

— Pode ser que isso aconteça, mas dei uma chance a Sua Alteza para provar que é capaz de governar.

– De que maneira?

– Disse-lhe que tem que abandonar o ópio e passar mais tempo na sela, inspecionando seu povo, do que nos aposentos das mulheres, no palácio.

– E o que ele respondeu?

– Ele é inteligente, quando sua mente não está sob o efeito da droga. Como o adulei bastante, não se ofendeu, quando eu disse que devia se comportar como um homem e mostrar do que é capaz.

– Acha que fará isso?

– Sinceramente, não sei responder. Mas deixei bem claro que, se em seis meses ele não mudar seus hábitos, recomendarei ao vice-rei que seja indicado um residente britânico.

– Oh! Espero que ele obedeça.

– Eu também. Espero que sobreviva.

– O que quer dizer com isso?

– Há várias maneiras de se livrar de jovens rajás que tentam mudar as tradições consideradas sagradas.

– Como?

– Eles morrem, de uma maneira ou de outra. Há um acidente de caça, uma queda, uma mordida de cobra, comida envenenada... Os indianos vêm usando esses métodos desde o início dos tempos.

– O senhor faz tudo parecer horrível e perigoso.

– Então, esqueça. Talvez as coisas sejam diferentes na nossa próxima parada.

Daquela vez, foram bem para o norte e passaram duas noites no trem, antes de chegarem a seu destino.

Mais uma vez, Latônia ficou fascinada com a multidão de turistas e viajantes nas estações e com o país. Viu aldeias que consistiam apenas de um pequeno oásis verde no meio do que parecia um deserto. Havia poucas árvores para fazer sombra, uma praça central, com um poço e um tanque para dar água aos animais.

Também se interessou pelas cidades-mercados, onde ficou sabendo que os britânicos tinham seus escritórios administrativos, lojas, delegacias de polícia, hospitais e, naturalmente, um acampamento do Exército.

Tudo a fascinava, e ficou grudada à janela até que veio a escuridão.

Apesar de lorde Branscombe estar a maior parte do tempo imerso na leitura dos jornais ou escrevendo o que tinha certeza era um relatório sobre o

lugar que acabaram de visitar, pelo menos ele conversava durante as refeições. A comida era trazida para o trem nas grandes estações: sempre vários pratos, todos muito saborosos.

Havia também muita poeira, que penetrava em tudo, mesmo com as janelas e portas fechadas. Mas tudo era novidade e uma aventura emocionante. Ela já descobrira a atmosfera da Índia: o cheiro das especiarias e de madeira queimada, a pulsação de distantes tambores e o som abafado de pés descalços no chão poeirento. Parecia que tudo aquilo jazia como um sonho meio esquecido em sua mente e em seu coração, e que só agora acordara para a realidade.

Algumas vezes, não conseguindo resistir ao brilho de excitação nos olhos da sobrinha, lorde Branscombe respondia a suas perguntas, sem parecer cínico ou desconfiado.

Outa, o próximo Estado que visitaram, era muito bonito. Havia lagos, santuários e templos, cavaleiros com roupas vermelhas, bigodes e espadas curvas, mulheres de pele dourada andando como rainhas, enquanto carregavam *lotahs* de bronze ou cobre, com água e comida, na cabeça.

Lorde Branscombe e Latônia passaram através de uma agitada multidão em turbantes e sáris vermelhos, âmbar, turquesa e verde.

O palácio, situado numa elevação, era branco, com minaretes, janelas emolduradas, arcos e sacadas. Através de um gigantesco portão triplo, ela pôde ver uma fileira de elefantes amarrados em estacas.

O rajá era um homem idoso, com uma barba branca. Reinava há aproximadamente trinta anos. Não havia dúvida de que mantinha seu povo sob controle, e o Estado inteiro girava em torno dele; seu menor desejo era lei.

Latônia achou que seria impossível para o tio encontrar alguma coisa errada ali. Entretanto, algo lhe dizia que ele não estava satisfeito.

Ficaram em Outa por três dias e, daquela vez, foi-lhe permitido ir para as acomodações das mulheres, com seus pátios internos, tanque e a árvore sagrada *neem*, cujas folhas tinham propriedades medicinais.

A rani era muito jovem e bonita; infelizmente, falava só algumas palavras em urdu e nenhuma em inglês. Latônia tentou se comunicar com ela e com as outras por mímica, mas, mesmo quando lhe mostravam as jóias, foi uma tarefa difícil se fazer entender. Ficou aliviada, quando a visita chegou ao fim.

Ao partirem foi-lhes oferecida uma carruagem aberta, puxada por dois

cavalos, para irem até a estação mais próxima.

— O que achou? — perguntou, ansiosa, assim que acabaram de acenar para aqueles que os viam partir e para a multidão que atirava flores, enquanto passavam.

— Estou esperando para ouvir sua avaliação — respondeu lorde Branscombe.

— Acho que tudo parecia correto, mas sei que o senhor ficou desconfiado.

— Você acha isso estranho?

— Não, inteiramente. Desde que o conheço, vejo-o suspeitar de alguma coisa.

— Quer dizer, de você?

— Sim.

— Bem, talvez o mesmo se aplique a você e ao Estado de Outa. Vocês dois parecem muito bons para ser verdade!

— Estou lisonjeada! Mas, diga-me, o que descobriu?

— Nada. Acho isso desconcertante e, como você disse, faz-me ficar desconfiado.

— E o que pretende fazer?

— O que posso fazer? Ainda não ouvi os relatórios dos que estiveram conosco em Outa.

Latônia pareceu surpresa, por um momento; depois, compreendeu que tinha sido muito tola. Naturalmente, entre os criados, muitos dos quais eram indianos de castas superiores, havia alguns empregados por lorde Branscombe para espionar os lugares que estavam investigando. Aquilo fez com que se sentisse pouco à vontade. Como se adivinhasse o que ela pensava, lorde Branscombe disse:

— Por acaso, vejo um ar de condenação em seu rosto?

— É que não me parece muito... correto... como diríamos na Inglaterra: pouco ético.

O tio riu.

— Há uma regra para a Inglaterra e outra para a Índia — respondeu. — E posso lhe assegurar que o rajá ou qualquer outro de nossos anfitriões esperam que aqueles que nos acompanham façam investigações para mim. Enquanto isso, tomam todas as precauções para que não encontrem nada incriminador.

– Até parece um jogo.

– É exatamente o que é. Como conquistadores da Índia, temos nossas idéias do que é certo e justo, enquanto que os indianos, obviamente, fazem tudo o que está ao alcance deles para evitar que nossas idéias prevaleçam, pois consideram as suas melhores, simplesmente porque são baseadas na tradição.

– Mas precisam interferir?

– Tentamos não fazer isso, exceto quando as coisas vão realmente mal. Como, por exemplo, os crimes cometidos pelos *thugs*, um bando de assassinos que matam milhares de pessoas por ano, simplesmente porque faz parte de sua religião; ou os horrores do *suttee* e casamentos de crianças de três, quatro anos!

– Posso entender que está certo em insistir nas reformas – disse Latônia.

– E também é certo que nosso Império não seja desafiado por outro poder.

– Quer dizer, a Rússia?

Ele assentiu com a cabeça, e Latônia percebeu que não queria continuar a conversa.

– Para onde estamos indo agora?

– Hoje vamos ficar num acampamento militar, onde um batalhão do meu regimento está estacionado. Receio que ficará aborrecida, pois quero jantar no refeitório, onde, naturalmente, mulheres não são admitidas. E sei que nesta época do ano os oficiais não estão acompanhados pelas esposas.

– O que está dizendo é que ficarei sozinha.

– Exatamente. Mas, claro, será guardada por sentinelas, do lado de fora do bangalô, e haverá criados para servi-la. .

Entretanto, foi pouco confortador ver lorde Branscombe, resplandecente na roupa de gala dos Lanceiros de Bengala, sair para o refeitório, ao anoitecer.

Ela não ficou impressionada com o quartel, que era um típico quartel de regimento, dos muitos que havia na Índia: fileiras de construções de tijolo e argamassa para os soldados ingleses e cabanas para os indianos.

O chão onde se exercitavam era de areia batida, sem o menor sinal de verde ou colorido, e as crianças que brincavam eram pálidas e magras por causa do calor e da má alimentação.

Entretanto, o bangalô no qual ficaram era nos arredores do quartel e

possuía um pequeno jardim, que lhe dava uma aparência melhor. Havia o número usual de salas e a inevitável varanda, com degraus de madeira, que levavam a um gramado irregular. A mobília parecia ter passado por vários donos, perdendo um pouco de sua beleza, cada vez que mudava de mãos.

Como viajavam desde o amanhecer, ela ficou bastante feliz por não precisar se esforçar durante o jantar para conversar com oficiais, que iriam preferir ouvir lorde Branscombe.

A cada estação que paravam, sempre havia oficiais para recebê-lo. Enquanto o trem esperava, passavam meia hora, às vezes até uma, conversando em voz baixa, para evitar que Latônia os escutasse. Aquela era evidentemente uma missão importante e estavam bastante impressionados com ele.

Não era de surpreender, pois tinha um ar muito distinto, e Latônia sabia que seu irmão sempre se ressentira por ele ser tão inteligente e subir tão rápido no Exército, obtendo, inclusive, fama de herói. Podia imaginá-lo conduzindo suas tropas nas batalhas, com a espada erguida, os homens atrás, preparados para segui-los, mesmo que precisassem morrer. Então, deu-se conta de que estava apenas usando a imaginação: sem dúvida, lorde Branscombe era o cérebro por trás de qualquer batalha, mas deixaria o ataque e a glória para os mais jovens, que faziam apenas o que lhes era ordenado.

Quando ele saiu e as sentinelas do lado de fora puseram-se em sentido, enquanto subia na carruagem que fora enviada para apanhá-lo, Latônia sentou-se na sala de estar e pegou um livro. Por ainda estar fazendo muito calor e ter viajado o dia todo, sentiu-se sonolenta e não conseguiu se concentrar na leitura.

O jantar foi servido um pouco mais tarde: uma inevitável sopa escura, uma galinha magra e pudim de caramelo. Aquele, aparentemente, era o prato favorito de todos os *mem-sahib* na Índia, e os criados, que aprenderam com eles, achavam um prato fácil de preparar.

Caso fossem ficar mais tempo em algum lugar, ela ousaria sugerir a lorde Branscombe para escolher os cardápios.

Quando o jantar terminou, Latônia voltou para a sala de estar, onde uma lâmpada a óleo fora acesa, e mais uma vez pegou o livro. Talvez porque seus pensamentos eram muito mais interessantes do que o que estava tentando ler, adormeceu.

Acordou sobressaltada ao ouvir o som de rodas, o ruído das rédeas dos

cavalos e a pancada dos rifles das sentinelas no chão, quando se puseram em posição de sentido.

Lorde Branscombe está de volta — pensou ela.

Sentou-se, rapidamente, no sofá, feliz por ele estar de volta e não precisar mais ficar sozinha. Ouviu seus passos na varanda e logo ele entrou na sala, enchendo-a com sua presença, a luz da lâmpada refletindo nas condecorações em seu peito.

Latônia notou uma expressão estranha em seus olhos, que não pôde explicar.

— Achei que ainda não tinha ido se deitar — disse ele. — Por isso, trouxe alguém para vê-la. Alguém que, espero, você gostará de ver novamente.

Ao ouvir aquilo, Latônia pôs-se imediatamente em guarda. Como tinha dito “novamente”, era óbvio tratar-se de uma pessoa que conhecia Toni.

Então, um homem entrou na sala. Ela sinceramente queria saber quem ele era. Usava o mesmo uniforme que lorde Branscombe, mas não era tão alto, e tinha, apesar de ser jovem, rugas finas em volta dos olhos.

Latônia imaginava, desesperada, o que deveria fazer e dizer. Lorde Branscombe estava a seu lado, olhando para ela e esperando para ver sua reação diante do recém-chegado.

Então, com um tom de zombaria na voz, falou:

— Você naturalmente se lembra de Andrew Luddington? Latônia prendeu a respiração. Quando seus olhos pousaram no visitante, notou sua expressão de espanto e surpresa. Por um momento ele não falou. Depois, com bastante naturalidade, comentou:

— Sinto muito, senhor, acho que entendi mal. Pensei ter me dito que sua sobrinha estava aqui.

Foi a vez de lorde Branscombe ficar espantado.

— Esta é minha sobrinha.

Com um leve sorriso, Andrew respondeu:

— Pode ser, senhor, mas eu esperava ver Latônia Combe, que conheci em Londres. Era simplesmente chamada de Toni. Naturalmente, eu deveria ter adivinhado que ela não teria interesse em vir para a Índia, quando há tantos divertimentos na Inglaterra.

Havia um tom amargo em sua voz, como se o desapontamento de não ter encontrado quem esperava no bangalô fosse insuportável.

– Se me der licença, senhor, vou voltar. Seria um erro deixar os cavalos esperando.

Obviamente, era uma desculpa para sair, e lorde Branscombe o seguiu para a varanda.

Latônia não se moveu, até ouvir a carruagem se afastando. Sentiu que também precisava ir. Queria correr e se esconder, mesmo na escuridão do jardim, ao invés de enfrentar lorde Branscombe. Mas uma força que ela não sabia possuir a fez permanecer onde estava.

Ele voltou e fechou a porta. Dirigiu-se até ela e ficou olhando-a, com um ar tão acusador, que a fez sentir-se como se estivesse na cadeira dos réus.

– Acho que me deve uma explicação!

– Sinto muito... por tê-lo... enganado.

– Se você não é minha sobrinha, então, em nome de Deus, quem é você?

– Sou... Latônia Hythe.

Viu um lampejo de reconhecimento em seus olhos. Em seguida, ele perguntou:

– Quer dizer que é a filha de Arthur e Elizabeth Hythe?

– Sou.

– Sabia que eles tinham uma filha, pois me falaram dela, mas por que está aqui, no lugar de minha sobrinha Latônia Combe?

Ela respirou fundo. Por causa da rispidez na voz dele e da ira em seus olhos, a voz morreu-lhe na garganta e mal pôde falar.

– Toni... não podia deixar... a Inglaterra... no momento – gaguejou.

– O que quer dizer com “ela não podia”?

– Ela... ela está... apaixonada... Era difícil pronunciar as palavras.

– Isso não é novidade. Então, vocês tramaram esta incrível farsa por causa de uma paixão desvairada por outro pobre coitado, que ela, sem dúvida, vai tratar da mesma maneira diabólica como tratou o jovem Luddington.

– Toni está... apaixonada... como nunca esteve antes...

– Se essa foi sua desculpa para não obedecer a minhas ordens, poderia ter tido a coragem e a decência de me dizer.

– O senhor a... teria ouvido?

Latônia achou que estava sendo impertinente. Lorde Branscombe atravessou a sala, dizendo:

– Acho que devia ter suspeitado, quando você se portou de maneira tão

diferente da que eu esperava. Entretanto, mal posso imaginar uma fraude mais vergonhosa do que você tomar o lugar de minha sobrinha, colocando-me nesta posição, com suas mentiras e falsidades.

— Eu... eu... sinto... muito, muito... muito... mesmo.

— Isso não é suficiente!

Lorde Branscombe ficou em silêncio e Latônia imaginou o que poderia dizer em sua defesa. Então, como se de repente se lembra-se de alguma coisa, ele pôs a mão no bolso da túnica:

— Talvez isso esclareça seu extraordinário comportamento. Estava esperando por mim, quando cheguei ao refeitório. Como pensei que, por ser um telegrama, podia trazer más notícias, eu o abri.

Estendeu o papel para Latônia, que o pegou com os dedos trêmulos. Como ele a observava, mal pôde focalizar os olhos no que estava escrito. De repente, as palavras pareceram saltar:

Nós nos casamos esta manhã. O pai de Ivan faleceu na semana passada. Estou extraordinariamente feliz.

Carinhosamente, Toni.

Latônia deu um suspiro de alívio, que veio do fundo de seu coração.

— Não são más notícias, mas muito... boas.

— Acho que está me comunicando que minha sobrinha se casou.

— Sim, ela se casou. O pai de seu marido faleceu e agora... ela é... a duquesa de Hampton.

Enquanto falava, pensou que, se alguma coisa poderia aplacar a ira de lorde Branscombe, seria o fato de sua sobrinha ser agora uma duquesa. Nenhum tutor negaria que, socialmente, aquilo era um grande feito. Com um brilho de triunfo nos olhos, ela continuou:

— Para Toni, não faria diferença se Ivan fosse um nobre ou um ninguém. Ela o ama pelo que é, assim como ele a ama, e agora vão viver felizes para sempre.

— Parece maravilhoso — disse ele, com sarcasmo. — Presumo que, quando você aceitou tomar parte nesse plano diabólico para me enganar, não lhe tenha ocorrido que estava pondo a mão num ninho de marimbondos. .

Latônia não compreendeu e o olhou, intrigada.

— Você não pode ser tão tola a ponto de não compreender todo o mal que trouxe à sua reputação, viajando sozinha comigo e fingindo ser minha sobrinha, quando na verdade não somos nem parentes.

Falou de uma maneira tão severa, que mesmo antes de compreender o impacto total do que dizia, ela sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

— Eu... eu vou para casa imediatamente... e ninguém saberá.

— Acredita mesmo que é possível? Os jornais ingleses provavelmente vão anunciar o casamento de minha sobrinha, especialmente se é com alguém de tal importância social como um duque. Naturalmente, há pessoas na Índia, assim como na Inglaterra, que sabem que eu não tenho duas sobrinhas.

— “De qualquer maneira, não sou importante — disse Latônia. — Meu pai e minha mãe, como sabe, faleceram. E, exceto quando Toni estava no castelo, vivia tranqüilamente na aldeia, com uma velha governanta.

Como que lhe implorando para entender, ela continuou:

— Toni tomou meu lugar, enquanto estive fora. Mas, mesmo que alguém saiba que vim para a Índia, não significa muito. Por que pensariam que estivemos juntos?

— Só posso dizer que estou alarmado com sua tolice. Pensei que você fosse inteligente.

Como Latônia não falasse, ele comentou:

— Você não encontrou ninguém no navio, porque eu decidi assim, mas pode estar certa de que muitos passageiros sabiam que estávamos lá e quem era você.

Ela abriu a boca, mas ele a interrompeu.

— Desde que chegamos, você encontrou vários oficiais que, sem dúvida, dirão às esposas que foram apresentados à minha sobrinha. Como têm pouca coisa para fazer, provavelmente elas discutiram com outras mulheres a razão de você estar viajando comigo.

A voz de lorde Branscombe tornava-se mais ríspida e acusadora a cada palavra.

Latônia tremia, mas não conseguia tirar os olhos dele. Era quase como se ele, deliberadamente, a forçasse a ser sua prisioneira, enquanto a repreendia por seu comportamento. A reação dele era exatamente a que desconfiara que seria, quando fosse descoberta. Sabia que era inevitável, mas, agora que estava acontecendo, não se sentia preparada para aquele momento.

— Não há nada que eu possa fazer... exceto... desaparecer — murmurou. — Talvez as pessoas... esqueçam de mim. Talvez... o senhor possa dizer... que eu morri... como papai e mamãe.

Deu um pequeno soluço, quando mencionou os pais, e lorde

Branscombe percebeu. Então, disse, com menos rispidez:

— Há, naturalmente, uma solução óbvia. Mas, se você não a aprovar, não poderá culpar ninguém, a não ser você mesma.

— O... que... é?

— A única maneira possível de eu salvar sua reputação é me casando com você!

Latônia pensou que não tinha ouvido bem, e ele insistiu, irritado:

— Não há nada mais a fazer. Posso dizer aos que já a encontraram que agimos assim para ocultar o fato de você se casar, logo depois da morte de seus pais.

Novamente, sua voz ficou áspera e sarcástica:

— Sem dúvida, você será acusada de fingida e sem coração. Mas isso não é nada, comparado ao que diriam, se a verdade viesse à tona.

— Mas eu já disse: não sou importante. Então, se apenas... desaparecer... não vou me prejudicar.

— Acredita mesmo nisso? Minha cara menina, você será condenada ao ostracismo pelo resto da vida e será banida de todas as casas decentes da Inglaterra e de qualquer outro lugar do mundo.

Falava agora como um pai.

— Um rumor, e sem dúvida haverá mais de um, de que viajou algumas semanas sozinha com um homem, e todas as mulheres respeitáveis vão virar o rosto, quando passarem por você, com medo de serem contaminadas.

— O que elas pensassem não seria verdade — disse Latônia, ingenuamente.

— Você não pode esperar que as pessoas acreditem em alguma coisa, a não ser no pior! E sabe que uma mulher que erra nunca é perdoada. Nem suas faltas são um dia esquecidas.

— Eu... eu estava apenas tentando... ajudar Toni. Ela ama o marquês e seu pai queria que ele se casasse com uma princesa alemã. Ela sabia que, se viesse com o senhor, o marquês poderia ser forçado a se casar.

— Tudo que posso dizer é que ele parece o tipo de jovem fraco e tolo, que pode ser levado pelo nariz por minha terrivelmente mal comportada sobrinha!

— O senhor está torcendo tudo e fazendo parecer... horrível. O marquês adora Toni, de verdade! Eu os vi juntos e não havia dúvida de seus sentimentos. Ela o ama, como nunca amou um homem em toda a vida.

Respirou fundo, reunindo coragem para dizer:

— Sei que não vai acreditar nisso, porque está tão zangado com Toni e disse coisas horríveis para mim, pensando que fosse ela. Mas não é realmente culpa de Toni que os homens se apaixonem por ela. É tão bonita e atraente! Tem sido assim, desde que era uma garotinha. Há algo irresistível nela.

— Você acha que isso justifica seu comportamento ou a desculpa por usar você?

— Já lhe disse que eu não tenho importância. Sempre levei uma vida calma, porque nunca tivemos dinheiro. Toni foi mais do que uma irmã para mim. Ela era como uma irmã gêmea! Tudo que fiz foi com satisfação e estou preparada para sofrer as consequências, sem me queixar.

A sinceridade em sua voz ressoou pela pequena sala.

— Mas isso não me livra de minhas obrigações — disse lorde Branscombe, depois de um momento. — Acho que, de certa maneira, a culpa é minha, por não ter ido ao castelo apanhar minha sobrinha. Então, nada disso teria acontecido.

— Não se culpe. Toni estava tão decidida a ficar com o marquês, que teria encontrado outra maneira para não vir para a Índia.

Parou um pouco e, depois, pediu:

— Sei que é difícil, mas, por favor, tente entender. Toni não é má como pensa, Ela é impulsiva, algumas vezes imprevisível, por gostar tanto da vida. E viver no castelo era monótono para ela.

Notou a surpresa nos olhos de lorde Branscombe. Explicou:

— Uma vez, quando íamos para nossa pequena casa, deixando Toni no castelo, mamãe disse que tinha muita pena da solitária garotinha que não podia vir conosco.

— Achei que, com a posição de meu irmão e sua enorme riqueza, minha sobrinha podia ter tudo que quisesse na vida.

— Exceto... amor. Era isso que lhe faltava... amor e pessoas à sua volta, que se amassem como mamãe e papai se amavam. O senhor viu meus pais, quando estiveram aqui na Índia, e deve ter notado como eram felizes. Não era o dinheiro que importava em nossa casa, era a felicidade que vinha... do... amor. E isso Toni nunca teve.

Havia lágrimas nos olhos de Latônia. Porque queria tanto fazê-lo entender o motivo do comportamento de Toni e porque seus pais tinham morrido há tão pouco tempo, que era impossível falar deles sem começar a

chorar.

Agora, seus olhos estavam úmidos e ela se afastou de lorde Branscombe. Quando alcançou a porta, parou e disse:

– Sinto muito. Só posso me desculpar por tudo que fiz, por todas as mentiras que lhe disse. Sei que mamãe ficaria chocada com meu comportamento, mas não havia outra maneira de Toni ficar com o marquês. Talvez, quando pensar mais no assunto, seja capaz de perdoar Toni e... a mim.

Quando parou de falar, as lágrimas lhe corriam pelo rosto. Não queria que lorde Branscombe as visse. Saiu rapidamente da sala e foi se esconder no quarto.

CAPÍTULO VI

Chorou por muito tempo, depois que foi para a cama. Quando ouviu alguém bater na porta, parecia que apenas acabara de adormecer.

— O que é?

— Lorde *sahib* vai partir em uma hora, *mem-sahib* — avisou o criado.

— Estarei pronta.

Levantou-se e se vestiu, apressada. Ao chegar à varanda, onde seria servido o café, ficou sabendo que lorde Branscombe já havia saído. Pensou que ele talvez estivesse tomando café com os oficiais e ficou contente por não precisar enfrentá-lo, depois da tempestade da noite anterior.

Devia saber que, mais cedo ou mais tarde, encontraria alguém do passado de Toni. Entretanto, não esperava que fosse Andrew Luddington, pois não sabia que ele estava com os Lanceiros de Bengala. Agora, podia compreender por que lorde Branscombe ficara tão furioso com Toni por levá-lo ao suicídio: o jovem Luddington não era só um rapaz impressionável, mas também pertencia ao regimento dele.

O que quer que Kenrick Gombe pensasse, ainda achava que Andrew Luddington era um fraco e não tinha controle sobre si mesmo.

Sabia que de nada adiantaria dizer aquilo, quando lorde Branscombe voltasse, pois ele recomençaria a censurar o comportamento de Toni; além do que, estava aborrecido demais com a farsa que ela e sua prima planejaram.

Latônia não podia acreditar que ele falava sério, quando disse que a única solução para salvar sua reputação seria se casarem. Devia estar só tentando assustá-la.

Entretanto, ocorreu-lhe que, quando a fraude fosse descoberta, ela não seria a única a sofrer. Era repreensível que, em suas visitas como representante do vice-rei, lorde Branscombe levasse uma moça, apresentando-a como parenta, quando na verdade ela não era nada daquilo. Preciso deixar a Índia, imediatamente! pensou, em pânico.

Decidiu que diria aquilo a lorde Branscombe, assim que ele voltasse.

Felizmente, tinha o dinheiro para a passagem, mas não fazia idéia de como voltar para Bombaim. Sabia também que seria impossível fazer a viagem sozinha. Cada minuto que esperava por Kenrick tornava as dificuldades ainda piores.

Quando ele finalmente apareceu, não tiveram chance de falar a sós. Vários oficiais superiores o acompanhavam, e já havia uma carruagem esperando para levá-los à estação, que ficava a pouco menos de um quilômetro do quartel. Latônia não teve tempo de fazer nada, a não ser apanhar sua sombrinha, bolsa e luvas e entrar na carruagem, com ele e dois oficiais.

Ao chegar à estação, encontraram o costumeiro batalhão de criados para atender às suas necessidades, e seus vagões especiais já haviam sido conectados ao trem da manhã, que partiria em direção ao norte.

Notou que lorde Branscombe deu ordens para o trem partir mais cedo do que de costume. Achava engraçado que, em todas as estações em que paravam, o guarda sempre pedisse permissão a ele, antes de fazer sinal ao maquinista para colocar o trem em movimento.

Os oficiais agora se despediam e, mais uma vez, Latônia e lorde Branscombe ficaram sozinhos na sala de estar.

Olhou-o, apreensiva. Achou que parecia zangado, pois seus lábios estavam apertados. Ele apenas lhe deu um dos jornais, o *Times* inglês, de três semanas atrás. Latônia compreendeu que ele não queria falar e abriu o jornal, mas achou difícil se concentrar nas dificuldades políticas da Inglaterra, ou na descrição da realeza estrangeira, que estava sendo recebida pela rainha, em Windsor.

Passaram-se quase quarenta e cinco minutos, e o trem parou numa pequena estação, para surpresa dela. Estava acostumada com multidões, mas, daquela vez, havia somente duas ou três pessoas na plataforma, olhando para o trem com espanto. Além da estação, mais adiante, viu uma pequena aldeia e um grupo de pessoas, a maioria crianças, que corriam excitadas ao encontro deles. Ocorreu-lhe que não esperavam que o trem parasse. Pela primeira vez, desde que deixaram o quartel, falou com lorde Branscombe:

— Por que paramos aqui?

— Eu lhe direi em poucos minutos.

Não quis mais fazer perguntas, pois um criado acabara de entrar com copos de suco de frutas e fatias de *papaya*.

Latônia bebeu o suco, imaginando o que estaria acontecendo. Lorde Branscombe continuava absorvido nos jornais.

Já esperavam a vinte minutos na pequena estação, quando um dos criados que viajava com eles entrou na sala. Aproximou-se de Kenrick e

disse, em voz baixa:

— Tudo pronto, senhor. Lorde Branscombe pôs-se de pé.

— Venha comigo, Latônia.

Havia alguma coisa em sua maneira de falar que a deixou assustada.

Saíram do trem para a plataforma e ela viu, esperando por eles, uma charrete bem simples, puxada por um cavalo novo e diferente de qualquer uma em que ela já viajara. Assim que entraram e se sentaram no desconfortável assento, partiram, rapidamente.

Foram seguidos por muitas crianças, correndo pela estrada poeirenta ao lado deles, gritando e estendendo as mãos para pedir presentes. Aquilo evitou que Latônia fizesse perguntas. Também pressentia que lorde Branscombe não tinha intenção de lhe dizer o que queria saber.

Como o cavalo corria com rapidez, pouco a pouco deixaram as crianças para trás. Agora, nos arredores da aldeia, viu um prédio pequeno, com telhado de zinco. Mesmo antes de avistar a cruz, percebeu que era uma igreja. Só quando o cavalo diminuiu o passo, Latônia voltou-se para lorde Branscombe, nervosa:

— Por favor, não podemos... fazer isso! É... errado!

— É a única coisa que podemos fazer — respondeu, severo.

Ela queria protestar; queria lhe implorar; mas, logo que o cavalo parou, um homem surgiu na porta da igreja. Era alto e magro e usava uma batina preta. Latônia achou que se tratava de um missionário.

Kenrick Combe desceu da charrete e apertou a mão do padre Parson.

— Seu criado me informou, Sr. Combe, que deseja se casar.

— Exatamente, e esta é minha futura esposa, Srta. Hythe. Parson cumprimentou Latônia e depois entrou na igreja, à frente deles. O interior era muito simples e, pela falta de flores e velas, Latônia pensou ser uma igreja presbiteriana.

Como se soubesse que a rapidez era essencial, o padre pegou o livro de orações e começou, imediatamente, a cerimônia do casamento.

Pelo resto do dia, enquanto o trem continuava sua marcha para o norte, Latônia sentiu-se como num sonho. Não podia acreditar que havia realmente se casado daquela maneira tão estranha e austera. Era impossível sentir-se como uma noiva, ou pensar em lorde Branscombe como seu marido. A única realidade era o anel de ouro em seu dedo, com as iniciais dele. Ficara um pouco grande para ela, pois, até aquela tarde, era Kenrick quem o usava.

Parecia uma pesada corrente, que a fazia prisioneira para sempre.

Como podia estar casada? Como podia ser esposa de um homem que a desprezava e odiava? E, principalmente, o que podia fazer?

Desesperada, não conseguiu encontrar resposta.

Chegaram ao destino no fim da tarde, quando já não fazia tanto calor.

Latônia queria perguntar para onde iam, mas estava muito amedrontada para falar. Ficou apenas olhando pela janela as imensas planícies por onde passavam, que pareciam simbolizar o vazio de seu próprio futuro.

Então, quando menos esperava, chegaram. Passaram por uma cidade, onde viu as familiares pilhas de frutas coloridas, vegetais e cereais no bazar, e a multidão se acotovelando e empurrando, no meio da qual se moviam os grandes e preguiçosos bois sagrados do deus Shiva.

Viu barracas vendendo braceletes de vidro e brilhantes sáris vermelhos, azuis, dourados e verdes. Então, saíram da cidade, mais uma vez, surgiu o palácio, com cintilantes torres, janelas rendadas, e precisando urgentemente de uma pintura.

Houve uma recepção na imensa sala do trono, e o rajá, que aparentava ser de meia-idade, pareceu a Latônia menos simpático do que os outros. Não que fosse grosseiro. Apenas, tinha alguma coisa que lhe dava uma aparência cruel, e talvez, perigosa. Era só uma impressão, e ela ficou imaginando se lorde Branscombe sentira a mesma coisa.

Como já esperava, ele estava sendo extremamente amável, cumprimentando o rajá em nome do vice-rei e fazendo-lhe os elogios que eram sempre esperados no Oriente.

Pela primeira vez, Latônia foi apresentada como sua esposa.

— Não sabia que era casado, senhor — disse o rajá, num bom inglês.

— Acabei de voltar da Inglaterra e poucas pessoas sabem que minha esposa viaja comigo — explicou lorde Branscombe.

— Sinto-me honrado por ser um dos primeiros anfitriões da senhora. Naturalmente, devemos celebrar este acontecimento tão feliz. Estou certo de que lorde Branscombe apreciará nossas dançarinas.

— Será para nós um privilégio poder vê-las — disse ele, antes que Latônia pudesse falar.

A casa de hóspedes era parecida com as outras e havia um grande número de criados. Agora, Latônia sabia que entre eles devia haver um que entendia sua conversa, para contar no palácio o que ouvira, e ficou pouco à

vontade.

Como o rajá era muçulmano, poderiam jantar com ele, enquanto que os outros rajás, indianos, comiam sozinhos.

Latônia pôs um de seus vestidos mais bonitos. Apesar de lorde Branscombe não gostar dela, achou que, como sua esposa, devia pelo menos fazer boa figura. Sendo uma mulher casada, seria aconselhável que usasse jóias, mas a única que possuía era o anel que ele lhe dera. Estava nervosa e por isso foi mais difícil e demorado ajeitar o cabelo.

Quando finalmente deixou o quarto e entrou na sala, encontrou-o de pé, esperando-a, o que lhe indicou que estava atrasada.

— Eu sinto... muito... — ela começou, mas ele se dirigiu, impaciente, para a porta. Latônia pôde apenas segui-lo e entrar na carruagem que os esperava.

Permaneceram em silêncio durante o curto trajeto até o palácio. Latônia ficou pensando em como poderia agüentar a vida toda a sensação de seu marido ser tão inatingível como os picos do Himalaia.

Foram recebidos no palácio com o cerimonial que era agora familiar para Latônia.

O rajá, ainda mais resplandecente do que à tarde, estava cintilante de jóias. Mais uma vez, ela sentiu um brilho cruel, não só em seus olhos, mas também em suas esmeraldas; e os rubis de seu turbante pareciam queimar com um fogo de mau agouro.

— Estou apenas imaginando coisas — disse a si mesma.

No primeiro palácio que visitou, ficou sabendo do sentimento de animosidade dos membros mais velhos da corte: enquanto seus lábios sorriam, seus olhos estavam cautelosos e desconfiados. Por isso, as medidas não a enganavam mais e sentia que havia alguma coisa errada ali. Alguma coisa muito errada!

Estava ansiosa para saber se Kenrick também pensava assim, mas ele falava amavelmente com o rajá e não havia nada em sua voz calma e controlada para assustar ninguém.

Por estar cansada e ocupada com seus próprios problemas, Latônia achou difícil se concentrar na dança ou tentar entender a histeria que as mulheres demonstravam com seus movimentos. Tudo o que a música lhe dizia era que ela estava casada e, enquanto Toni podia se declarar “extremamente feliz”, Latônia nunca seria capaz de repetir o mesmo. Parecia

impossível que aquilo tivesse mesmo acontecido, e seu sonho de se apaixonar e encontrar um homem que a amaria como seu pai amara sua mãe jazia em pedaços a seus pés.

Como pôde ser tão tola e não pensar naquela possibilidade? Mas nunca, nem em seus mais incríveis devaneios, lhe passaria pela cabeça que a fraude que Toni planejara para ela acabaria em casamento.

Esperara que lorde Branscombe ficasse zangado; achava mesmo que talvez a mandasse para casa em desgraça; mas jamais imaginou que ele a faria sua esposa, por ser a única maneira de evitar um desagradável escândalo que prejudicaria ambos. Agora, Latônia via como tinha sido tola.

A Índia, então, parecera muito distante, e ela simplesmente pensou que quando voltasse para a Inglaterra, tudo o que tivesse acontecido naquele continente longínquo seria esquecido.

Entretanto, devia ter imaginado que lorde Branscombe era um homem muito importante para não ser observado, comentado e invejado. Com relutância, admitiu que, por mais horrível que pudesse lhe parecer, ele tinha feito a única coisa possível nas circunstâncias em que se encontravam. Agira também com muita inteligência. Latônia tinha certeza de que o missionário da pequena aldeia onde se casaram provavelmente não lia nem os jornais da Inglaterra nem os da Índia. Sentira que era um homem dedicado à conversão das almas, o mundo social nunca o preocuparia, por não ser de seu menor interesse. Para ele, Kenrick Combe era apenas um inglês comum: dificilmente faria alguma ligação entre ele e a pompa e o luxo dos rajás.

Lorde Branscombe tinha sido inteligente, enquanto ela se comportara feito uma tola. Merecia o castigo que lhe fora destinado.

Aquele sentimento de humildade durou toda a noite. Quando voltavam para a casa de hóspedes, ela pensava se devia dizer a ele como estava arrependida. Mas, ao entrarem, lorde Branscombe disse, abruptamente: — Boa noite, Latônia! Espero que durma bem. E se dirigiu a seu quarto.

Os quartos eram vizinhos, mas seus corações e pensamentos estavam mais afastados do que nunca. Ela estava se despindo, quando notou a porta de comunicação. Não a vira antes, porque estava encoberta por uma cortina de contas de vidro. Podia ouvir Kenrick se movimentando no quarto ao lado. Sentou-se à penteadeira e, olhando-se espelho, perguntou o que sua mãe diria, se soubesse que aquela era a noite de seu casamento e ela estava só. Pior: em desgraça. A mãe sempre lhe contara como tinha sido feliz em sua

lua-de-mel.

— Seu pai era o homem mais bonito e atraente que vi em minha vida. Quando me casei com ele, parecia que estávamos no paraíso e não havia mais ninguém em todo o universo, além de nós dois.

— Era isso que eu queria sentir — disse Latônia para sua imagem no espelho; mas sabia que, devido à sua estupidez, nunca alcançaria o que desejava.

Não conseguiu pegar no sono. Ficou deitada, ouvindo os sons abafados que vinham do lado de fora da janela. Podia reconhecer o ranger da roldana do poço, o latido distante de um cachorro, um bebê chorando e um homem, talvez o vigia da noite, pigarreando. Os sons se misturavam com o aroma das flores de laranjeira e jasmims, e o cheiro de pó e pedras ressecadas pelo sol.

Se amasse alguém, a Índia seria o lugar perfeito para seu amor. Duas horas mais tarde, ela ainda estava acordada e se virava na cama, porque sentia calor e suava. Decidiu ir se lavar no banheiro, que dava para seu quarto. Apesar da água ser tépida, e não fria, pelo menos se sentiria mais confortável.

Saiu da cama e abriu a porta do banheiro, mas, ao fazê-lo, ouviu uma voz falando num sussurro. Era um som estranho, que tinha algo parecido com um eco. Ficou parada, por um momento, com a mão na porta, tremendo. Então, notou que a pessoa falava em urdu e o eco fantasmagórico vinha através do grande cano que conduzia a água do banho. Já ouvira o mesmo som, na primeira casa de hóspedes em que ficaram, e também se assustara com ele; mas, da outra vez, era dia claro.

Agora, compreendia que alguém estava conversando do outro lado da parede do banheiro, sem saber que o cano funcionava como uma espécie de condutor do som. A voz continuou, e Latônia pegou algumas palavras que pôde entender.

— Ele vai morrer!

— E isso seria prudente? — perguntou outra voz.

— É necessário. Se lorde *sahib* descobrir que... escondemos... haverá problemas... muitos problemas!

— Muitos problemas, se lorde *sahib* morrer!

— Não. *Datura* não é como arma de fogo ou faca. Dê *datura* para lorde *sahib* no café da manhã, ele morrerá no trem.

— Boa idéia!

Latônia prendeu a respiração e, mansamente, pé ante pé, saiu do banheiro e voltou para o quarto. Horrorizada com o que ouvira, ela se lembrou o que era *datura* e como eles planejavam matar lorde Branscombe: tratava-se de uma planta que crescia abundantemente em muitas partes da Índia e tinha flores parecidas com o lírio, muito bonitas e com um doce perfume. Mas as sementes, marrons e verdes, eram conhecidas como “as maçãs da morte”. Muito venenosa, a semente tinha sido usada durante séculos, como um método conveniente para se livrar de maridos indesejáveis, esposas em excesso e parentes idosos. Num livro que tratava mais especificamente do assunto, Latônia lera que era o mais comum de todos os venenos, quando moído e misturado na comida, sendo pão a escolha mais freqüente. A morte dependia inteiramente da maneira como *datura* era comido. Se engolido rapidamente, mesmo em pequena quantidade, era fatalmente eficiente.

Precisava avisar lorde Branscombe imediatamente. Mas, ao se dirigir para a porta que comunicava os dois quartos, um suave movimento a alertou. Sabia exatamente o que era: os criados, seguindo ordens do rajá, estavam dormindo do lado de fora de seus quartos. Era costume na Índia que visitantes importantes fossem protegidos daquela maneira.

Latônia deu-se conta de como estavam vulneráveis e como seria difícil avisar lorde Branscombe sobre o que estava acontecendo, quando qual quer coisa que falassem podia ser ouvida.

Havia uma ampla varanda do lado de fora dos quartos e, sem dúvida, também haveria criados dormindo lá. Mas não poderiam ouvir tão bem como os que estavam dentro da casa, ouvidos colados às portas que não fechavam bem.

Continuou indecisa, sentindo-se cercada por todos os lados: o inimigo se enrolava em volta deles, como uma serpente.

Naturalmente, poderia esperar pela manhã e, então, sugerir a lorde Branscombe um passeio pelo jardim, antes do café da manhã. Lá, não correriam o risco de serem ouvidos.

Mas, e se os envenenadores atacassem antes do café? O costume inglês de ser acordado com chá e várias fatias de pão com manteiga fora introduzido da Índia pelos *sahib* e suas esposas. Agora, uma simples fatia de pão com manteiga poderia facilmente matar Kenrick Combe, antes que Latônia tivesse tempo de avisá-lo.

Precisava dizer-lhe imediatamente! Seria impossível dormir, se não dissesse a ele o que ouvira. Com determinação, dirigiu-se para a porta coberta pela cortina de contas e segurou o trinco. Por um aterrorizante minuto, pensou que a porta estivesse trancada, mas então ela se abriu e Latônia entrou no quarto de lorde Branscombe.

Era maior do que o dela e, por uma luz fraca que vinha da varanda, onde uma lâmpada ficava acesa a noite toda, pôde ver o contorno da cama. O mosquitoeiro não fora abaixado.

Latônia ficou onde estava, tentando ver para onde ia e pensando no que dizer. Lentamente, dirigiu-se à cama, seus pés descalços sem fazer um ruído nos tapetes que cobriam o chão de madeira. Já estava ao lado de lorde Branscombe, quando ele acordou, alerta como um homem acostumado ao perigo. Apesar de não poder ver claramente, sabia que ele tinha os olhos abertos e a via, de pé a seu lado, a silhueta traçada contra a fraca luminosidade da janela.

— O que é? Quem é você? — perguntou.

Então, incrédulo, reconheceu-a: .

— Latônia!

Agora, não havia dúvida de que o criado lá fora estaria escutando. Disse, rapidamente e em voz alta, para ser facilmente entendida:

— Você esqueceu de dizer boa-noite para mim, como eu... esperava que fizesse. Adormeci e, por isso, não vim antes.

Lorde Branscombe não disse nada. Desesperada, pensou que nunca o faria entender. Mas, como sabia que, se falhasse, ele morreria, uma voz parecia lhe dizer o que fazer. Sem pensar, sem considerar nada além do horror do que ouvira, deitou-se na cama, ao lado dele.

Notou que ficou tenso, mas a única coisa que importava era que precisava saber dos planos para matá-lo. Em um segundo, Latônia estava bem junto dele, a cabeça no travesseiro e os lábios próximos a seu ouvido.

— Tenho algo para lhe dizer — sussurrou.

Sua voz estava tão baixa que mesmo ela mal podia ouvir. Como se finalmente entendesse, ele disse, em voz alta:

— Estou contente por você ter vindo. Pensei que estivesse dormindo. Foi um longo dia.

Quando acabou de falar, Latônia murmurou:

— Há perigo! Eles vão matá-lo!

– Como você sabe disso? Sua voz estava tão baixa como a dela.

– Ouvi pelos canos do banheiro dois homens conversando. Lorde Branscombe voltou à encenação:

– Você não pode se cansar demais. Fiquei com receio de que a festa hoje à noite, além da longa viagem, fosse demais para você.

– Eu estou bem.

– Como eles planejam me matar? – murmurou.

– Com *datura*. No café da manhã ou em alguma coisa que coma mais cedo. Por favor, tenha cuidado!

– Terei – sussurrou. E depois, em voz alta: – Amanhã haverá outra viagem longa. Por isso, acho que deve voltar para a cama. Espero não acordá-la, quando me levantar, cedo.

– Espero dormir profundamente. Latônia baixou a voz:

– E se eles tentarem outro método? Por favor, por favor, fique aqui, até partirmos.

Sua voz alterou-se um pouco, por estar tão agitada.

– Há alguém... ouvindo do lado de fora da porta.

– Eu sei, e por isso vamos lhe dar algo para escutar.

Dizendo isso, ele levantou a cabeça e sua boca veio de encontro à dela.

Por um momento, Latônia ficou assustada demais para poder sentir alguma coisa, além de surpresa. Sua primeira sensação foi a rigidez dos lábios dele. Então, o beijo tornou-se mais macio e mais exigente.

Nunca fora beijada antes, mas era exatamente como imaginava que seria: uma sensação de estar sendo capturada e conquistada. Os lábios dele produziam nela um estranho calor, que lhe dava um arrepio pelo corpo todo; parecia um turbilhão de chamas subindo por seus seios, sua garganta, seus lábios.

Era tão maravilhoso, tão diferente de qualquer emoção que já sentira! Todo o seu ser correspondeu ao beijo.

Latônia sabia que era aquela sensação que sempre procurara sentir, que sempre desejara. Era o amor, e ela não compreendera antes. Amor por um homem com quem convivia nas últimas semanas e que ocupava sua mente desde a manhã até a noite.

O medo que sentia dele, ou o que antes era aversão, sem que soubesse transformara-se em amor; amor que a fazia sentir-se levada para a escuridão da noite estrelada, onde eles não mais seriam humanos.

Apesar de querer mais do que nunca que ele continuasse beijando-a, Kenrick soltou-a e disse, numa voz estranha:

— Volte para a cama, Latônia. É muito tarde para fazer amor hoje. Mas fiquei contente por ter vindo.

Depois deitou a cabeça novamente no travesseiro e virou-se, dando-lhe as costas.

Fora rejeitada e se sentiu despencar do pico mais alto de uma montanha, para a escuridão do vale lá embaixo.

Por um momento, foi impossível se mover, impossível voltar à realidade. Ela tocara o divino, mas, com desespero, chegou à conclusão de que ele estava apenas representando para os criados que ouviam atrás da porta.

Vagarosamente, temendo que suas pernas não lhe obedecessem, Latônia saiu da cama. Quando seus pés tocaram o chão, quis, mais uma vez, dizer a lorde Branscombe que tivesse cuidado. Como ele poderia morrer, agora que lhe ensinara o que era realmente estar viva?

Com o coração aos saltos, que mais pareciam punhaladas, compreendeu que o marido não sentia a mesma coisa. Estavam de volta ao ponto de partida. Odiava-a e desprezava, e o prazer que lhe proporcionara com seus lábios não significava nada para ele.

Lentamente, com a sensação de estar se movendo num pesadelo, atravessou o quarto. Só quando chegou à porta, olhou para trás. Era impossível distinguir claramente no escuro, mas notou que lorde Branscombe continuava deitado exatamente como o deixara, as costas voltadas para onde ela estivera.

— Boa noite... — Latônia murmurou.

Ele não respondeu, e ela atravessou a cortina de contas, ouvindo-a tilintar atrás de si.

Novamente na cama, Latônia ficou deitada, olhando para a porta que a separava do homem cujo nome agora usava. O que mais desejava naquele momento era voltar, deitar-se a seu lado e pedir-lhe para beijá-la mais uma vez. Seria uma atitude afrontosa de sua parte, mas, como o criado estaria ouvindo atrás da porta, não poderia recusá-la. Parecia ouvir uma voz tentando-a, dizendo-lhe que poderia ser a última chance, pois, quando estivessem a sós novamente, permaneceriam calados, como depois que se casaram. A sensação que teve durante todo o dia foi de que lorde Branscombe

não suportava olhar para ela, não apenas por estar zangado, mas por ter sido enganado e levado a tomar como esposa a última mulher sobre a terra com quem desejava se casar.

Não a última mulher, corrigiu-se: estava certa de que Toni ainda ficava mais abaixo do que ela na estima dele.

Entretanto, havia pouco a escolher entre elas! Ambas se comportaram de maneira ultrajante, ambas foram irresponsáveis executando aquele plano maluco, cujas conseqüências pareciam não ter mais fim. Mas só para ela, pensou: Toni estava a salvo. Toni estava casada com o homem que amava. Toni...

Parou, de repente. Ela também estava casada com o homem que amava. A única diferença era que ele não a amava.

Como poderia ter adivinhado que se apaixonaria por lorde Branscombe, apesar de seus sentimentos por ela?

Os lábios dele não apenas a tornaram consciente de seu amor, mas trouxeram-lhe uma emoção mais forte do que tudo o que já sentira. Fechou os olhos, para reviver o estranho calor crescendo em seu corpo, como uma chama. Não era de admirar que os indianos adorassem o deus do amor e cantassem hinos em homenagem a ele.

O amor fazia parte de suas vidas, mas Latônia sabia que, para lorde Branscombe, era algo de pouca importância.

— Eu o amo! — murmurou na escuridão, e ficou imaginando o que poderia fazer para que ele correspondesse. Como provocar no marido o êxtase e a alegria que ele lhe proporcionara?

Na noite anterior, tinha chorado, de desespero e amargura, porque ele descobrira sua farsa e estava zangado. Mas, agora, sabia que havia outro motivo: era porque queria que ele a admirasse, confiasse nela e, acima de tudo, que a amasse.

Sempre parecera tão impressionante, principalmente de uniforme. Mas não era só sua aparência que a atraía, mas a aura de poder e autoridade que emanava dele e algo mais... algo que ela sabia ser o oposto do que sentira vindo do rajá.

Era uma aura de honra, bondade e justiça. Talvez nobreza fosse a palavra certa.

Em desespero, Latônia pensou que, por ter todas aquelas qualidades, o contraste com suas mentiras tornava-se ainda pior. Ele nunca a amaria.

Apenas desprezaria, pelo resto de sua vida em comum.

Então, as lágrimas vieram. Lágrimas que eram uma tortura porque chorava por algo que nunca possuiria: o amor dele.

CAPÍTULO VII

Latônia não pôde dormir e ficou pensando nas mesmas coisas tristes.

Então, com a rápida chegada da aurora, o sol iluminando primeiro o teto do quarto, antes de inundá-lo com sua luz dourada, ouviu vozes no aposento ao lado. Lorde Branscombe estava se levantando. Seus movimentos faziam-na ansiar por gritar que ele estava correndo um risco desnecessário. Como podia ser tão tolo, depois do que lhe dissera, e sair para o perigo que o esperava lá fora?

Os homens que ela ouvira conversando disseram que seria envenenado, mas agora talvez o rajá e seus cúmplices já tivessem encontrado outra maneira de eliminá-lo.

Desesperada Latônia chegou à conclusão de que qualquer coisa que fizesse só iria reforçar sua determinação de se comportar normalmente, cumprir todos os compromissos e, acima de tudo, não demonstrar medo.

Ouviu-o andando no quarto e, quando ele saiu, Latônia soube que não podia fazer mais nada, a não ser esperar.

Por estar tão amedrontada, ficou alerta para ouvir um tiro ou o grito de um homem apunhalado. Mas lá fora havia apenas o canto dos pássaros e todos os ruídos peculiares de um novo dia. Ouviu agora vozes femininas e crianças rindo, e, ao longe, o barulho de panelas sendo usadas. Aqueles ruídos pareciam ainda mais ameaçadores, porque eram comuns e familiares: o fato de um homem estar marcado para morrer não perturbava a rotina daquela gente. Não havia nada que pudesse fazer a respeito, além de rezar — rezar como nunca rezara em sua vida — pela segurança dele.

— Por favor, Deus... por favor...

Parecia que suas orações não tinham começo ou fim, como se fossem um eterno apelo pedindo ajuda e misericórdia.

Rezou por aproximadamente uma hora. Então, lembrou-se de que lorde Branscombe dissera que partiriam naquele dia. Levantou-se, rapidamente. Quando se lavava no banheiro, ouviu alguém entrar no quarto. Sabia que, ao voltar, encontraria o chá numa bandeja, ao lado da cama, e que, talvez, também estivesse envenenado. Mas era apenas uma mulher, uma criatura inferior, aos olhos dos indianos: não fazia diferença para eles se morresse ou ficasse viva. O objetivo deles era lorde Branscombe e todas as armas seriam

apontadas para ele.

Lavou-se, rapidamente, pensando, enquanto olhava para a saída da água, em como tivera sorte de ouvir as vozes através do cano. Pelo menos por enquanto, Kenrick estava salvo. Mas só de pensar que ele poderia ter ido ao encontro da morte fez com que corresse para o quarto e se vestisse, apressada.

Havia decidido esperá-lo lá, porém, agora que estava pronta, era impossível ficar. Caminhou, com cuidado, pelo corredor que conduzia à varanda. Como esperava, o café da manhã estava servido. Da mesa, podia-se ver o jardim. Como sempre, a toalha era mal passada e a prata precisava ser limpa.

Então, viu um dos criados, com seu turbante colorido e *dboti* branco, vir da casa, carregando uma pequena cesta de pãezinhos sem fermento, que eram sempre servidos na Índia: os *chipattis*.

Colocou a cesta sobre a mesa, e Latônia teve um forte pressentimento de que os *chipattis* estavam envenenados e que o homem que os trouxera sabia. Juntou as mãos e apertou-as, procurando se controlar para não gritar.

Latônia foi até a sacada e se debruçou na grade, olhando o jardim, com suas flores coloridas e o gramado que, apesar de ser freqüentemente regado, apresentava somente alguns pedaços verdes. As árvores estavam floridas e formavam um lindo quadro contra o azul do céu.

Mas não via nada, além de escuridão, traição e crueldade, que sentiu desde o momento em que entrou no palácio do rajá.

Uma voz a seu lado assustou-a.

— Lady *mem-sahib* está esperando por lorde *sahib*? — perguntou o criado.

Levou um segundo para entender o que o homem dizia. Depois, teve vontade de responder que não queria morrer antes do tempo. Mas, se despertasse a menor suspeita, se fizesse qualquer coisa anormal, eles sem dúvida encontrariam outra maneira de destruí-lo. Sacudiu a cabeça e respondeu, calma:

— Sim, vou esperar por lorde *sahib*.

O criado se retirou, com uma reverência.

Latônia esperou e esperou. Não parecia possível que o tempo passasse tão devagar. Então, quando já estava acreditando que um “lamentável acidente” tinha acontecido, ela o viu entrar na varanda, pela porta da frente

da casa.

Sentiu um alívio tão grande, que deu um grito de alegria.

— Sinto muito por demorar tanto — disse ele, despreocupado. Olhou para a mesa posta. — Não deveria ter esperado.

Como Latônia sabia que precisava representar seu papel, foi até ele e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Eu estava... admirando... os pássaros.

Só agora os notara, vários deles, nos galhos das árvores e no gramado.
110

Alguns, sabendo que os indianos não lhes fariam mal, estavam pousados na grade da varanda, esperando por migalhas de pão.

— Sim, claro, os pássaros — disse lorde Branscombe, pensativo, como se também os notasse pela primeira vez.

Fez uma pausa e depois falou, devagar:

— Talvez eles estejam famintos.

Tirou um *chipatti* da cesta e, partindo um pedaço, atirou-o para os pássaros.

Um deles, mais rápido, tomou-o no bico e voou para uma árvore. Tinha praticamente alcançado o galho, onde outros pássaros estavam pousados, quando suas asas pareceram falhar. Um instante depois, caiu no chão, como um monte amarfanhado de penas, imóvel.

Latônia perdeu o fôlego, mas lorde Branscombe pareceu não notar. Partiu mais um pedaço de *chipatti* e atirou no ar. Um pássaro voou, apanhou-o no bico e dirigiu-se para o telhado, de onde viera. Caiu morto um pouco adiante da varanda.

Sem falar nada, lorde Branscombe partiu outro pedaço do pão, mas, antes que pudesse atirá-lo, o criado que viajava com eles se aproximou:

— A carruagem está esperando, lorde *sahib*.

Kenrick colocou o resto do *chipatti* novamente na cesta sobre a mesa.

— Nesse caso — disse à Latônia —, acho que devemos ir agora. Não vamos deixar o trem esperando.

— Não. Claro que não.

Sua voz soou estranha e foi difícil tirar os olhos dos pássaros, que agora eram manchas negras, imóveis, no gramado verde.

Um criado ofereceu-lhe sua sombrinha, sua bolsa e luvas. Ao entrarem na carruagem, notou que sua pequena mala de couro fora colocada no

assento, à sua frente. O resto da bagagem seguiria em outra carruagem, com os criados.

Não havia ninguém para lhes acenar adeus, pois lorde Branscombe estava partindo mais cedo do que anunciara.

Passaram pelo palácio, sem olhar. Agora que atravessavam a cidade, Latônia sentiu o medo crescer dentro dela. O rajá devia saber por que seus hóspedes estavam indo. Compreendeu que o momento realmente perigoso era aquele, enquanto passavam pelo bazar. Pela primeira vez, as lojas de sedas, com seus fardos empilhados, não eram bonitas, e as tendas com frutas, vegetais e cereais, não eram coloridas, mas sim nefastas e agourentas. Mesmo os bois sagrados, comendo sua parte das cestas dos vendedores de verduras, eram mais assustadores do que preguiçosos.

Para ela, as mãos que se erguiam, quando passavam, pareciam empunhar adagas; e cada som era o ruído de um tiro.

Pela primeira vez, desde que viera para a Índia, não estava amando seu povo, mas odiando-o.

Quando chegaram ao campo, Latônia olhou para os rochedos, onde um homem com um rifle podia estar escondido, e para as árvores, imaginando se um assaltante não estaria entre as folhas. Um bom atirador facilmente mataria lorde Branscombe, pois a carruagem era aberta e os cavalos marchavam sem pressa, seus arreios ressoando num ritmo compassado e lento.

Latônia podia avistar a estação de trens, à distância. Aqueles eram os últimos momentos que restavam ao rajá para se desfazer de lorde Branscombe. Quando chegassem ao trem, estariam a salvo.

Queria pedir para se deitar no chão da carruagem, pois assim deixaria de ser um alvo tão exposto. Mas sabia que recusaria qualquer pedido dela e, sem dúvida, a desprezaria mais ainda por tal covardia.

Por sentir tanto medo, esperando tensamente pelo som de um rifle sendo disparado, era-lhe difícil até respirar. Fechou os olhos. Restava-lhe apenas ouvir e esperar, sentindo seu corpo como uma pedra.

— Por favor, Deus, por favor...

Continuou rezando sem parar. De repente, os cavalos pararam. Abriu os olhos. Tinham chegado à estação. Por um momento, não pôde acreditar que a viagem chegara ao fim e ficou imóvel, paralisada.

Então, com um esforço sobre-humano, desceu e atravessou a

plataforma, para subir no trem, que parecia agora um santuário. Ao voltar-se, para ver se Kenrick a seguira, ouviu-o dizer ao guarda:

— Estamos prontos para partir imediatamente!

As portas foram fechadas, soou o apito. Quando as rodas começaram a se mover, Latônia sentiu que suas pernas não podiam mais sustentá-la. Apoiou-se, para não cair, e então tudo escureceu.

Sentiu que a carregavam e, sabendo de quem eram os braços que a seguravam, pensou ouvir alguém dizer, ao longe:

— Ele está salvo! Ele está salvo!

Em seguida, deitaram-na em sua cabine, mas era impossível abrir os olhos. Lorde Branscombe lhe tirou o chapéu e os sapatos.

Era estranho que ele se preocupasse com ela, mas sua mente havia parado de funcionar e a única coisa que lembrava era que ele estava salvo: conseguiram chegar à estação e escapar dos assassinos. Então, ele disse:

— Você deve estar muito cansada, Latônia. Por isso, acho que deve compensar pela noite passada e dormir. Temos uma longa viagem pela frente e não há nada para preocupá-la, agora.

Tentou abrir os olhos para olhar para ele, mas não teve forças. Virou a cabeça de lado, contra o travesseiro, como uma criança que quer ser notada, depois de sentir medo.

Ouviu quando ele saiu da cabine, fechando a porta.

Latônia acordou do sono profundo ao meio-dia. Lembrou-se que lorde Branscombe dissera que tinham uma longa viagem pela frente; como ainda se sentia exausta, trocou de roupa e se deitou novamente. Pouco depois, um criado trouxe-lhe algo para comer.

Era o costumeiro prato indiano de arroz e vegetais com *curry*, acompanhado de vários *chipattis* recém-assados. Comeu os vegetais, mas não pôde nem olhar para os pãezinhos, que lhe recordavam os pássaros se debatendo no chão, lutando contra a morte.

Depois de comer, sentiu-se mais forte, mas ainda muito cansada. Adormeceu, pensando que as rodas do trem repetiam, sem parar:

— Ele está salvo! Ele está salvo!

Várias horas depois, um camareiro bateu à porta e avisou que estariam chegando em meia hora e que devia se vestir para continuar a viagem a cavalo.

Ele se foi, antes que Latônia pudesse perguntar para onde estavam indo.

Mas não importava. Pelo menos, estavam bem longe do rajá que queria assassinar lorde Branscombe c, talvez, o próximo anfitrião fosse mais amistoso e menos assustador.

Vestiu sua roupa de montaria, sem se preocupar com a aparência, pois agora se sentia descansada. Queria apenas ver Kenrick e perguntar-lhe milhares de coisas.

Apesar de esperar que houvesse tempo para conversar antes que chegassem à estação onde deviam desembarcar, ficou somente alguns minutos na sala de estar, depois de deixar a cabine. Lorde Branscombe estava esperando e havia trocado o uniforme por roupas comuns de montaria: calça branca e uma jaqueta.

Estava extremamente bonito e, pela simplicidade de seu traje, Latônia percebeu que iriam para algum lugar aonde chegariam sem nenhuma pompa. Ficou imaginando por que aquela província em particular seria diferente das outras.

Por enquanto, podia apenas olhar para ele, os olhos arregalados, maravilhada com o fato de estar vivo. Então, quando seus olhares se encontraram, sentiu o coração dar um salto dentro do peito. Quis correr para ele e tocá-lo, para se assegurar que era real e que não havia mais perigo algum de perdê-lo. Em vez disso, desviou os olhos, disfarçando a paixão sob os cílios escuros.

Quando o trem parou com um solavanco, ela se apoiou numa das cadeiras.

— Espero que não esteja muito cansada para montar.

— Não... claro que não. Dormi o dia todo e já estou até envergonhada da minha indolência.

— Você tem desculpas para estar cansada. Nenhum de nós achou fácil dormir, na noite passada.

Não houve tempo para Latônia responder. A porta do vagão foi aberta. Os criados esperavam, e ela notou que estavam numa pequena estação, menor ainda do que aquela onde pararam para se casar.

Desceu para a plataforma, intrigada. Mas, ao olhar para cima, ficou sem fala. Ao longe, bem acima deles, contra o céu, estavam as montanhas nevadas do Himalaia!

Era o que ela sempre desejara ver, e eram tão parecidas com o que via em seus sonhos que pensou ainda estar dormindo. Resplandeciam diante de

seus olhos, como se fossem feitas de prata. Antes mesmo que pudesse dizer as palavras de admiração que vinham a seus lábios, encontrou-se fora da pequena estação.

Havia dois cavalos esperando por ela e lorde Branscombe e a costumeira caravana de animais e criados para carregar a bagagem.

Ele a ajudou a sentar na sela e partiram. Não tentava mais descobrir para onde iriam: estava completamente feliz por estar ao lado dele, no sopé do Himalaia, onde sempre desejara estar.

Pouco depois, deixaram a pequena aldeia para trás, e viu flores que pensava existirem apenas no paraíso: vermelhas, brancas, amarelas e até mesmo azuis. Eram encantadoras, mas achava difícil tirar os olhos das montanhas, com seus picos-prateados e brilhantes.

Andaram em silêncio, por algum tempo, subindo por uma estrada que, a princípio, era larga o suficiente para cavalgarem lado a lado, mas agora tornara-se estreita demais. Lorde Branscombe seguia na frente.

O sol ainda estava muito quente, mas, ao entardecer, o frio das neves seria cortante e revigorante. Podia quase senti-lo, levando embora sua fadiga e tudo o mais, com exceção de uma estranha excitação que só fazia crescer dentro dela.

— É porque estou vendo o Himalaia! — disse a si mesma.

Mas a verdadeira razão era estar com lorde Branscombe e por ter o pressentimento de que se dirigiam para algum lugar onde ficariam a sós e onde ele não teria negócios a tratar.

Ainda continuavam subindo, e agora o brilho prateado tornava-se dourado, à medida em que o sol se punha.

De repente, surgiu à sua frente um bangalô branco e recém-pintado, reluzindo contra as montanhas, quase tão interessante como a neve lá em cima.

As flores em volta da casa eram ainda mais bonitas do que aquelas pelas quais passaram no caminho. Quando se aproximaram mais, Latônia viu dois faisões do Himalaia, os pássaros mais espetaculares do mundo, que se esconderam rapidamente nos arbustos.

Chegaram ao bangalô, e três criados vieram correndo cumprimentá-los. Eram dois homens e uma mulher de meia-idade, usando um sari vermelho. Faziam mil reverências e não paravam de sorrir.

Outros empregados levaram seus cavalos, e subiram alguns degraus,

para entrar numa das salas mais bonitas que Latônia já vira. As paredes eram brancas, e tapetes de cores brilhantes cobriam o chão. Havia flores nas mesas e cadeiras largas e baixas, que pareciam extremamente confortáveis.

Lorde Branscombe conversou com os criados na língua deles. Depois, disse para Latônia:

— Está ficando tarde. Acho que você gostaria de um banho, antes do jantar. Assim que estiver pronta, avise. Comeu muito pouco o dia todo.

Ele estava pensando nela. Sentiu um calor crescer dentro do corpo, porque ele falara como se realmente se preocupasse.

— Seria ótimo! — respondeu. — Mas, por favor, diga-me: a quem pertence essa casa adorável?

— Pertence a mim! Já a tenho há alguns anos e, sempre que tiro férias, venho para cá.

— É linda! — exclamou Latônia, olhando as montanhas pela janela. Agora, não eram mais douradas, e sim lilás e rosa, com a chegada do crepúsculo.

— Mais tarde, vou lhe contar tudo sobre a casa — disse lorde Branscombe, sorrindo.

Então, levou-a até um quarto surpreendentemente grande para um bangalô tão pequeno. Havia uma cama que mais parecia um galeão no mar com um mosquiteiro, desnecessário naquela época do ano, dobrado no alto, feito velas. Cortinas azuis emolduravam as montanhas, ao fundo. Havia também uma lareira, que acabara de ser acesa.

A mulher de sari vermelho esperava para atendê-la. Latônia notou que parte de sua bagagem já fora trazida para o quarto.

— Seu banho está pronto, lady *sahib* — disse a criada.

Quando lhe respondeu em urdu, ela sorriu, com prazer, e começou a falar, rapidamente. Foi difícil para Latônia acompanhar tudo o que dizia, mas conseguiu captar a essência de suas palavras.

O banho era perfumado, certamente com a fragrância das flores que cresciam em profusão em volta do bangalô.

O resto do cansaço que sentia foi lavado com o banho. Sua excitação crescia, até vibrar como música dentro dela. Quando terminou de se banhar, viu que o resto da bagagem estava no quarto e a mulher desfazia as malas.

Alguns dos bonitos vestidos que Toni lhe dera estavam pendurados no armário. Enquanto se vestia, foi levada mais uma vez até a janela para

admirar as montanhas.

Agora estava escuro, mas as estrelas começavam a surgir e mais tarde, provavelmente, haveria luar.

Voltou-se e notou que a mulher tirara do armário um vestido muito sofisticado que ela nunca pensou que iria usar. Era, na verdade, um vestido de baile. Mas, com a punição que lorde Branscombe lhe impusera, fazendo-a permanecer na cabine do navio, e de não participar dos acontecimentos sociais da Índia, imaginou que ficaria para sempre pendurado no cabide. Agora, ocorreu-lhe que era apropriado para uma noiva. Só gostaria de saber se seu marido a considerava como tal. Não protestou, quando a mulher indiana ajudou-a a vesti-lo.

Tinha o pressentimento de que fora escolhido, não por ser branco, que na Índia é a cor das viúvas, mas porque o tule na barra e no decote era enfeitado com pequenas pedras, brilhantes como estrelas. Latônia achou que elas refletiriam as estrelas que agora surgiam no céu. Havia também um cinto brilhante.

Quando se olhou no espelho, depois de pronta, sentiu falta de uma tiara ou um colar de diamantes. Como se soubesse o que ela estava pensando, a mulher disse, em urdu:

— Um momento, lady *sahib*! — E saiu do quarto. Sentada em frente ao espelho, Latônia ficou esperando. Pouco depois, a indiana voltou, trazendo algumas flores que as nativas costumam usar na cabeça: pequenos botões de pétalas perfumadas.

Sempre as admirara e achava que faziam qualquer mulher parecer atraente e muito feminina. A criada arrumou-as habilmente em seu cabelo, e Latônia se sentiu muito atraente, como nunca estivera antes.

— Obrigada, obrigada! A mulher sorriu, dizendo:

— Lady *sahib* é muito bonita e lorde *sahib*, muito atraente. Os dois abençoados pelo deus Krishna.

— Espero que sim.

Então, um pouco acanhada, dirigiu-se para a sala.

Como imaginara, lorde Branscombe a esperava. Usava o uniforme de gala dos Lanceiros de Bengala, que de certo modo a fazia lembrar-se dos faisões do Himalaia. Dirigiu-se para ele, pretendendo dizer alguma coisa leve e divertida, para desfazer seu embaraço. Mas seus olhos se encontraram e foi impossível falar. Como se ele sentisse a mesma coisa, nenhum dos dois se

moveu, com os olhos presos um no outro.

Uma voz, vinda da porta, quebrou o encanto.

— O jantar está servido, lorde *sahib*! — disse um criado. Ambos precisaram fazer um esforço para lembrar o que deveriam fazer.

Lorde Branscombe ofereceu-lhe o braço e entraram numa pequena e bonita sala de jantar, decorada com pinturas rajaputras, lindas e também muito valiosas. Mas, por enquanto, Latônia não podia pensar em nada, a não ser em lorde Branscombe.

Quando se sentaram à mesa, notou que estava decorada com flores brancas e ficou contente por estar usando um vestido que combinava com elas.

Não saberia dizer tudo o que comeram, exceto que estava delicioso, principalmente depois da comida do trem, que era sempre a mesma. A truta, provavelmente, devia ter vindo das montanhas e os demais pratos eram preparados com ingredientes frescos.

Foi servido suco de manga e Latônia achou-o mais gostoso do que a bebida que veio a seguir e que, para sua surpresa, era champanhe. Quando lorde Branscombe ergueu sua taça, percebeu que era uma bebida para ocasiões especiais e que estavam celebrando. Sentiu-se corar, ao ouvi-lo dizer:

— Quero que este dia seja o dia do nosso casamento e que esqueçamos a noite passada.

Fez uma pausa e depois continuou:

— Bebamos à felicidade! Acho que é o que ambos queremos, não?

Latônia pegou a taça. Seu coração batia tão violentamente, que pensou ser impossível responder. Mas, com uma voz um pouco mais alta do que um murmúrio, conseguiu dizer:

— Eu... eu espero que possa... fazê-lo... feliz.

— Isso é, na verdade, o que eu devo dizer a você. Mas como sentimos a mesma coisa, que tal bebermos juntos?

— Sim... claro.

Enquanto bebiam, sentiu a respiração ofegante e um aperto na garganta. Mal falou ou olhou para ele, durante a refeição.

Quando o jantar terminou, seguiu-o de volta à sala.

Como se alguém tivesse antecipado seu desejo, as cortinas da grande janela estavam parcialmente afastadas e lá fora podia-se ver a beleza que, por um momento, fez com que se esquecesse até de lorde Branscombe.

A lua surgira e tudo parecia estar envolto numa luz vinda dos deuses; as estrelas cintilavam e os picos das montanhas brilhavam tanto que pareciam ter uma luminosidade própria, sobrenatural.

— É tão... maravilhoso!

— E você também! — ele respondeu, suavemente.

Surpresa com o elogio, virou-se para olhá-lo. Ao fazer, isso, sentiu seus braços envolvendo-a.

— Pensei que gostaria de passar sua lua-de-mel aqui.

— Minha... lua-de-mel? — gaguejou, pois nunca esperara ouvi-lo dizer aquela palavra.

— A lua-de-mel que nunca teria acontecido, se você não tivesse me alertado, ontem à noite. Foi muito corajosa e inteligente. O dia todo, fiquei pensando em como tive sorte por você estar comigo.

— Acha... realmente... isso?

Sentia emoções estranhas pulsando dentro dela, porque lorde Branscombe a abraçava.

— Você está seguro? Realmente seguro, agora que estamos aqui? Acha que eles não vão... segui-lo?

Sentiu lorde Branscombe apertá-la nos braços, antes de dizer:

— Quando fala dessa maneira, parece mesmo se importar com o que possa me acontecer.

— Mas é claro que me importo! — disse, sem pensar. — Nunca passei tanta agonia como hoje, a caminho da estação, quando pensei que atirariam em você.

— Achei que estava aflita. Foi por isso que desmaiou, quando chegamos ao trem?

— Naturalmente. Mas agora você está seguro! Por favor, deve ser cuidadoso, muito cuidadoso no futuro, porque eu...

Quase disse: “porque eu não suportaria perdê-lo”. Mas sua voz e sua confissão morreram na garganta.

— Não vai terminar o que estava dizendo? Ela sacudiu a cabeça e continuou calada. Então, foi a vez dele confessar:

— Pensei que você me odiasse, por eu a estar castigando, achando que era Toni. Você, certamente, demonstrou não gostar de mim, até a noite passada, quando a beijei. Naquele momento, tive uma impressão totalmente diferente.

Sentiu Latônia estremecer em seus braços e viu que corava. Ela tentou esconder sua emoção, mas ele falou gentilmente:

— Quando a beijei, Latônia, pensei que os lábios de mulher alguma seriam tão macios e tão doces, a não ser que ela também sentisse o que eu sentia.

Ficou tensa e murmurou:

— E... o que... sentiu?

— Aquilo que já sentia há muito tempo. Apesar de ter lutado contra e de ter ficado apavorado com a idéia, não pude escapar. Então, na noite passada, admiti: era amor.

Sua voz ficou mais grave, ao pronunciar aquela palavra que Latônia tanto desejava ouvir!

— Está dizendo... que me ama... um pouco?

— Eu a amo como nunca amei ninguém antes. Não compreende as aflições que me fez passar?

Olhou-o, sem entender, e ele disse, com um sorriso forçado nos lábios:

— Pensei que você fosse minha sobrinha. Estava horrorizado com o que sentia por você. E chocado, também.

Latônia respirou fundo.

— Você me amava, mesmo antes de saber...

— Apaixonei-me por você quando lhe ensinava urdu e descobri como era esperta e inteligente. Sua maneira de raciocinar me excitava e animava, cada vez que falava comigo.

— Pensei que me... desprezasse.

— Tentei sentir por você o que senti por Toni, quando fiquei sabendo da maneira como ela se comportou com o jovem Luddington e outros homens. Mas não consegui!

— Fico... contente. Queria tanto que me... admirasse e... gostasse de mim.

— E como eu poderia saber disso? Tudo em que conseguia pensar era que, por causa de meus sentimentos, precisava tirá-la de minha vida. Mas cada instinto em meu corpo pedia que você ficasse. Oh, minha querida, como pôde me fazer isso?

A maneira como falou e a ternura de suas palavras fizeram Latônia esconder o rosto em seu ombro. Seus braços ainda a envolviam e ela sentiu os lábios dele no cabelo.

— Bem antes da noite passada, eu já sabia que a amava. Quando você salvou minha vida e se comportou com a coragem e a inteligência que só uma mulher em um milhão poderia demonstrar, percebi que encontrara a esposa perfeita.

— Você está mesmo falando a verdade?

— Deixe-me convencê-la.

Tocou seu queixo e ergueu o rosto dela. Olhou-a, por um momento, como para gravar sua beleza na mente para sempre. Então pousou os lábios nos dela.

Enquanto a beijava, Latônia sentiu que era aquilo o que queria e há muito desejava. Seu beijo agora era ainda mais maravilhoso do que o da noite anterior: sentiu as flores e as montanhas, o luar e as estrelas, e até mesmo os deuses descerem de seus esconderijos e formarem um todo com ela e lorde Branscombe.

Ele a beijou, até que ela não se pertencesse mais, mas fosse toda dele. Depois, o mundo inteiro, até mesmo a lua e as estrelas, deixou de existir. Só havia seus braços e seus lábios...

Muito tempo mais tarde, Latônia sussurrou:

— Eu amo você!

Ele a apertou mais. O fogo na lareira tornava a sala toda dourada, mas era o amor que brilhava intensamente nos olhos do homem que adorava.

Afastando o cabelo da testa dela, Kenrick disse:

— Como você pode ser tão perfeita? Fico tentando encontrar uma falha em sua perfeição, mas é impossível. Agora sei que sou o homem mais afortunado do mundo, porque você me pertence.

— *É verdade?* É verdade mesmo? Sempre terei medo de perdê-lo.

— Porque não quero preocupá-la, não farei mais nenhuma investigação como a que acabei de fazer.

— Promete?

— É fácil prometer, pois sei que o vice-rei tem uma missão diferente para mim, no futuro.

— O que é? — perguntou, apreensiva.

— Serei nomeado governador, e nenhum governador terá uma esposa mais adequada, mais completa do que você será para mim, minha querida.

— Mesmo?

— Quando nossa lua-de-mel terminar, iremos para Calcutá. Então,

saberá que estou dizendo a verdade.

— Estou contente, muito contente. Eu o amo tão desesperadamente! Acho que não suportaria novamente as agonias pelas quais passei hoje.

— Agora, você sabe o que venho sentindo há semanas.

Puxou-a para mais perto.

— Se eu tivesse sido obrigado a perdê-la, então acho que teria aceito a "maçã da morte", em vez de continuar vivendo sozinho.

— Você não deve dizer tais coisas — gritou Latônia. — Você é tão maravilhoso, tão fantástico em todos os sentidos, que tenho certeza de que a Índia não poderia ficar sem você.

— No momento, não estou preocupado com a Índia, mas com minha esposa. Sei, querida, que nenhum de nós pode viver sem o outro. Aqui, à sombra do Himalaia, sinto que esta não é primeira vez que nos encontramos e que nosso amor é eterno.

— É o que sinto também. Papai costumava falar comigo sobre reencarnação, e sempre rezei para encontrar alguém que tivesse amado antes e que também tivesse me amado.

Ela deu um pequeno suspiro de irritação, quando disse:

— Estou tão zangada comigo mesma por não sentir, desde o momento em que o vi, que você era essa pessoa.

— Eu também devia ter sentido a mesma coisa. Mas não levou muito tempo, meu bem, para que seu magnetismo me fizesse prisioneiro, apesar de eu ter lutado muito contra isso.

— Estou tão feliz por ter perdido a luta.

— Eu tinha a intenção de fazê-la casar-se com Andrew Luddington.

Latônia deu um grito de pavor:

— Como poderia? Como poderia pensar em algo tão errado e cruel?

— Eu queria me livrar do amor que crescia a cada dia. Como sabia que era errado, cheguei à conclusão de que a única saída seria você se casar com outra pessoa.

— Como pôde pensar que eu faria... algo... tão horrível?

Lorde Branscombe sorriu.

— Tinha um pressentimento de que você recusaria, mas a situação nunca surgiu realmente. Por isso, agora, podemos esquecer toda aquela infelicidade e lembrar apenas de que estamos juntos, como o destino decidiu. Um destino maravilhoso e perfeito, e que se tornará mais perfeito, ano após

ano.

— Eu quero fazê-lo feliz.

— Estou mais feliz agora do que já estive em toda a minha vida. Porque você é minha, meu amor, e eu cuidarei de você e a protegerei, e nunca mais deixarei que me engane.

— E me perdoa por tê-lo enganado?

— Não, completamente. Pretendo continuar castigando-a, mas com beijos!

Latônia se aproximou um pouco mais.

— Eu gostaria... disso...

Beijou-a e sentiu seu corpo estremecer de encontro ao dele.

— Eu amo você! Deus, como a amo!

Acariciou seu rosto delicado.

— Se você algum dia parasse de me amar, eu morreria.

— Eu amo você... amo-o com meu coração, minha mente e... minha alma. Tudo pertence a você.

Sentiu a mão dele deslizar tocando-lhe os seios.

— E seu corpo?

— É seu também. Por favor, acredite.

— Eu acredito. Mas agora, minha linda querida, precisa provar seu amor muitas vezes.

Seu lábios pousaram nos dela, e Latônia sentiu as chamas do fogo queimando dentro dela. Não havia necessidade de provar seu amor, pois os deuses, mais uma vez, desceram para envolvê-los. Eram uma só pessoa, um só amor, que viera da eternidade e continuaria na eternidade.

O amor que nunca morre.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

A histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que, segundo a própria Barbara, a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia.

A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos dessa autora inglesa que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora, teatróloga, conferencista e oradora política. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isso, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidenta da Associação Nacional Britânica para a Saúde.



A BEIRA DO LAGO ENCANTADO

A princípio, Ian Arkley pensou que aqueles gemidos no quarto ao lado fossem o lamento de um animalzinho ferido. Então, ouviu claramente uma voz de mulher implorar: “Não me machuque, Friederich!”

A partir daquele momento, a princesa Mariska estaria sempre presente em seus pensamentos. Não apenas como a infeliz esposa de um inválido, bêbado e sádico, que a surrava com um chicote, mas como o único amor de sua vida; um amor sem esperança, porque, além de casada ela era uma princesa alemã, uma inimiga! E lorde Arkley tinha motivos para desconfiar de que Mariska nunca deixaria de ser fiel àquele marido que a odiava!